

ROGERIO DE OLIVEIRA

DO PROGRESSIVO DO INGLÊS AO PROGRESSIVO DO PORTUGUÊS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Lingüística, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Elena Godoy
Co-orientador: Prof. Dr. Michel Gagnon

· CURITIBA

1999



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

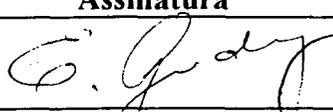
PARECER

Defesa de dissertação do Mestrando ROGÉRIO DE OLIVEIRA, para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados Elena Godoi, Michel Gagnon e Roberta Pires de Oliveira argüíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“DO PROGRESSIVO DO INGLÊS AO PROGRESSIVO DO PORTUGUÊS”

Procedida a arguição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Conceito
Elena Godoi		A
Michel Gagnon		A
Roberta Pires de Oliveira		A

Curitiba, 18 de novembro de 1999.


Prof.^a Reny Gregolin
-Coordenadora

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: "Navegar é preciso; viver não é preciso."

Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

(F. Pessoa)

AGRADECIMENTOS

À professora Elena Godoy, pela orientação tranqüila e coerente

Ao professor Michel Gagnon, cuja colaboração tornou possível a execução deste trabalho

Ao professor Borges Neto, pelas aulas memoráveis

A Odair Rodrigues, pela amizade e apoio técnico

À CAPES, pelo apoio financeiro

Às minhas filhas - Cássia, Clara e Pilar - e meu filho Martim, por existirem

À Albertina da Rosa, pelo zelo por nossos filhos

À minha mãe, por sempre ter acreditado em mim

Aos meus irmãos e todos aqueles que de um modo direto ou indireto contribuíram para que este trabalho fosse levado a cabo

SUMÁRIO

Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
Introdução.....	01
CAPÍTULO I	05
1. Aspecto	
1.1. As formas progressivas.....	05
1.2. A classificação de Vendler.....	06
1.3. O paradoxo do imperfectivo.....	12
1.3.1. Dowty e o paradoxo do imperfectivo.....	12
1.3.2. Declerck e o paradoxo do imperfectivo.....	24
1.4. A proposta de Moens e Steedman.....	27
1.4.1. O aspecto progressivo.....	31
1.4.2. Os advérbios.....	32
1.5. A proposta de Cann.....	37
1.5.1. Tempo.....	37
1.5.2. Aspecto.....	39
1.6. Teoria da aspectualidade de Verkuyl (1993).....	44
1.6.1. O princípio 'Plus'.....	44
1.6.2. As classes de Vendler e a composição aspectual de Verkuyl.....	46
1.7. A proposta de Godoy (1992).....	51
1.7.1. Implicações da teoria de Godoy para a análise do progressivo.....	56
1.7.2. A proposta de Godoy para a análise do português.....	62

CAPÍTULO II	66
2. Tempo gramatical	
2.1. A teoria de Reichenbach.....	66
2.2. A proposta de Comrie.....	72
2.3. A teoria de Declerck: para além de Reichenbach e Comrie.....	94
2.4. Tempo, advérbio e contexto: o modelo de Smith (1978).....	104
CAPÍTULO III	123
3. A Teoria de Representação do Discurso (DRT) - Kamp & Reyle (1993)	
3.1. Preliminares.....	123
3.2. Tempo gramatical.....	131
3.3. Aspecto.....	146
3.4. Perspectiva temporal.....	154
CAPÍTULO IV	159
4. Uma proposta para a análise do português	
4.1. Introdução.....	159
4.2. Peculiaridades do português.....	161
4.3. Godoy e a DRT.....	166
4.4. Habitualidade.....	173
5. Considerações finais.....	178
6. Referências bibliográficas.....	180

RESUMO

Este trabalho diz respeito à análise daquelas construções progressivas da língua inglesa - '*verb+ing*'- que ocorrem juntamente com o verbo de ligação '*to be*', em suas várias formas, constituindo sintagmas verbais chamados de '*Progressive Tenses*', e sua(s) contrapartida(s) em português.

Para dar suporte a esta análise, arrolamos algumas das principais teorias de tempo gramatical e aspecto dos lingüistas mais eminentes, bem como a teoria de representação do discurso (DRT) de Kamp & Reyle (1993).

A 'Teoria da Representação do Discurso' (DRT) é a teoria que fazemos uso para formalizar a constituição temporal e aspectual do significado das sentenças na forma simples e progressiva do inglês. A mesma teoria de representação, após a modificação por nós sugerida, deve ser capaz de representar as forma simples e progressivas do português.

Nosso objetivo último é sugerir uma proposta para a análise do progressivo do português. Mais precisamente, para a análise de construções como '*estava verbo+ndo*' e '*esteve verbo+ndo*'. Após termos investigado a diferença semântica entre essas duas perífrases, que não encontra par em língua inglesa, achamos por bem reformular as estruturas de representação do discurso (DRSs), elaboradas por Kamp & Reyle para a língua inglesa, para podermos expressar a diferença entre essas duas construções do português.

ABSTRACT

This dissertation has to do with the analysis of those constructions in the English language formed by 'verb+ing' together with the auxiliary 'to be', constituting what is called 'Progressive Tense'; and its parallel construction in Portuguese.

To support our analysis we introduce the reader to some of the main works regarding the analysis of tense and aspect, as well as the theory named DRT. We make use of this theory in order to formalize the temporal and aspectual constitution of the meaning of sentences in both simple and progressive forms of English in the past tense. The same theory, after the modification we will have proposed, should be able to represent sentences in both simple and progressive forms of Portuguese in the past tense.

Our main concern is to account for the two possibilities of presenting progressive sentences in Portuguese: in the 'imperfective' (*estava verb+ndo*) and 'perfective' (*esteve verb+ndo*) aspect.

After analysing the difference between the two progressive constructions in Portuguese - which has no parallel in English - we will be suggesting a reform in the DRS presented by Kamp & Reyle (1993) for the English language, so that we can express the difference between the two progressive forms of Portuguese in past tense sentences.

INTRODUÇÃO

Os estóicos¹, conforme observa Lyons (1977), foram os primeiros a observar que além da propriedade dêitica, i.e. a referência implícita ou explícita ao momento da fala, os verbos apresentam uma outra propriedade que diz respeito ao modo como expressam o estado, evento ou ação². Uma eventualidade pode ser apresentada em sua totalidade (por inteira), sem que se faça referência à sua estrutura interna; ou pode ser apresentada de modo incompleto, inacabado. Estes dois modos de apresentar a eventualidade³ se relacionam à noção de 'completude' e 'incompletude', cujos significados correspondem aos termos 'perfectividade' e 'imperfectividade', respectivamente, em uso atualmente.

Por influência da tradição gramatical greco-latina, a distinção mencionada acima, i.e. perfectividade, imperfectividade, tem sido erroneamente relacionada com a classe dos tempos gramaticais. Não obstante, conforme dissemos acima, a categoria do tempo gramatical é uma categoria dêitica, enquanto que o aspecto não é dêitico: não faz referência a nenhum ponto, não se prestando à localização do enunciado na linha do tempo. (cf. Lyons 1977, 677)

A maioria dos verbos são inerentemente dinâmicos, denotando um evento ou atividade, ao invés de um estado. Os verbos estativos, e.g. *know*, *have*, *belong*, *live*, *contain*, etc., constituem uma subclasse de verbos que normalmente não ocorrem no aspecto progressivo.

A estatividade do verbo é lexicalizada e não gramaticalizada: ela faz parte do caráter aspectual do verbo, quer dizer, do seu significado inerente. Todavia, a estatividade é gramaticalmente relevante devido ao fato de ser incompatível com a forma sintática progressiva. A incompatibilidade entre estatividade e o progressivo é explicável em termos de distinção ontológica, independentemente de uma língua em particular, entre situações estáticas e situações dinâmicas.

O tratamento do aspecto, na tradição anglo-saxã, geralmente faz referência às duas noções semânticas expostas acima, i.e. a estatividade e o progressivo. Outras

¹ Seguidores do estoicismo: doutrina do filósofo grego Zenão (340-264 a.C.)

² Esta tripartição será esclarecida no capítulo I.

³ Usaremos o termo neutro 'eventualidade' para nos referirmos a qualquer um dos termos da tripartição arrolada acima, sem fazer distinção.

noções podem ser trazidas à baila: duração, completamento, habitualidade, iteração, momentaneidade, inepção, terminação..., sendo todas as noções não-dêiticas.

Vendler (1967) faz primeiramente a distinção entre verbos que aceitam a forma progressiva e aqueles que não a aceitam. A aceitação da forma progressiva sugere que o verbo é um processo que está se desenvolvendo na linha do tempo. Assim, verbos como *running*, *writing*, *playing* são constituídos de fases sucessivas, que se seguem umas às outras na linha do tempo. Eles, ao contrário dos verbos estativos, denotam processo.

Dentro da classe dos processos existe uma subclasse, que Vendler denomina *accomplishment*, que se diferencia pela característica do 'completamento', i.e. apresenta um ponto final natural. Os *accomplishments* duram um tempo determinado e são completados neste tempo: são processos que apresentam um evento no seu ponto final (end-point). Se alguém estiver desenhando um círculo ou correndo uma milha neste instante e parar no próximo momento, pode não ser verdade que esta pessoa realmente desenhou um círculo ou correu uma milha. É preciso que o climax, i.e. o ponto final, seja atingido para que o processo denotado pelo verbo seja verdadeiro.

Uma outra subclasse arrolada por Vendler é a classe dos *achievements*. Os verbos que pertencem a esta classe não denotam processo, mas sim eventos: daí a razão de não combinarem bem com advérbios que denotam período de tempo ou com formas que expressam duratividade, como as formas progressivas. Os verbos desta classe, que não aceitam forma progressiva, se diferenciam dos estados porque expressam uma transformação, enquanto que um estado faz referência a um estado de coisas que se mantém o mesmo por um determinado período.

Esta classificação de Vendler, baseada em Aristóteles, apesar de questionada e criticada muitas vezes, tem sido o ponto de partida para qualquer estudo lingüístico que diga respeito ao aspecto verbal.

No presente trabalho, inquirimos sobre a análise semântica daquelas construções progressivas da língua inglesa - '*verb + ing*' - que ocorrem juntamente com o verbo de ligação '*to be*' (cf. (01) - (03)), em suas várias formas, i.e. *am*, *is*, *are*; *was*, *were*, constituindo locuções verbais que costumam ser chamadas, em língua inglesa, de '*Progressive Tenses*'⁴:

⁴ O termo *tense* (tempo gramatical) é controverso. Para alguns estudiosos, o progressivo faz parte do aspecto verbal, e não de seu tempo gramatical.

(01) I am studying at the moment.

Eu estou estudando no momento

(02) She is helping her father.

Ela está ajudando seu pai

(03) Mary was walking on the beach.

Maria estava caminhando na praia

Não nos ocuparemos dos casos em que a partícula '*ing*' não cumpre a função de indicar progressividade, como a sufixação da partícula '*ing*' ao verbo por ele estar na posição de sujeito, exercendo a função de não-verbo: *working is necessary*; ou por ser precedido de preposição, como em *I thought about going to her place*; ou ainda por fazer parte de tempos verbais mais complexos: *I've been thinking about that*. Outrossim, não nos ocuparemos de formas subjuntivas ou futuras, por não serem passíveis de análise num modelo que não inclui mundos possíveis, e trabalha com semântica de valor de verdade, como aquele que usaremos neste trabalho. Da mesma maneira e pela mesma razão, não pretendemos arrolar aqueles casos em que o progressivo é usado com idéia de futuro, (cf. (04) e (05)) dado o contexto ou o advérbio temporal que o acompanha:

(04) He is traveling tomorrow.

Ele está viajando amanhã

(05) He is arriving late.

Ele vai chegar atrasado

Após investigarmos as formas progressivas do inglês, passaremos à investigação das formas progressivas do português. Nosso objetivo último é analisar a diferença semântica entre construções progressivas formadas com '*estava*' e aquelas formadas com '*esteve*', como em '*João estava/esteve trabalhando*', por exemplo. Em seguida, argumentamos sobre a (in)compatibilidade entre a proposta para a análise aspectual de Godoy (1992) e a DRT de Kamp & Reyle (1993). Por último, sugerimos, nos moldes da DRT, uma representação formal para aquelas sentenças progressivas do português que constituem o que chamaremos de '*Paradoxo do Progressivo Perfectivo*'.

No capítulo I deste trabalho, apresentaremos uma discussão detalhada da análise aspectual de Vendler, bem como outras propostas para a análise aspectual. Uma vez que

não é possível fazer uma análise aspectual sem trazer à baila questões temporais, introduziremos, no capítulo II, a teoria de tempo de Reichenbach e outras propostas de análise temporal.

Nosso objetivo último é sugerir a forma de representação temporal e aspectual que, a nosso ver, possa representar com maior fidelidade o significado das sentenças na forma progressiva e sua contrapartida no tempo simples. Para esta formalização, apresentaremos, no capítulo III, as estruturas de representação propostas por Kamp (1993) em sua '*Discourse Representation Theory*' (DRT).

Finalmente, no capítulo IV, apresentaremos uma proposta para a análise do progressivo do português no passado. Mais precisamente, a análise de construções como 'estava verbo+ndo' e 'esteve verbo+ndo'. É nosso objetivo investigar a diferença semântica entre essas duas construções e sugerir, nos moldes da DRT, uma representação formal para cada uma delas que expresse tal diferença. Nossa análise do progressivo do português investigará o que chamaremos neste trabalho de 'Paradoxo do Progressivo Perfectivo'. A expressão nos parece sugestiva e será devidamente introduzida e explicada nesse capítulo.

CAPÍTULO I

ASPECTO

1.1. As formas progressivas

Tendo em vista que nem todos os lexemas verbais podem ser inseridos em construções progressivas, isto é, aquelas estruturas constituídas de um verbo auxiliar e um verbo principal no gerúndio (em inglês, 'be verb+ing'; em português, 'estar verbo+ndo'), tentativas têm sido feitas no sentido de elencar aqueles verbos que aceitam a forma progressiva e aqueles que não a aceitam. Parte-se, geralmente, do pressuposto de que estes verbos apresentam algumas características lexicais em comum - o fato, por exemplo, de serem agentivos, ou de expressarem uma ação ou estado de coisas sobre as quais o indivíduo ao qual a expressão-sujeito se refere tem controle -, e que essas características manter-se-iam constantes em quaisquer ocorrências do lexema verbal.

O enfoque descrito acima parece-nos essencialmente correto, mas não esgota a classificação dos lexemas verbais no que tange às formas em que podem aparecer, bem como às características intrínsecas que emprestam às ações que descrevem. Sabe-se que a estrutura sintática da sentença pode cercear ou favorecer o uso de certos verbos em detrimento de outros, e que a classificação, portanto, não deve se esgotar no item lexical, mas sim levar a estrutura sintática em consideração. Alguns verbos, por exemplo, não permitem sua inserção em construções progressivas (cf. (06)); outros só as permitem em contextos muito específicos. A sentença (07), por exemplo, poderia se referir a alguém que, num determinado momento, está se comportando de forma ingênua, mas que não é uma pessoa ingênua, necessariamente (como seria interpretado caso usássemos a forma simples).

(06) *She is liking the party.

Ela está gostando da festa

(07) She is being naïve.

Ela está sendo ingênua

Tendo em mente que os verbos possuem características intrínsecas que descrevem o modo como a ação acontece no decorrer do tempo, que o elemento temporal é fundamental na semântica dos verbos, e que a estrutura sintática cerceia, favorece ou altera o uso dos mesmos, é nossa opinião que uma classificação de base lexical, apesar de constituir excelente ponto de partida, não pode atender nossos propósitos.

1.2. A classificação de Vendler:

Para Vendler (1967), o conceito de tempo gramatical não se limita apenas à discriminação feita entre presente, passado e futuro. A escolha de um determinado tempo verbal é também um modo particular de pressupor e perceber a noção de tempo descrito pela forma verbal. Para Vendler, a classificação dos verbos deve ser feita com base nos contextos sintáticos em que podem intervir e nas inferências permitidas pelas frases que os contêm.

Distinções têm sido feitas entre verbos que sugerem estado, processo, disposição, ocorrência, tarefa, realização, etc. (cf. Lyons 1977, 707) Tais diferenças não podem ser explicadas aludindo-se apenas à idéia de tempo, muito embora a idéia de tempo permaneça crucial. Sendo assim, Vendler apresenta um esquema temporal que leva em conta certas características intrínsecas que cada termo possui ao expressar a 'ação' verbal, e que pretende justificar a escolha e uso das formas verbais do jeito que normalmente o fazemos. Todavia, existem verbos que se enquadram em dois, ou mais de dois, dos esquemas de tempo propostos por Vendler, suscitando divergência conceitual. Por isso, o que Vendler pretende é sugerir um modo de descrever o uso dos verbos, considerando seus aspectos intrínsecos, e não ditar regras sobre o uso dos mesmos. Nesta perspectiva, Vendler toma, à guisa de exemplificação, verbos mais 'regulares' - se tal termo pode ser usado - que melhor se comportam dentro de seu esquema de tempo.

Vendler começa por considerar verbos, em língua inglesa, que normalmente aceitam forma progressiva, constituindo sintágramas verbais do tipo '*be verb+ing*', e verbos que não aceitam. Uma resposta à pergunta '*What are you doing?*' pode ser respondida por '*I'm working, running, writing, ...*', caracterizando processos que se desenvolvem na linha do tempo, constituídos de fases sucessivas. A mesma pergunta,

não obstante, não poderia ser respondida por '*I'm knowing, recognizing, loving ...*'.

Dentre os verbos, ou sintagmas verbais, que admitem forma progressiva, existem aqueles cujas ações duram um tempo determinado, e.g. *running a mile, drawing a circle, writing a letter...* - chamados de *accomplishment terms* - e aceitam perguntas do tipo '*How long did it take to...?*', porque possuem um ponto específico na linha do tempo para o término de sua ação; e existem aqueles cujas ações não apresentam nenhum tempo definido ou pré-determinado, e.g. *running, pushing a chart,...*, que se chamam verbos de atividade: *activity terms*. Estes verbos denotam ações que prosseguem no tempo de forma necessariamente homogênea - pois qualquer parte do processo é da mesma natureza de sua totalidade -, sendo que este grupo admitiria perguntas do tipo: '*For how long did you...?*'.

Verbos como *knowing ou recognizing* - que normalmente não apresentam forma progressiva - não constituem processos, mas sim, atribuem um predicado ao sujeito com valor de verdade ou falsidade. Esse predicado pode ser atribuído por um simples momento (momento definido) - '*wins the race*', '*reaches the hilltop*', '*spots something*'- *achievement terms* - ou por períodos de tempo maiores ou menores - *state terms* - '*know or believe something*', '*love or dominate somebody*'.⁵

Assim sendo, temos dois grandes grupos de verbos: aqueles que aceitam forma progressiva, e aqueles que não aceitam. Esse dois grupos apresentam dois subgrupos cada: *activity e accomplishment*; e *achievement e state*, respectivamente.

Os verbos de atividade não devem ser confundidos com os verbos de *accomplishment* por suas implicações lógicas: se alguém estiver cantando ou trabalhando (atv.) e parar no próximo instante, ainda assim pode dizer que a pessoa cantou ou trabalhou; enquanto que se a mesma pessoa estiver desenhando um círculo ou pondo um carro na garagem e parar no próximo instante, não se pode afirmar que o círculo tenha sido desenhado ou o carro posto na garagem. Este tipo de ação possui um ponto terminal que pode ou não ter sido alcançado. O valor de verdade de sua totalidade não se estende às suas partes. Essa característica dos *accomplishments* faz surgir o que Dowty (1977) chama de paradoxo do imperfectivo, e que veremos mais à frente.(cf. 1.3)

Não se deve, tampouco, confundir *achievement* com *accomplishment*. Este pressupõe a continuidade da ação, *It took me an hour to write a letter* (Eu levei uma hora para escrever uma carta), a ação se estende por toda aquela hora, eu posso dizer

⁵ Há, entretanto, achievements e estados que aceitam forma progressiva.

I'm writing a letter em qualquer momento dentro daquele período; aquele, por outro lado, não indica continuidade da ação. Em *It took him three hours to reach the summit* (Ele levou três horas para chegar ao topo), por exemplo, o '*reaching*', propriamente dito, não durou três horas, mas foi a subida que durou. Logo, sempre que alguém disser '*I'm reaching the top*', este alguém estará se referindo a um momento ou intervalo que precede o momento de 'alcançar o topo' propriamente dito.

Quanto aos verbos de estado, o fato de não combinarem bem com formas progressivas é suficiente para que eles não venham a ser confundidos com os verbos de atividade ou de *accomplishment*; e o fato de apresentarem duração é suficiente para distingui-lo dos verbos de *achievement*. Temos ciência da existência de exemplos contrários à noção citada acima e, portanto, problemáticos - '*I'm understanding more about quantum mechanics as each day goes by*', ou '*She's being selfish*',... -, não obstante, os evitaremos, por hora.

É possível ainda, no que diz respeito aos verbos de estado em relação aos verbos de atividade e de *accomplishment*, traçar uma distinção que não diz respeito à idéia de tempo. Quando alguém diz, por exemplo, '*I could run if my legs were not tied*' não significa que a pessoa se poria a correr, caso suas pernas não estivessem amarradas. O mesmo não acontece com '*He could know the answer if he had read Kant*'. Parece que nesta frase, e em outras frases condicionais - '*I could like her if she were not selfish*' - '*could*' se equipara a '*would*', sendo portanto intersubstituíveis, se o outro verbo da locução for um verbo de estado. Nesse sentido, parece que '*...while to be able to run is never the same thing as to run or to be able to write a letter is by no means the same as to write it, it seems to be the case that, in some sense, to be able to know is to know, to be able to love is to love and to be able to see is to see.*' (Vendler 1967, 105)

Quanto aos verbos *achievements*, pode-se afirmar que '*...to be able to recognize is to recognize and to be able to spot the plane is to spot the plane.*' (idem). Não obstante, existem outros verbos *achievement* cujas formas não se equivalem: '*... to be able to start or stop running is by no means the same thing as to start or stop running,*' (idem). Por isso é preciso recorrer a um outro critério de classificação que também não diz respeito ao tempo, mas sim à intencionalidade (*deliberately* ou *carefully*). Pode-se afirmar, então, que são os verbos *achievement* que denotam uma ação involuntária, que ao formarem locuções com o verbo '*can*', apresentam a mesma característica dos verbos de estado, descrita no parágrafo anterior, i.e. '*... to be able to recognize is to*

recognize and to be able to spot the plane is to spot the plain.' (idem)

O esquema temporal de Vendler mostra que o conceito de atividade diz respeito a um período de tempo que não é definido, não é inteiro. O conceito de *accomplishment*, por outro lado, implica na noção de um período de tempo definido, apresentado por inteiro. De forma análoga, enquanto um verbo *achievement* se relaciona com um instante de tempo definido, o estado envolve instantes que se apresentam de forma indefinida.

Sendo assim, e dado o caráter involuntário dos verbos de estado e alguns verbos *achievements*, pode-se afirmar que eles não se caracterizam como ações, mas antes denotam qualidade - *being married, hard, yellow* - ou hábitos (no sentido mais geral) - *being a smoker, being a chess player, working for G.E.*

Vendler, seguindo a terminologia de Ryle (1949), classifica os estados de *smokers, painters, dogcatchers*, etc, como estados específicos '*specific states*', i.e termos que indicam ações da mesma natureza; e os estados de *rulers, servants, educators*, como estados genéricos - '*generic states*', i.e. termos que pressupõem ações de outra natureza embutidas neles, por assim dizer. O ato de governar, por exemplo, implica em uma série de ações vinculadas ao cargo: passar tropas em revista, assinar documentos, ministrar palestras...; enquanto que ser um pintor denota, grosso modo, a ação específica de pintar.

Contudo, existem verbos cuja classificação é bastante problemática. É o caso de verbos como '*think*', '*know*' e '*understand*', ou '*see*' e '*hear*', entre outros. Começaremos analisando o verbo '*think*'. Esse verbo é usado basicamente com dois sentidos diferentes. O primeiro é uma atividade - ex.: '*He is thinking about Jones*'- tal frase pode ser usada para descrever o que determinada pessoa está fazendo por um determinado período, sendo que todas as partes que constituem este período se assemelham ao todo; e o segundo um estado - ex.: '*He thinks that Jones is a rascal*' -, que pode ser dita sobre alguém que esteja dormindo, por exemplo. Logo não constitui um processo, uma vez que as partes desse período não se assemelham em toda sua duração.

'*Thinking that*' não se relaciona com '*thinking of*' da mesma maneira que '*smoking*'- no sentido de hábito de fumar - se relaciona com '*smoking*'- no sentido de atividade, do ato de fumar. '*Thinking that*' se assemelha mais a '*ruling*', uma vez que implica em ações de vários tipos. É um estado genérico - '*generic state*'.

Da mesma forma, '*believing that*' (*he believes that...*) é um estado genérico, e

pode ser trocado por '*thinking that*' (*he thinks that...*), na maioria dos casos. '*Believing in*', muito embora apresente diferença de significado, pertence à mesma categoria: '*He believes in the right cause*' (mesmo enquanto estiver dormindo).

O verbo '*know*' é um caso claro de estado, em seus vários usos - *know that, how, something, somebody*. Uma vez que não podemos dizer, em inglês, '*I'm knowing*', o verbo '*know*' deve constituir um estado genérico. O verbo '*know*' (saber ou conhecer) sempre arremete a uma outra informação. Deixe-nos esclarecer melhor esse ponto: podemos saber matemática, saber dançar, tocar piano, conhecer geografia..., mas tais ações são de outra natureza, diferentes do conhecimento em si.

É importante que não misturemos *achievements* que iniciam atividades daqueles que iniciam um estado. Quando nos deparamos com frases do tipo '*Now I know it!*' somos tentados a classificar tal situação como o começo de uma atividade '*start knowing*', o que não é o caso. É o começo de um estado de '*know*'.

O mesmo acontece com o verbo '*understanding*', ainda mais comum quando usado no sentido de *achievement*. Não existem '*flashes*' de entendimento, mas sim um *achievement* que dá início a um estado de entendimento.

No que diz respeito ao verbo '*seeing*', Vendler (1967), consoante Ryle (1949), afirma que tal termo pode ser um estado ou uma atividade, ou ainda, funcionar como um tipo de *achievement*, ou evento bem sucedido, similar a vencer uma corrida ou achar algo. Para Vendler, não há dúvida de que '*seeing*' possa ser um *achievement*. Frases como '*At that moment I saw him*', onde se pode afirmar '*I have seen him*', tão logo se possa afirmar '*I see him*', bastariam para comprovar tal ponto. Não obstante, frases como '*I saw him all the time he was in the shop*' ou '*Do you still see the man?*', parecem sugerir uma outra possibilidade. Possibilidade essa que não é admitida para o verbo '*spot*', por exemplo. Haja vista que o verbo '*spot*' conota um momento na linha do tempo que é indivizível, enquanto que '*seeing*' pode conotar um estado ou atividade. Prova disso é a possibilidade de se transformar a frase '*I saw him running*' em '*I saw him run*' - essa frase admite um período de tempo -, enquanto que '*I spot him running*' não pode ser transformada em '*I spotted him run*'. Muito embora '*seeing*' admita um espaço de tempo, ele não pode ser uma ação: a pergunta '*What are you doing?*' jamais seria respondida por '*I'm seeing ...*'. Ainda, advérbios, característicos dos processos, como '*deliberately*' ou '*carefully*', não servem para descrever '*seeing*'. Portanto '*seeing*' poderia ser um estado ou um *achievement*, mas nunca uma atividade.

Pode-se rejeitar a argumentação acima comparando o estado de ser capaz de andar - '*being able to walk*'- com o de ser capaz de ver- '*being able to see*'- e concluindo-se que eles não correspondem, respectivamente, a '*walking*' e '*seeing*', e, por isso, esses verbos se relacionam de forma semelhante: '*The state of being able to walk is necessary for the activity of walking, and the state of being able to see is necessary for the activity of seeing.*' (p.115) Pode-se dizer de uma pessoa que ainda esteja dormindo que ela sabe geografia, que ela acha João um canalha..., mas não que ela veja alguma coisa, embora possa dizer que ela é capaz de ver. Assim, pode-se concluir que '*being able to see*' é um estado semelhante a '*knowing*', mas '*seeing*' não é. Contudo, '*seeing*' difere da atividade '*walking*' por ser espontâneo: se as condições necessárias forem satisfeitas, a pessoa "verá", necessariamente; já com verbos de atividade - volutários- a pessoa pode escolher praticar ou não a ação, neste caso, andar.

O esquema temporal proposto por Vendler é, sem dúvida, relevante. Não obstante, conforme ele próprio admite, no início do capítulo, existem verbos que não se enquadram em nenhum de seus esquemas de tempo, ou se enquadram em vários. Outrossim, existem termos ambíguos e usos limites que não se enquadram na perspectiva de análise proposta por ele.

As classes aspectuais de Vendler sugerem a existência de esquemas temporais associados aos diferentes processos expressos pelos verbos do inglês. Não obstante, a classe aspectual do verbo pode alterar-se devido a modificações no predicado da frase (cf. (08) e (09)). Sendo assim, parece pertinente estender a classificação de Vendler aos sintagmas verbais, ao invés de mantê-la restrita ao verbo, o qual constitui uma parte importante do predicado, mas não única.

(08) The athlete is running. (actv.)

O atleta está correndo

(09) The athlete is running the marathon. (accomp.)

O atleta está correndo a maratona

Em vista disso, pode-se classificar os verbos como duas ou mais entradas lexicais no dicionário de uma língua ou registrar seu sentido mais básico, transferindo para a gramática as outras derivações, por serem sintagmáticas. Esta alternativa parece ser a mais acertada, pois, caso contrário, o léxico seria inflacionado, e a classificação

verbal muito imprecisa. Deve-se, então, ampliar a classificação de Vendler, passando da classificação de verbos como unidades lexicais para a classificação de sintagmas verbais, ou mesmo de unidades maiores como a própria sentença.

1.3. O paradoxo do imperfectivo

1.3.1. Dowty e o paradoxo do imperfectivo

O problema do paradoxo do imperfectivo envolve uma classe de verbos, ou melhor, de sintagmas verbais (*verbal phrases*) chamada, segundo Dowty (1979) e Vendler (1967), de *accomplishment*. Uma das características que distingue essa classe das outras é o fato de sua implicação de tempos progressivos para tempos simples falhar. Deixe-me ser mais claro. Sabemos que o enunciado '*draw a circle*', por exemplo, é um *accomplishment* porque, entre outros testes, sua inferência de um tempo progressivo para um tempo simples falha. Assim sendo, a sentença (11), abaixo, não pode ser inferida de (10).

(10) John was drawing a circle.

João estava desenhando um círculo

(11) John drew a circle.

João desenhou um círculo

Mas se a elocução não for um *accomplishment* tal inferência é perfeitamente possível (cf. (12) e (13)).

(12) John was pushing a cart.

João estava empurrando uma carroça

(13) John pushed a cart.

João empurrou uma carroça

Segundo Dowty, não é possível fazer uma análise semântica adequada aos verbos de *accomplishment* sem considerar um estado de coisas particular, estado-resultado (*result-state*) que essas expressões fazem surgir, ou ao qual se referem. Sendo

assim, desenhar um círculo, pôr o carro na garagem ou consertar o rádio envolve o surgimento de um círculo, de o carro vir a estar na garagem e o rádio estar consertado, respectivamente. Para Dowty, não é possível analisar os *accomplishments* sem essa pressuposição de que um ponto terminal natural existe. Não obstante, é exatamente essa pressuposição que falha quando os *accomplishments* são apresentados na forma progressiva. Como é possível que (10) implique, a princípio, em o surgimento de um círculo - ou no empenho de *John* em trazer um círculo à existência -, mas não implique, necessariamente, em um círculo vir a existir? Esse é o paradoxo do imperfectivo, segundo Dowty.

Como é possível que os *accomplishments*, quando apresentados em tempos progressivos, impliquem no empenho de se trazer determinada coisa à existência, mas não impliquem no surgimento dessa mesma coisa? Para Dowty, mesmo que dissessemos que o *accomplishment* se baseia na intenção e não na realização (trazer à realidade) de determinado resultado, ainda assim não teríamos como explicar a gramaticalidade de frases como '*The ninety-year-old composer is writing a symphony*', uma vez que é pouco provável que um compositor, nessa faixa etária, tenha a pretensão de completar uma sinfonia. Ainda assim, podemos descrever sua atividade como sendo a de escrever uma sinfonia, e não parte da mesma (cf. Dowty 1977, 47). Outrossim, ainda no que tange à intenção, existem *accomplishments* que não apresentam protagonistas capazes de possuir intenções: '*The rains are destroying the crops, but perhaps they will stop before the crops are destroyed*', ou '*The river was cutting a new channel to the sea, but the men with the sandbags stopped it from doing so*'. (idem) O sujeito não possui intenção, pois não é humano, e o fato de 'estar cavando um canal para o mar' não implica em o mesmo ser concluído.

Dowty apresenta as formas lógicas (14) e (15) para a representação das sentenças (10) e (11), respectivamente.

(14) [PAST [PROG [John draws a circle]]]

(15) [PAST [John draws a circle]]

Uma vez que parece não haver diferença sintática entre os exemplos (10) e (12), o mesmo operador 'PROG' de (10) deve ser usado em (12). Logo, a solução para o

paradoxo do imperfectivo deve estar não somente em encontrar a condição de verdade para [PROG ϕ], mas também em determinar como as condições de verdade interagem diferentemente com a análise semântica dos *accomplishments*, como em (10), versus os não-*accomplishments*, como em (12).

A análise de Dowty se baseia em Ryle (1949), que supunha a dupla asserção dos *accomplishments* - Ryle classificava a classe em questão como *achievements* com tarefas associadas, pois, para ele, não somente existe a implicação de que um ato ou evento acontece, mas também a implicação de que algum estado particular de coisas surge, acima e além do ato ou evento em questão, como resultado. Mais precisamente, em (11), o ato de desenhar e a existência, ou representação de um círculo.

A forma lógica dos *accomplishments*, não se considerando o tempo gramatical, seria, conforme Dowty (1979):

(16) [ϕ CAUSE [BECOME Ψ]]

Onde ϕ e Ψ são sentenças, CAUSE é um conetivo sentencial de dois lugares e BECOME é um operador de tempo gramatical de um lugar.

A sentença [BECOME Ψ] será verdadeira em t sse Ψ for verdadeiro em t e falso em um momento de tempo imediatamente anterior a t .

As condições de verdade para o operador de tempo progressivo, na representação de *accomplishments*, seria como segue:

(17) [PROG[ϕ CAUSE [BECOME Ψ]]],

onde se pudesse inferir ϕ e não mais que uma fraca probabilidade de [BECOME Ψ].

Enquanto que em (16) poder-se-ia inferir ambos: ϕ e [BECOME Ψ].

De acordo com a formalização de (17), concluir-se-ia que, em (10), ocorreu a atividade de desenhar, mas que tal atividade não trouxe um círculo à existência, necessariamente.

O uso de CAUSE, para dar conta das implicações dos *accomplishments*, é controverso. Por isso, pode-se optar pela versão mais fraca (17'), uma vez que CAUSE não é crucial para a semântica do progressivo, proposta por Dowty. O mais importante seria captar a implicação da ocorrência do ato ou evento, representado por ϕ , de

mudança de estado, representada pelo operador BECOME, e o estado-resultado, representado por Ψ .

(17') [ϕ & [BECOME Ψ]]

Dowty reconhece que a análise descrita acima apresenta alguns problemas. Para começar, é impossível estabelecer a condição de verdade para [PROG ϕ] em termos de um ϕ arbitrário. Uma vez que ϕ pode pertencer a qualquer classe aspectual: atividade, *accomplishment*, etc.. Somente quando se faz uso de uma fórmula como a (17), onde [PROG [Ψ CAUSE [BECOME Ψ']]] é verdadeira sse Ψ é verdadeiro e [Ψ CAUSE [BECOME Ψ']] é possível, pode-se estabelecer o valor de verdade da expressão. Note-se, porém, que a regra semântica, no que diz respeito à formulação (17), deve se referir a ambos: Ψ e BECOME Ψ' . Contudo, essa referência viola a regra da semântica composicional, segundo a qual uma teoria semântica deve especificar o significado de uma sentença como sendo uma função de suas partes imediatas e a regra sintática usada para formá-la. Logo, a análise feita em blocos, conforme a descrita acima, é condenável. Ainda, teríamos que tratar *accomplishments* e atividades separadamente, uma vez que as atividades não podem ser representadas pela fórmula [Ψ CAUSE [BECOME Ψ']], o que é contra-intuitivo, pois o tempo, ou aspecto, progressivo nos exemplos (10) e (12) parecem ser da mesma natureza.

Um outra dificuldade é a afirmação implícita de que o estado-resultado (*result-state*) de um *accomplishment* [BECOME Ψ'] acontece num momento único na linha do tempo, e não num intervalo de tempo. Essa formalização pode ser plausível para mudanças 'mentais' de estado, como *notice*, *recognize*, *realize*, etc., mas não para exemplos como *The door opened slowly*. Sentenças como *building a house*, *crossing the desert*, ou mesmo a sentença (11), parecem não admitir interpretação pontual.

Ainda, quando pensamos em *achievements* vendlerianos, onde a mudança de estado existe, mas não decorre necessariamente de um evento ou ação - *die*, *forget*, *fall off the table* - a formalização acima torna-se mais insatisfatória.

O problema da formalização de Dowty é que, mesmo após revisada (Dowty reconhece que sentenças como *Run a marathon* não podem ser formalizadas com o operador CAUSE, uma vez que não há uma relação causal), pressupõe que um estado de

coisas é trazido à existência: [BECOME ϕ].

Por último, os *achievements*, ainda que em ambientes mais restritos, podem apresentar forma progressiva. Segundo o próprio Dowty, os *achievements*, quando na forma progressiva, apresentam a mesma falha de inferência dos *accomplishments* (cf. (10) e (11)). Considere os pares (18) e (19), e (20) e (21).

(18) John was falling asleep. (when Mary shook him)

João estava adormecendo (quando Maria o sacodiu)

(19) John fell asleep.

João adormeceu

(20) John was dying. (when the operation was performed which saved his life)

João estava morrendo (quando a operação que salvou sua vida foi executada)

(21) John died.

João morreu

A conclusão de Dowty é que '*The parallel between these cases and the accomplishment cases suggests that the solution to the imperfective paradox lies in correct formulating the truth condition for [PROG Ψ] and [BECOME Ψ] and does not, as Tedeschi and I had supposed, directly involve the truth conditions for [Ψ CAUSE Ψ'].*⁶ (Hence the irrelevance of the operator CAUSE for what follows.)' (Dowty 1977, 49)

Dowty sugere uma modificação em sua proposta. A partir de agora, atribuir-se-á valor de verdade à sentença com relação a um intervalo de tempo, e não a um determinado momento. Do fato de João ter construído uma casa exatamente no intervalo de tempo I não segue que ele construiu a casa em cada momento de tempo contido em I, nem que ele tenha construído a casa em qualquer subintervalo da I. A natureza do evento é heterogênea. A verdade de uma sentença num dado intervalo de tempo não corresponde à verdade da mesma em cada um dos subintervalos (momentos) do

⁶ Para Ilari (1983), Dowty erra ao tentar estabelecer a mesma fórmula para o valor de verdade dos *accomplishments* e *achievements*, indistintamente, estendendo a fórmula dos *accomplishments* progressivos para os *achievements* progressivos, sem maiores inquirições.

respectivo intervalo de tempo.

Quando se atenta para as atividades, a princípio homogêneas (por definição, qualquer sub-intervalo é da mesma natureza do intervalo inteiro), observa-se que a inferência na homogeneidade das atividades também é falha, uma vez que o fato de se estar empenhado no desenvolvimento de certa atividade por um determinado período de tempo não implica que se tenha estado ocupado na referida tarefa por todo o período de tempo relatado: pode ter havido pausas durante a execução da referida atividade. Contudo, para Dowty (1986) o valor de verdade das sentenças deve dizer respeito ao intervalo de tempo; e não ao momento, conforme se afirmava anteriormente. O valor de verdade de uma sentença com relação ao intervalo de tempo I é independente do valor de verdade da mesma sentença com relação aos sub-intervalos de I , ou momentos dentro de I , ou com relação a super-intervalos de I (cf. Dowty 1986, 41).

Diante das dificuldades expostas acima, pode-se atribuir à linguagem natural uma imprecisão que a impossibilita de expressar o período de tempo com seus devidos subintervalos; ou, alternativamente, atribuir-se um valor de verdade para uma expressão de atividade referindo-se a subintervalos de tempo dentro do intervalo em questão, independentemente do valor de verdade atribuído à sentença para o intervalo inteiro. Se um intervalo I é verdadeiro, então ao menos alguns sub-intervalos I' são verdadeiros. Sendo assim, se Ψ é uma atividade - portanto homogênea - e é verdadeira num intervalo de tempo I , então Ψ é verdadeira em, ao menos, alguns subintervalos de I .

As condições de verdade para BECOME, após a revisão relativa a intervalos, seria conforme segue: T , o conjunto de momentos de tempo, é o conjunto dos números naturais, \leq é a ordenação linear densa de T , I é um intervalo sse $I \subset T$ e para todos os momentos t_1, t_2, t_3 , se t_1 e $t_3 \in I$, e $t_1 \leq t_2 \leq t_3$, então $t_2 \in I$.

A notação para intervalos será a seguinte: (cf. Dowty 1977, 51)

$[t_1, t_2]$ (um intervalo CLOSED) abrevia $\{ t: t_1 \leq t \leq t_2 \}$ (i.e. as pontas são incluídas).

(t_1, t_2) (um intervalo BOUNDED) abrevia $\{ t: t_1 < t < t_2 \}$ (i.e. as pontas são excluídas). delimitado

As condições de verdade para $[\text{BECOME } \phi]$ relativa a um intervalo I seria conforme segue:

(22) [BECOME ϕ] is true at I iff (1) there is an inicial boundary interval J for I such that $\neg\phi$ is true at J and (2) there is a final boundary interval K for I such that ϕ is true at K. (cf. Dowty 1977, 52)

[BECOME ϕ] é verdadeiro em I sse (1) houver um intervalo inicial J adjacente à I tal que $\neg\phi$ seja verdadeiro em J e (2) houver um intervalo final K adjacente à I tal que ϕ seja verdadeiro em K.

O problema da definição acima é que ϕ não recebe nenhum valor de verdade em I. Em casos como '*the door opens*', onde a porta estivesse fechada por um longo período e então se abrisse de repente e permanecesse aberta por um outro período de tempo longo, seria contraintuitivo afirmar que '*the door opens*' é verdadeiro para o período de tempo integral desde que esse intervalo de tempo inclua o primeiro momento em que a porta está aberta. Isso faria com que [BECOME ϕ] fosse verdadeiro em um número de intervalos sucessivamente maiores I, I', I'', etc.

Visto isso, para limitar a condição de verdade de '*the door opens*' ao menor intervalo de tempo possível, Dowty acrescentou às condições em (22) uma terceira condição (cf. (22')).

(22') [BECOME ϕ] is true at I iff (1) there is an inicial boundary interval J for I such that $\neg\phi$ is true at J, (2) there is a final boundary interval K for I such that ϕ is true at K, and (3) there is no non-empty interval I' such that $I' \subset I$ and condition (1) and (2) hold for I' as well as I. (cf. Dowty 1977, 53)

[BECOME ϕ] é verdadeiro em I sse (1) houver um intervalo inicial J adjacente à I tal que $\neg\phi$ seja verdadeiro em J, (2) houver um intervalo final K adjacente à I tal que ϕ seja verdadeiro em K, e (3) não houver nenhum intervalo não-vazio I' tal que $I' \subset I$ e as condições (1) e (2) se apresentem em I' assim como em I.

Deste modo, [BECOME ϕ] só pode ser verdadeiro num intervalo de tempo não maior que um momento em (22').

Não obstante, alguns *accomplishments* e *achievements*, como aqueles que envolvem mudança de localidade, não poderiam ser formalizados da maneira proposta

em (22'). Sentenças como:

(23) John walked from the Post Office to the Bank.

João caminhou do correio ao banco

parecem ser melhor representadas com a seqüência de três intervalos $H = [P \text{ and } \neg B]$, $I = [\neg P \text{ and } \neg B]$, $J = (\neg P \text{ and } B]$. (cf. idem, 54)

Sendo assim, a fórmula

(24) BECOME $[\neg P \ \& \ B]$

seria, de acordo com (22'), verdadeira apenas no último momento de I e primeiro momento de J, o que não parece refletir o significado da sentença (23). Seu valor de verdade seria algo do tipo:

(25) $[\text{BECOME } \neg P] \ \& \ [\text{BECOME } B]$

A terceira condição de (22') traria problemas para a interpretação de sentenças como (23), no que diz respeito à aplicação do operador BECOME.

Wright (1968) sugere a substituição do operador BECOME, de um lugar, pelo operador N, 'And Next', de dois lugares:

(26) $[\phi \ N \ \Psi]$ is true at an interval I iff (1) there is an initial boundary interval J for I such that ϕ is true at J and Ψ is false at J, (2) there is a final boundary interval K for I such that Ψ is true at K and ϕ is false at K, and (3) there is no non-empty interval I' such that $I' \subset I$ and such that (1) and (2) hold for I' as well as for I. (cf. idem, 55)

$[\phi \ N \ \Psi]$ é verdadeiro em um intervalo I sse (1) houver um intervalo inicial J adjacente à I tal que ϕ seja verdadeiro em J e Ψ seja falso em J, (2) houver um intervalo final K adjacente à I tal que Ψ seja verdadeiro em K e ϕ seja falso em K, e (3) não houver nenhum intervalo não vazio I' tal que $I' \subset I$ e tal que (1) e (2) se apresente tanto em I' quanto em I

O operador BECOME seria definido, em termos de N, conforme segue:

$$(27) [\text{BECOME } \phi] = \text{def} [\neg \phi \text{ N } \phi]$$

Para Bennett e Partee (1972), as condições de verdade para o progressivo são as que seguem: "[PROG ϕ] is true at I iff there exists an interval I' such that $I \subset I'$, I is not a final subinterval of I', and ϕ is true at I'." ([PROG ϕ] é verdadeiro em I sse existir um intervalo I' tal que $I \subset I'$, I não seja um sub-intervalo final de I', e ϕ seja verdadeiro em I') (Dowty 1977, 56)

Para Dowty, o problema da análise de Bennett e Partee é que ela licencia a inferência de *accomplishments* no progressivo para a mesma sentença em algum tempo simples. Como, por exemplo, do passado progressivo para o passado simples:

(28) John was drawing a circle.

João estava desenhando um círculo

(29) John drew a circle.

João desenhou um círculo

Na verdade, a inferência só não é possível porque, em (28), o intervalo começa no passado, mas inclui o tempo presente. Não obstante, a inferência de (28) para (30) seria perfeitamente válida.

(30) John will have drawn a circle.

João terá desenhado um círculo

Afirmar que '*John was, is* ou *will be drawing a circle*' não implica no surgimento de um círculo, enquanto que sentenças como '*John drew a circle*', sim. O fato de um círculo vir a existir é apenas uma possibilidade resultante da atividade no tempo progressivo.

Para Dowty, o progressivo deve ser tratado como um tipo de operador modal-temporal, para que possa expressar a possibilidade do resultado de uma ação, e não afirmar tal resultado. Para ele, deve-se acrescentar à definição acima a idéia de mundos possíveis:

(31) [PROG ϕ] is true at I and w iff there is an interval I' such that $I \subset I'$ and there is a world w' for which ϕ is true at I' and w', and w is exactly like w' at all times preceding and inclining I. (cf. Dowty 1977, 57)

[PROG ϕ] é verdadeiro em I e w se houver um intervalo I' tal que $I \subset I'$ e houver um mundo w' para o qual ϕ seja verdadeiro em I' e w, e w seja exatamente como w' em todos os tempos que precedam e incluam I

Para Dowty, o tratamento modal descrito acima possibilita a análise do progressivo independentemente da sentença ser ou não um *accomplishment*. Sentenças como (32), que se refere a uma atividade, poderiam ser tratadas da mesma maneira. Apesar de (32), que é uma atividade irresultativa, parecer, a princípio, indicar que o tempo da atividade - *John* assistir televisão - se estende pelo menos alguns minutos após a entrada de *Bill* na sala; a sentença (33), não obstante, deixa claro que, neste tipo de circunstância, a inferência da continuidade da ação não procede. A verdadeira inferência que (32) e (33) dividem é a *possibilidade* da continuidade da ação. No caso de (33), se John não tivesse adormecido naquele determinado momento, ele teria continuado a assistir televisão ao menos mais alguns minutos, isto é, há um mundo possível em que John continua a assistir televisão.

(32) John was watching television when Bill entered the room.

João estava assistindo televisão quando Bill entrou na sala

(33) John was watching television when he fell asleep.

João estava assistindo televisão quando adormeceu

No que tange às inferências de sentenças de atividade no progressivo, como de (12) (John was pushing a cart) para (13) (John pushed a cart), observa-se que tal inferência é pertinente desde que as atividades sejam tratadas como temporalmente homogêneas, quer dizer, qualquer subintervalo deve, por definição, ser da mesma natureza do intervalo no qual está contido. Contudo, se considerarmos que se uma determinada atividade ocorreu no espaço de tempo I, então ela ocorreu em algum(s) subintervalo(s) de I, a inferência de (12) para (13) pode falhar, uma vez que o subintervalo em questão pode estar situado na parte posterior de I, i.e. uma parte *possível* de I. Para evitar esse problema sem que se tenha necessariamente que tratar as

atividades como completamente homogêneas, Dowty acrescenta o item (34):

(34) If ϕ is an (atomic) activity sentence, then if ϕ is true at interval I, then there is some non-empty initial subinterval of I at which ϕ is true and some non-empty final sub-interval of I at which ϕ is true. (cf. idem, 60)

Se ϕ for uma sentença (atômica) de atividade, então se ϕ for verdadeira em um intervalo I, então existe algum subintervalo inicial de I não-vazio no qual ϕ é verdadeira e algum subintervalo final não-vazio de I no qual ϕ é verdadeira

Dowty, lançando mão da semântica de tempo ramificado proposta por Thomason (1970), sugere uma maneira diferente de se abordar a análise do progressivo, tomando o tempo como ramificado, e não como linear. Ter-se-ia múltiplos futuros possíveis, em vez de mundos possíveis alternativos. Sendo assim, "...[PROG ϕ] is to be true at I iff there is an interval I' including I and thus extending into some possible future(s) of I such that ϕ is true at I'." (p.63)

Quando ϕ for uma sentença BECOME pode ser ou não que o estado-resultado venha a ocorrer, uma vez que o subintervalo final de I pode ou não estar no futuro possível de I que venha a se concretizar.

O problema é que se ϕ for verdadeira em alguns futuros possíveis, mas nunca em outros, então não poderemos atribuir valor de verdade a [FUTURE ϕ]. A desvantagem da lógica de tempo (tense) ramificado, segundo Dowty, é que fórmulas do tipo [FUTURE $\phi \vee$ FUTURE $\neg\phi$], por exemplo, não são válidas, neste tipo de semântica. Não obstante, são válidas para o tempo linear, e intuitivamente corretas.

Sabe-se que o tempo presente progressivo do inglês (*present progressive tense*), além de descrever uma ação em andamento, pode também ser usado para descrever um tipo especial de tempo futuro (futate progressive), como na sentença (35):

(35) John is leaving town tomorrow.

João está deixando a cidade amanhã

A princípio, parece não haver conexão entre o ' progressivo imperfectivo' e o 'futuro progressivo', uma vez que neste, o subintervalo inicial de tempo em que a ação é

verdadeira parece não ter começado ainda.

Não obstante, o 'progressivo imperfectivo' e o 'futuro progressivo' se assemelham à medida que ambos parecem incluir um tempo que precede à ação dos *accomplishments*, cuja intenção é conhecida: o tempo de preparação para a ação, para se trazer à realidade um certo estado de coisas. Parece haver uma tendência psicológica nos humanos de estender a duração do tempo para trás, podendo chegar até o momento da decisão do agente - quando existe um - em praticar determinada ação. Assim, o evento descrito em (35) pode já estar em progresso, num sentido mais amplo, uma vez que envolve um certo planejamento. Mas essa linha de raciocínio suscitaria problemas numa teoria de modelos, haja vista a dificuldade em agrupar os eventos, causalmente e temporalmente, considerando ações e intenções. Por isso Dowty evita a abordagem acima, e procura adotar uma análise mais direta.

Existem (ao menos) três modos sintáticos de expressar o futuro, em inglês:

O futuro progressivo (*futurate progressive*): (35) John is leaving town tomorrow

João está deixando a cidade amanhã

O futuro regular (*regular future*): (36) John will leave town tomorrow

João deixará a cidade amanhã

O futuro atemporal (*tenseless future*): (37) John leaves town tomorrow

João deixa a cidade amanhã

(cf. Dowty 1977, 67)

Além da noção de intenção, sugerida acima para o tratamento do "Future Progressive", várias tentativas têm sido feitas no sentido de diferenciar o significado de cada uma das estruturas do inglês que podem ser usadas para se referir ao tempo futuro.

Para Vetter (1972), a noção de planejamento distingue crucialmente o futuro atemporal e o futuro progressivo do futuro regular, onde não há planejamento, necessariamente: *Tomorrow, the Yankees will play well* ou *The phone in my office will ring tomorrow*.

Para Goodman (1973), a noção de planejamento, de Vetter, não é geral o bastante, sendo que se deveria adotar algo como 'predeterminado com base em eventos passados', uma vez que exemplos como '*The sun sets tomorrow at 6:57*' nada tem a ver com o planejamento de um agente humano.

Prince (1973) discorda de Vetter ao afirmar que o futuro progressivo tem propriedades semânticas diferentes do futuro atemporal. Este envolve um grau de certeza maior, conforme demonstram os exemplos (38) (a) e (b):

(38) (a) *The Rosenbergs die tomorrow, although the President may grant them a pardon.

Os Rosenbergs morrem amanhã, muito embora o presidente possa lhes conceder o perdão

(b) The Rosenbergs are dying tomorrow, although the President may grant them a pardon.

Os Rosenbergs vão morrer amanhã, muito embora o presidente possa lhes conceder o perdão (idem, 68)

1.3.2. Declerck e o paradoxo do imperfectivo

Declerck (1979) nega a existência do que Dowty chama de paradoxo do imperfectivo, bem como a formalização sugerida por Dowty para representar o paradoxo.

Como vimos, para Dowty, um *accomplishment* implica no surgimento de um determinado estado de coisas, um resultado - trazer determinada coisa à existência. Sendo assim, para Dowty, a forma lógica de um *accomplishment* seria [ϕ CAUSE [BECOME ψ] e [PROG [ϕ CAUSE [BECOME ψ]]], quando o *accomplishment* estivesse na forma progressiva. Os *achievements* teriam a forma lógica [BECOME ψ] e apresentariam a mesma falha de inferência dos *accomplishments*, quando passados do passado simples para a forma progressiva. A solução para o paradoxo do imperfectivo estaria em formular corretamente as condições de verdade para [PROG ϕ] e [BECOME ϕ], e não envolveria diretamente as condições de verdade para [ϕ CAUSE ψ]. Na verdade, Dowty revisa a formalização dos *accomplishments* para [BECOME ϕ], quando percebe a impertinência do operador [CAUSE].

Para Declerck, a distinção feita por Vendler entre '*accomplishment terms*' e '*activity terms*', respectivamente, '*bounded expressions*' e '*unbounded expressions*', deve ser aplicada à proposição lingüística, e não ao SV.

A distinção *bounded* / *unbounded* é representada por expressões lingüísticas,

proposições, mais precisamente, que são correlatos lingüísticos lógicos das situações. E a natureza (*un*)*bounded* da sentença pode, segundo Verkuyl (1972), depender não somente do verbo, mas também da maioria dos constituintes nominais.

Sendo assim, o exemplo de *accomplishment* de Dowty, '*draw a circle*' - uma expressão *bounded*, segundo Dowty - é falso, haja vista que a distinção (*un*)*bounded* se aplica às proposições, e não ao SVs. E SVs do tipo '*draw a circle*' podem ocorrer em proposições *bounded* ou *unbounded*.

Existem alguns testes que distinguem uma proposição *bounded* de uma *unbounded*: (1) advérbios duracionais de inclusão, como tipo (*with*)*in an hour*, podem ser usadas com expressões *bounded*, mas não podem ser usadas com expressões *unbounded*; enquanto que advérbios duracionais de não-inclusão, e.g. *for hours*, só podem ser usadas com expressões *unbounded*. (2) Expressões *unbounded* são homogêneas: se a proposição pode ser usada para descrever uma situação S, cobrindo um intervalo de tempo I, ela também pode ser usada para descrever ao menos algumas sub-situações de S que cobrem sub-intervalos de I. As expressões *bounded*, por outro lado, são heterogêneas: se elas são usadas para descrever S, elas não podem se referir a sub-situações de S. Por último, (3) se uma situação *bounded* estiver ocorrendo e for interrompida, não se pode afirmar que ela ocorreu. Por outro lado, se uma situação *unbounded* estiver ocorrendo e for interrompida, pode-se afirmar que ela ocorreu. Uma proposição lingüística P representa uma situação S como *bounded* se e somente se :

(a) S is represented as proceeding along the time axis between an inicial point t_i and a terminal point t_j .

S é representado como se estendendo ao longo da linha do tempo entre um ponto inicial t_i e um ponto terminal t_j .

(b) S cannot be described in terms of P so long as t_j has not been actualized.

S não pode ser descrito em termos de P até que t_j tenha sido atualizado

(cf. Declerck 1979, 269)

Tendo-se em mente a definição acima, observamos que é correto afirmar que '*John drew a circle*' é uma proposição *bounded*, '*John was drawing a circle*', representa uma proposição *unbounded*, uma vez que a forma progressiva do verbo é um dos vários fatores que faz surgir uma expressão *unbounded*.

Muitas das afirmações de Dowty são refutadas por Declerck. Dowty afirma, por exemplo, que uma sentença no progressivo, cuja fórmula lógica seria [PROG [ϕ CAUSE [BECOME ψ]]] é tão *bounded*, nos termos de Declerck, quanto sua contrapartida não-progressiva, representada pela forma lógica [[ϕ CAUSE [BECOME ψ]]]⁷, e que as expressões *unbounded* não poderiam ser representadas por esta forma lógica. Não obstante, a definição e os testes deixam claro que este não é o caso.

Muitas das expressões *unbounded*, que permitem leitura iterativa, podem ser analisadas em termos de [ϕ CAUSE [BECOME ψ]]:

(a) All afternoon John drew circles on the floor.

A tarde inteira, João desenhou círculos no chão

(b) For several months the company did not build any houses.

Por muitos meses, a companhia não comprou nenhuma casa

(c) Mary knitted sweaters throuout the winter.

Maria tricou suéteres por todo o inverno

Algumas expressões *bounded*, por sua vez, não podem ser analisadas em termos de [ϕ CAUSE [BECOME ψ]]:

(a) John read two poems in one hour.

João leu dois poemas em uma hora

(b) John drank six glasses of gin in one hour.

João bebeu seis copos de gin em uma hora (cf. Declerck 1979, 270)

Por último, expressões *bounded* do tipo *The workers shored up the entire wall in two days*, ou *unbounded* como *The janitor kept out the visitors for hours*, não podem ser representadas por [ϕ CAUSE [BECOME ψ]], haja vista que, para Dowty, [BECOME ψ] representa a transição de $\neg \psi$ para ψ . A forma lógica das sentenças acima seria algo do tipo [ϕ CAUSE [NOT [BECOME ψ]]].

A diferença entre expressões *bounded* e *unbounded* é estabelecida pela presença de

⁷ Estas fórmulas foram revisadas por Dowty (1977) para [PROG [BECOME ψ]] e [BECOME ψ].

um ponto terminal de referência atualizado naquela, e não é a presença ou ausência da forma lógica $[\phi \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \psi]]$, como supõe Dowty, que estabelece a presença ou ausência dessa referência. Se uma proposição representará ou não uma situação envolvendo um ponto terminal específico vai depender de outras coisas, principalmente do caráter *(un)bounded* do(s) SN's relevante(s) na sentença, e não necessariamente da presença de um $[\phi \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \psi]]$ na sua fórmula lógica.

Para Declerck, o paradoxo do imperfeito não existe porque a distinção *bounded/unbounded* não se aplica ao SV, mas sim à proposição lingüística. Somente após a realização do SV em determinada sentença e contexto é possível estabelecer a distinção *bounded/unbounded*, e *John was drawing a circle* é uma proposição *unbounded*.

Uma vez que o operador do progressivo torna uma expressão *unbounded* - não envolve a referência a um ponto terminal - o problema do paradoxo do imperfeito é um problema cognitivo (epistêmico), e não uma questão lingüística. Tudo o que se pode esperar de uma semântica de condição de verdade, como a de Dowty, é tornar claras as condições segundo as quais uma dada proposição é verdadeira ou falsa.

Declerck estabelece a distinção *bounded/unbounded* no nível da sentença, e não do SV. Ainda, ao contrário do que pressupõe Dowty ao fazer uso da fórmula $[\text{BECOME } \psi]$, não é necessário que um determinado estado de coisas seja trazido à existência, mas sim que um ponto terminal seja atingido.

1.4. A proposta de Moens & Steedman (1988)

A proposta central defendida por Moens & Steedman está calcada no que é por eles chamado de '*nucleus*'. O termo denota a associação de um 'ponto de culminância' (*culmination*), com um processo preparatório (*preparatory process*), e um estado conseqüente (*consequent state*). As categorias aspectuais de uma língua natural, segundo Moens & Steedman, mudam sob o comando da estrutura de representação deste '*nucleus*' (daqui para a frente 'núcleo')

Consoante Vendler (1967) e Dowty (1979), eles seguem a noção de tipo aspectual segundo a qual as sentenças do contexto são classificadas de acordo com os tempos verbais, os advérbios e os aspectos com os quais podem coocorrer.

Não obstante, a noção de 'tipo aspectual' se refere à relação atribuída pelo falante entre um determinado acontecimento e os outros acontecimentos do discurso. Esta atribuição é particular do falante e não corresponde necessariamente ao que as coisas são, ou foram, no mundo real. O que o falante diz sobre as coisas do mundo e o modo como ele as organiza é bem diverso do que as coisas realmente são. O falante, seguindo determinado princípio, organiza as eventualidades numa determinada seqüência por ele planejada. Moens & Steedman lançam mão do termo 'contingência' (*contingency*) para fazer referência a este princípio que rege a organização das eventualidades na memória episódica do falante. Esta relação de relevância entre uma eventualidade e outra se assemelha, ainda que não corresponda totalmente, à relação de causalidade. (cf. p. 16)

Sentenças do tipo (39) são típicos exemplos do que Moens & Steedman chamam de 'culminância', i.e. um evento pontual acompanhado por uma mudança no estados de coisas no mundo. O novo estado resultante desta mudança é denominado 'estado conseqüente' do evento. Este tipo de evento combina-se prontamente com o perfeito do inglês (cf. (40)). Não obstante, uma expressão pontual, que normalmente não se associa com um estado conseqüente (cf. (41)), torna-se estranha se combinada com o perfeito (cf. 42). Este tipo de expressão, denominado ponto (*point*), não é necessariamente um evento pontual, mas é visto como um todo indivisível cujas conseqüências não são relevantes para o discurso.

(39) Harry reached the top.

Harry alcançou o topo

(40) Harry has reached the top.

Harry alcançou o topo

(41) John hiccupped.

João soluçou

(42)*Harry has hiccupped

Harry soluçou

(cf. Moens & Steedman 1988, 16)

A terceira categoria aspectual é denominada 'processo'. Esta categoria é constituída por eventos que se estendem no tempo, mas não apresentam qualquer culminância ou conclusão em particular (cf. (43)). Conforme apontado por Vendler (1967), expressões deste tipo podem se combinar com advérbios precedidos por '*for*', mas não com

advérbios precedidos por '*in*' (cf. (44)) porque denotam apenas um processo. Ao contrário dos processos, as sentenças que denotam um processo com culminância (definido abaixo), como em (44'), combinam-se bem com advérbios do tipo *in*, mas não com advérbios do tipo *for*.

(43) Harry climbed.

Harry escalou

(44) Harry climbed for several hours.

Harry escalou por várias horas

*Harry climbed in several hours.

*Harry escalou em várias horas

(cf. idem, 17)

(44') Harry climbed the montain in several hours.

Harry escalou a montanha em várias horas

*Harry climbed the montain for several hours.

Harry escalou a montanha por várias horas

O quarto tipo aspectual é chamado de 'processo com culminância' (*culminated process*) (cf. (45)). Eventos deste tipo se combinam bem com SN precedido por '*in*', mas não se combinam bem com SN precedido por '*for*' (cf. 46)).

(45) Harry climbed to the top.

Harry subiu ao topo

(46) Harry climbed all the way to the top in less than 45 minutes.

Harry subiu ao topo em menos de 45 minutos

*Harry climbed all the way to the top for 45 minutes

*Harry subiu ao topo durante 45 minutos

Todas as categorias citadas acima se referem a eventos, i.e. acontecimentos com início e fim definidos. Existe, não obstante, um tipo aspectual cujo estado de coisas se estende indefinidamente na linha do tempo - os estados:

(47) Harry is at the top.

Harry está no topo

Para Moens & Steedman, os tipos de eventos podem ser distinguidos uns dos outros considerando-se apenas duas dimensões: (i) o contraste entre pontualidade e extensão temporal e (ii) a associação, ou não, com um estado conseqüente. (cf. (48))

A classificação apresentada no quadro abaixo é de base lexical. Os mesmos verbos, descontextualizados (não realizados, isolados) podem, quando inseridos em determinados contextos, ser compatíveis com várias (senão todas) classes de Vendler. O progressivo, por exemplo, exige que seu argumento seja um processo para que ele, o progressivo, possa indicar que o processo está em andamento. Quando o auxiliar do progressivo é associado a um tipo de evento que não é um processo – no caso, por exemplo, de um evento pontual como em (49) – o evento é reinterpretado como um processo, neste caso, iterativo.

(48)

	EVENTS		STATES
	Atomic	Extended	
+ conseq.	CULMINATION recognize, pot, win the race	CULMINATED PROCESS build a house, eat a sandwich	understand, Love, know, resemble
- conseq.	POINT hipccup, tap, wink	PROCESS run, swim, walk, play the piano	

(49) Harry was hipccupping.

Harry estava soluçando

O fenômeno da mudança do tipo aspectual de uma proposição devido a modificadores, como tempo verbal, advérbios de tempo e auxiliares aspectuais é de vital importância para a teoria de Moens & Steedman. Estes modificadores restringem seus inputs a um tipo apropriado. O efeito da combinação da forma progressiva com uma sentença que denote um evento pontual atômico, como em (49), se dá em dois estágios: (i) a proposição ponto (*point*) é transformada (*coerced*) em um processo de

iteração do referido ponto e (ii) somente então este processo pode ser definido como 'em andamento', portanto como um estado progressivo.

1.4.1. O aspecto progressivo

Os auxiliares progressivos são funções que exigem que seus 'inputs' denotem um processo, cujo resultado é um tipo de estado chamado de 'estado progressivo'. Sentenças como (50) indicam que o processo em questão começou num momento anterior ao momento presente, e ainda não parou.

(50) The president is speaking.

O presidente está falando

Se o input dado ao progressivo for atômico, então, por definição, o mesmo não pode ser considerado como 'em andamento'. Não obstante, ele pode ser transformado em processo através da iteração, ou repetição. (cf. (49))

Se o progressivo se combinar com um 'processo com culminância', como em (51), então, este deve primeiro ser transformado em um processo. O modo mais óbvio de se efetuar tal transformação é retirar a culminância e manter apenas o processo preparatório: é este processo que é considerado em andamento num tempo de referência passado.

(51) Roger was running a mile.

Roger estava correndo uma milha

Note-se, contudo, que, dado o contexto, existe a possibilidade de se tratar o 'processo com culminância' inteiro como um ponto (*point*) e torná-lo iterativo (cf. (52)).

(52) Roger was running a mile last week. This week he is up to three.

Roger estava correndo uma milha semana passada. Esta semana ele pretende correr três

A transformação é um pouco mais complicada quando o progressivo é usado com uma expressão de 'culminância', como em *reach the top*. Neste caso, deve-se, a princípio, adicionar um 'processo preparatório' à 'culminância', para torná-lo um 'processo com culminância', para então retirar, conforme visto acima, o 'ponto de culminância'. A sentença (53) constitui um exemplo de um 'processo preparatório' em andamento num tempo passado.

(53) Harry was reaching the top.

Harry estava alcançando o topo

O fato do progressivo, segundo a teoria de Moens & Steedman, transformar seu input em um processo, retirando qualquer 'ponto de culminância' que possa existir, fazendo com que este não participe mais da condição de verdade da sentença, oferece uma resolução para o que Dowty (1979) chamou de 'paradoxo do imperfectivo'. Desta maneira, sentenças como (54 i e ii) não representariam nenhuma contradição em seqüências que claramente negam a culminância.

(54)i. Harry was running a mile, but he gave up after two laps.

Harry estava correndo uma milha, mas ele desistiu depois de duas voltas

ii. Harry was reaching the top when he slipped and fell to the bottom.

Harry estava alcançando o topo quando ele escorregou e caiu lá embaixo

1.4.2. Os advérbios

Os advérbios precedidos por '*for*' só podem ser usados por expressões que denotem processo (cf. (55)).

(55) John worked in the garden for five hours.

João trabalhou no jardim por cinco horas

A combinação resultante é uma expressão que denota um 'processo com culminância'. Prova disto é o fato da expressão com o advérbio, como em (55), poder ser combinada com o perfeito (56i.): o perfeito vai bem com o 'processo com culminância', enquanto

que o 'processo' sozinho (56ii.) não. Caso o advérbio seja retirado, como em (56ii.) o perfeito não vai bem.

(56) i. John has worked in the garden for five hours.

João trabalhou no jardim por cinco horas

ii. *John has worked in the garden.

João trabalhou no jardim

Uma expressão do tipo *playing the sonata* pode prontamente ocorrer com um advérbio precedido por '*for*', sugerindo que sua categoria básica é a de um 'processo' (57), não implicando no término da ação.

(57) Sue played the sonata for a few minutes.

Sue tocou a sonata por alguns minutos

A sentença acima poderia ser percebida como um ponto não estruturado, caso nosso conhecimento de mundo, i.e. da duração de uma sonata, não descartasse a possibilidade de iteração. Em sentenças como (58), não obstante, a possibilidade de iteração existe.

(58) Sue played the sonata for about eight hours.

Sue tocou a sonata por cerca de oito horas

Uma transição similar à interpretação exposta acima faz-se necessária no caso de exemplos como (59), onde a 'culminância' é transformada em um 'ponto', para então ser transformada em um 'processo' através da iteração:

(59) John arrived late at work for several days.

João chegou atrasado no trabalho por vários dias

Na língua inglesa, somente com a presença de um auxiliar do progressivo que um 'processo' pode ser transformado em um 'estado progressivo'. A sentença (60), ao contrário de (61), é agramatical (estranha, no mínimo) por este motivo. Outras transições, como as que resultam num 'processo iterativo' ou num 'estado habitual',

podem ser feitas livremente na língua inglesa, uma vez que a língua inglesa não apresenta marcadores específicos para estas classes ou tipos.

No caso do português, o fato da (im)perfectividade poder ser gramaticalizada na flexão do verbo, possibilita a combinação de advérbios do tipo 'durante' (*for*) com formas verbais simples, por exemplo, 'Red Rum venceu a corrida durante os primeiros minutos'. Ao contrário do inglês, a imperfectividade pode ser gramaticalizada na flexão verbal, sem que se faça uso de nenhum auxiliar.

(60) *Red Rum won the race for the first few minutes.

*Red Rum venceu a corrida durante os primeiros minutos

(61) Red Rum was winning the race.

Red Rum estava vencendo a corrida

A transição de um 'processo com culminância' para um 'processo' sozinho não pode ser feita livremente em língua inglesa. Ela requer a presença de uma forma -ING. Transformar a 'culminância' de (60) em um processo através, primeiramente do acréscimo de um processo preparatório, para então excluir o 'ponto de culminância, não é permitido. Ao passo que em (61) a transformação é permitida devido à presença do morfema -ING.

A combinação de uma 'culminância' com um SN precedido por '*for*' é aquela que transforma a 'culminância' em um ponto, para depois torná-la iterativa, transformando-a num processo. Isto não é feliz em (60), uma vez que aquela sentença denota um intervalo de tempo, e não um ponto reiterado, mas é em (59) e (62).

(62) Nikki Lauda won the Monaco Grand Prix for several years.

Nikki Lauda venceu o Grande Prêmio de Mônaco por vários anos

Locuções adverbiais formadas com a preposição '*in*' funcionam como expressões do tipo '*it took me two days to...*'. Este tipo de advérbio transforma (restringe) seu input em um 'processo com culminância'. Esta transição será feliz se a 'culminância' com a qual o advérbio se associa permitir um processo de preparação que se associe a ela (cf. (63)).

(63) Laura reached the top in two hours.

Laura alcançou o topo em duas horas

Assim, o SN precedido por 'in' (*in-adverbials*) definirá a duração (extensão) do processo de preparação.⁸

Sentenças do tipo (64) não admitirão um SN precedido por 'in', pois não apresentam culminância: são apenas 'processos'.

(64) #John ran in a few minutes.

João correu em uns poucos minutos

O conceito de 'núcleo', proposto por Moens & Steedman, presta-se também à explicação do avanço, ou estagnação, do tempo de referência (TR) no contexto (cf. 2.1). Se assumirmos que um evento do tipo '*Harry walked in*' é interpretado como um núcleo inteiro (completo), com 'estado consequente', devemos assumir que o 'estado consequente' deste evento, por definição, comporta quaisquer outros eventos que se relacionem a entrada de Harry. Quer dizer, que sejam relevantes para a organização mental dos fatos feita pelo interlocutor. Nos termos de Moens & Steedman, contingentes a '*Harry walked in*', qualquer que seja o evento desempenhado por *Harry* após sua entrada. Sendo assim, a sentença subsequente identificará o próximo evento, provendo um novo tempo de referência para o mesmo (cf. (65)). Caso o contexto não permita o estabelecimento de um novo TR, não havendo nenhuma relação de relevância (contingency) entre a sentença anterior e a nova sentença, será mantido o TR anterior (cf. (66)).

(65) At exactly five o'clock Harry walked in, sat down, and took off his boots.

Exatamente às cinco horas, Harry entrou, sentou e tirou suas botas

(66) At five o'clock, my car started and the rain stopped.

Às cinco horas, meu carro ligou e a chuva parou

⁸ 'Culminância' do tipo '*Harry accidentally spilled his coffee*', por ser involuntária e, portanto, não admitir um processo de preparação, resistirá à transformação. (cf. Moens & Steedman 1988, 21)

Conforme dissemos no início desta seção, para Moens & Steedman, a análise semântica de classes como tempo verbal, aspecto, advérbios e até mesmo a preposição exige uma ontologia baseada na noção de relevância, e não na temporalidade (cf. Moens & Steedman 1988, 26).

Estas classes seriam melhor compreendidas se, ao invés de lançarmos mão de princípios puramente temporais calcados num modelo linear de tempo, elas fossem relacionadas a uma representação mental de eventos. Este tipo de análise teria como base o 'nucleus', i.e. a seqüência formada por processo preparatório, evento objeto (*goal*) e estado conseqüente.

A noção de 'núcleo' desempenha papel fundamental nesta ontologia. A referência temporal envolve a escolha de uma parte apropriada (determinada) do 'núcleo'. Esta parte apropriada é uma função do significado inerente do SV, da natureza coerciva de expressões linguísticas concorrentes e do conhecimento geral ou particular sobre a área do discurso.

Ao invés de se utilizar pontos ou intervalos, deve-se estabelecer uma seqüência de eventos casualmente ou contingentemente relacionados, ou seja, que mantêm uma relação de relevância um com o outro. Esta seqüência é chamada por Moens & Steedman de episódios. Cada episódio conduz à satisfação de um determinado objetivo ou intenção.

A organização das sentenças numa determinada seqüência está mais relacionada com a noção de plano de ação, ou uma explicação da ocorrência do evento, do que com qualquer outra coisa que diga respeito ao tempo propriamente dito. Para Moens & Steedman, somente os eventos que são relacionados contingentemente apresentam necessariamente relações temporais bem definidas, na memória. Assim, as relações de contingência acabam expressando relações temporais.

1.5. A proposta de Cann (1993)

1.5.1. Tempo

Para Cann, deve-se observar primeiramente a contingência⁹ temporal das sentenças. As sentenças denotam verdades ou falsidades contingentes, isto é, com relação a um tempo e espaço específicos, e não universais. Uma sentença como *A lecturer screamed* (Um palestrante gritou), por exemplo, pode ser verdadeira, se proferido hoje, ou falsa, se tivesse sido proferido anteontem, quando o evento ainda não tinha acontecido. O valor de verdade pode variar de acordo com o tempo e local em que são realizadas as sentenças, bem como devido a outros fatores contextuais. A verdade de uma sentença finita (*time-bounded*) é contingente à medida que depende do que aconteceu ou está acontecendo num determinado momento.

Cann propõe uma teoria que possibilite a diferenciação entre sentenças atemporais e aquelas que se relacionam temporalmente.

O tempo deve ser tratado como uma série de momentos ordenados um com relação ao outro de modo que cada momento precede ou segue o outro. O tempo é linear e denso, constituído de momentos sucessíveis na linha do tempo que se assemelham ao conjunto dos números naturais. Assim, o tempo poderá ser representado pelo conjunto dos números naturais T e pela relação de anterioridade (*less than*) $<$.

Os momentos (pontos) de tempo parecem adequados à formulação do valor de verdade de sentenças que se referem a eventos instantâneos, como '*sneeze*'. Não obstante, muitas atividades que implicam em duração, como '*write a book*' ou '*paint a portrait*', não podem ser tratados da mesma forma, uma vez que elas ocorrem num intervalo de tempo durante o qual pode não ser verdade que todos os subintervalos apresentam o mesmo valor de verdade. Ou seja, que em todos os momentos contidos nos dois intervalos denotados pelos SVs acima alguém esteja empenhado no processo de escrever um livro e pintar um quadro, respectivamente.

Ainda, dois ou mais eventos podem se sobrepor. Alguém pode, por exemplo, estar tomando café e lendo o jornal ao mesmo tempo. Nestes casos, o valor de verdade

⁹ O termo não está sendo usado no sentido de Moens & Steedman.

deve se referir ao intervalo, para que possa haver a relação de sobreposição (*overlap*), e não a um momento instantâneo.

Na semântica de intervalo, os momentos de tempo são primitivos, formando um conjunto contínuo de momentos de tempo ordenados pela relação de precedência '<', e os intervalos de tempo são definidos com relação a este conjunto.

No caso dos verbos estativos, Cann afirma que o valor de verdade de um certo intervalo se estende a todos os sub-intervalos do respectivo período de tempo - o que parece intuitivamente correto. Não obstante, quando trazemos à baila advérbios temporais do tipo 'on Tuesday', 'last week', 'two years ago', percebemos que devemos atribuir o valor de verdade a algum(s) tempo(s) durante o intervalo (cf. Cann 1993, 239)

A noção de verdade em um determinado intervalo deve ser equivalente à verdade em algum tempo durante o intervalo. Assim, sentenças do tipo (67), (68) ou (69) podem ser interpretadas sem maiores problemas.

(67) Jo kicked the dog yesterday.

Jô chutou o cachorro ontem

(68) Fiona sang the song last Tuesday.

Fiona cantou a canção terça-feira passada

(69) Ethel knew how to play golf last year.

Ethel sabia como jogar golf ano passado

As sentenças acima serão verdadeiras se o evento descrito pelo verbo e seu argumento ocorreram em algum tempo durante o intervalo descrito pela expressão adverbial. A verdade de um intervalo é definida de acordo com a verdade de algum período (ou ponto) contido no intervalo em questão.

Conforme veremos mais adiante, as fórmulas lógicas das sentenças apresentam, além do operador aspectual, operadores temporais. Para que possamos passar à representação aspectual proposta por Cann, é preciso que nos ocupemos rapidamente da representação destes operadores.

Para Cann, uma vez que os tempos gramaticais localizam as situações que são descritas pelas sentenças na linha do tempo, estes tempos gramaticais podem ser representados, na lógica, por operadores que agem sobre fórmulas. Assim, a lógica

temporal deve apresentar um conjunto de operadores de tempo gramatical, que se juntam às fórmulas para constituir fórmulas com tempo gramatical.

A formulação de sentenças no presente deve conter o operador PRES, que indique o presente em relação ao ponto de referência. A formalização de sentenças no passado deve conter o operador PAST. Este operador situa a sentença em questão como sendo anterior ao principal ponto de referência - no caso de tempos compostos este ponto não coincide com o momento da fala. E finalmente um operador FUT, para indicar o futuro em relação ao ponto de referência.

1.5.2. Aspecto

O aspecto de uma expressão diz respeito ao modo como a mesma é apresentada, i.e. a maneira que a situação apresentada é percebida no que tange às suas propriedades internas. Uma atividade, por exemplo, pode ser apresentada como 'em andamento' em algum intervalo, sem que se faça menção ao seu início ou término (cf. (70)):

(70) Fiona was/is singing the song.

Fiona estava/está cantando a canção

Um evento (i.e. *accomplishment* e *achievement*), por outro lado, pode (e deve) ser apresentado como completo, em sua totalidade. (cf. (71)).

(71) Fiona sang the song.

Fiona cantou a canção

A sentença (70) constitui um exemplo de aspecto imperfectivo, ao passo que (71) apresenta aspecto perfectivo. O aspecto imperfectivo pode ser ainda subdividido em habitual (cf. (72)) e contínuo (cf. (73))¹⁰

(72) Jo used to kick the cat.

Jô costumava chutar o gato

¹⁰ O contínuo pode ser ainda subdividido em progressivo, como em (73); e não progressivo, como, por exemplo, em 'John sucked his thumb all his childhood'.

(73) Jo was kicking the cat.

Jô estava chutando o gato

Outras subdivisões poderiam ser feitas, contudo Cann se restringe à distinção entre aspecto perfectivo e imperfectivo e à caracterização de alguns dos diferentes tipos de eventos denotados pelos diferentes verbos, em termos de intervalo de tempo.

Perfectivo x imperfectivo

O aspecto perfectivo apresenta a situação como temporalmente indiferenciada, porém completa, ignorando qualquer estrutura interna que a situação possa ter. Um evento do tipo '*Jo kicked Mary*', por exemplo, é apresentado como uma unidade completa, sem indicar quanto tempo (ou com que frequência) o evento durou. Neste sentido, o perfectivo pode ser tratado como um aspecto semanticamente neutro, não sendo necessário, portanto, o uso de um operador para representá-lo:

(74) Jo kicked Chester.

Jô chutou Chester

(75) Past((kick' (chester') (Jo')) (p. 253)

Não obstante, Cann admite o uso de um operador 'Perf' particularmente para aquelas línguas onde este aspecto é marcado morfossintaticamente. Outrossim, pode-se argumentar que a propriedade que o perfectivo apresenta de possuir um ponto (momento) inicial e um ponto final deve ser representada semanticamente. A necessidade de um ponto inicial e um final aplica-se somente ao predicado que possui tais pontos em seu significado inerente, e.g. jogar uma partida de golf; cantar uma canção. Predicados estativos, como 'ser bom' ou 'gostar', não apresentam ponto inicial e final, necessariamente.

A sentença (74) seria representada conforme (75):

(74) Jo wrote a book.

(Jô escreveu um livro)

(75) Past (Perf ($\exists x$ [book'(x) & write'(x) (jo')])) (cf. idem, 253)

O aspecto imperfectivo, ao contrário do perfectivo, descreve a eventualidade como 'em andamento' ou incompleto. Este aspecto é representado pelo operador semântico 'Impf', que exige que a eventualidade descrita pela fórmula em seu escopo seja verdadeira no intervalo de tempo que contém propriamente o tempo no qual a fórmula imperfectiva está sendo avaliada. A sentença (76) seria representada pela fórmula (77).

(76) Jo is kicking Chester.

Jô está chutando Chester

(77) $\text{Pres} (\text{Impf} ((\text{kick}'(\text{chester}')) (\text{jo}')))$

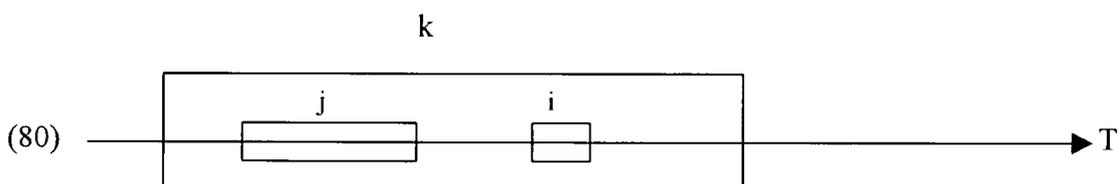
A fórmula é verdadeira no intervalo i somente se houver um intervalo maior j , que contenha i , de modo que $(\text{kick}'(\text{chester}')) (\text{jo}')$ seja verdadeira em j , i.e. a eventualidade descrita por uma fórmula imperfectiva deve prosseguir ao redor (*go on around*) do tempo em relação ao qual ela deve ser interpretada. A definição formal seria aquela em (78).

(78) O imperfectivo: $[\text{Impf} (\phi)]$ é 1 (é verdadeira) em i sse houver um intervalo j tal que i seja um subintervalo próprio de j e $[\phi]$ igual a 1 em j . (p. 253)

Para Cann, o esquema (80) representaria graficamente, na linha do tempo, a sentença (79).

(79) Jo entered, while Fiona was singing.

Jô entrou enquanto Fiona estava cantando



O diagrama acima apresenta o momento da fala como i , o momento da entrada de Jo como j e o período no qual Fiona permaneceu cantando como k . Note-se que k não

precisa ser anterior ao momento da fala i , mas j sim. Isso parece dizer respeito às formas imperfectivas em geral: as condições de verdade para o tempo gramatical dizem respeito apenas ao subintervalo ao qual o valor de verdade da fórmula se aplica, e não ao intervalo total da sentença progressiva no qual a fórmula é verdadeira. Isso parece intuitivamente correto, uma vez que não queremos negar a verdade da expressão se Fiona ainda estiver cantando no momento da fala.

As condições de verdade dadas ao imperfectivo, em (78), segundo Cann, apresentam uma grande deficiência: suscitam o paradoxo do imperfectivo. De acordo com (78), se existe uma sentença imperfectiva do tipo (81), deve também existir um intervalo de tempo no qual a forma perfectiva (82) é verdadeira.

(81) Fiona was singing my favorite song.

Fiona estava cantando minha canção favorita

(82) Fiona sang my favorite song.

Fiona cantou minha canção favorita

Assim, a implicação representada em (83) nem sempre se aplica.

(83) Se $[\text{Imp}(\phi)]$ é 1, então $[\text{Perf}(\phi)]$ é 1 para algum intervalo j .¹¹ (cf. 255)

A classificação vendleriana é adotada por Cann, assim como algumas das implicações associadas com esta classificação. Faz-se primeiramente a distinção entre estados (ou predicados estativos) e ações; sendo que os predicados estativos raramente aceitam formas progressivas, enquanto que as ações aceitam prontamente estas formas (cf. (84.a.) e (84.b.)), respectivamente. Os estados não aceitam as construções pseudo-encaixadas, ao passo que as ações as aceitam sem problemas. (cf. (85.a.) e (85.b.)), respectivamente. Ainda, os imperativos geralmente expressam ação, mesmo quando construído com um verbo estativo (cf. (86)).

(84) a. ?Ethel is knowing the answer.

Ethel está sabendo a resposta

¹¹ Cann não apresenta, ao menos neste trabalho, qualquer alternativa para a solução do problema da implicação que faz surgir o paradoxo do imperfectivo.

b. Ethel is playing golf.

Ethel está jogando golfe

(85) a. ?What Ethel did was know the answer.

?O que Ethel fez foi saber a resposta

b. What Ethel did was play golf.

O que Ethel fez foi jogar golfe

(86) a. ?Know the answer!

?Saiba a resposta!

b. Play golf!

Jogue golfe!

A propriedade semântica primordial dos estativos é que as extensões de tais predicados num dado intervalo permanecem as mesmas em todos os subintervalos, incluindo os momentos.

Como vimos, as ações foram divididas por Vendler em três categorias: *activities*, *accomplishments* e *achievements*. As atividades não apresentam limites inerentes, i.e. nenhum ponto inicial ou final necessários aos eventos que descrevem: são atividades gerais. A principal implicação de um predicado que denota atividade envolve a relação entre os usos perfectivo e imperfectivo. Assim, se o uso imperfectivo de uma atividade é verdadeira, então seu uso perfectivo também o será, resguardado o mesmo tempo gramatical. Uma outra implicação das atividades diz respeito aos subintervalos: se Jo caminhou por uma hora, então ela caminhou durante todos os períodos daquela hora. Para os *accomplishments* e *achievements* a implicação do perfectivo para o imperfectivo falha. Não se pode inferir de 'Fiona está cantando minha canção favorita' que 'Fiona cantou minha canção favorita.' Os *achievements* diferem dos *accomplishments* por parecerem eventos momentâneos. Assim, frases duracionais parecem estranhas, e até mesmo agramaticais, quando usadas com *achievements*. Os *accomplishments*, ao contrário dos *achievements*, vão bem neste tipo de construção (cf. (87) e (88)), respectivamente.

(87) ?Jo recognised the dog for a few minutes.

?Jô reconheceu o cachorro por alguns minutos

?The dog died for a few hours.

?O cachorro morreu por algumas horas

(88) Jo sketched the dog for a few minutes.

Jô rabiscou um cachorro por alguns minutos

The dog barked for a few hours.¹²

O cachorro latiu por algumas horas

1.6. A teoria da aspectualidade de Verkuyl (1993)

Verkuyl (1993) pretende explicar as formas de aspectualidade em termos da oposição entre 'terminativo' (expressões *bounded*) e 'durativo' (expressões *unbounded*). Verkuyl argumenta que o aspecto terminativo é composicionalmente formado pela mescla/união de informação temporal inerente ao verbo e a informação atemporal expressa por seus argumentos. Esta relação entre os dois aspectos deve ser tratada estruturalmente, sendo o foco da teoria a interação entre a informação temporal e a informação atemporal: esta é suprida pelos constituintes envolvidos na construção do aspecto. Tomando como base a informação semântica associada a elementos sintáticos específicos, pode-se prever se uma determinada sentença será terminativa ou não.

1.6.1. O princípio 'Plus'. (The Plus-principle)

Para Verkuyl, faz-se necessário diferenciar entre aspecto interno (*inner aspect*) e aspecto externo (*outer aspect*). Este diz respeito à modificação sofrida pela sentença em decorrência da presença de determinado advérbio; aquele trata da relação entre o verbo e seus argumentos. A construção aspectual de Verkuyl, baseada nas propriedades [ADD TO] e [SQA], diz respeito à formação do aspecto interno da sentença, i.e. a relação entre o verbo e seus argumentos.

A informação semântica associada ao verbo, na construção do aspecto terminativo, será denominada [+ ADD TO], indicando 'progresso no tempo'; a informação semântica associada aos SNs que são argumentos do verbo será denominada [+ SQA] (Specified Quantity of A), indicando especificação do SN. A combinatória das duas características acima resulta no aspecto terminativo. Um verbo

¹² O que Cann chama de *accomplishment*, nas duas sentenças de (88), no nosso modo de entender, deveria ser classificado como uma atividade, dado o SV que constitui ambas as sentenças.

pode ser [± ADD TO], enquanto que o argumento pode ser [± SQA]. O aspecto terminativo resultará da combinação de [+ ADD TO] e [+ SQA], conforme veremos adiante.

As sentenças a seguir pretendem demonstrar que os aspectos terminativo e durativo são formados composicionalmente:

(89) They ate a sandwich. (term.)

Eles comeram um sanduíche

(90) They ate sandwiches. (dur.)

Eles comeram sanduíches

(91) He walked. (dur.)

Ele caminhou

(92) He walked a kilometre. (term.)

Ele caminhou um quilômetro

A característica [+ ADD TO] diferencia verbos cuja semântica sugere informação dinâmica, e.g. *eat, walk, knit, drink*, etc. (comer, caminhar, tricotar, beber, respectivamente) de verbos como *hate, want* (odiar, querer), sem dinâmica, sem movimento, sem transformação, portanto [- ADD TO]. A propriedade [± SQA] (Specified Quantity of A) diz respeito à quantificação do SN que serve de argumento do verbo. O SN será [+SQA] quando a quantidade expressa por ela for especificada (cf. (89) e (92), e [- SQA] quando a quantidade for indeterminada (cf. (90)).

As sentenças (89) - (92) apresentam verbos [+ADD TO], não obstante, seu aspecto final será resultado da combinação do verbo com o(s) SN(s). A idéia básica da composicionalidade aspectual é que somente a combinação de um verbo [+ ADD TO] com um ou mais de seus SNs argumentos [+ SQA] resultará num aspecto interno terminativo. Nos demais casos o aspecto será durativo. Existem três possíveis situações no que tange a combinação das duas propriedade apresentadas acima. Estas possibilidades são demonstradas em (93) - (95).

(93) John is ill.

João está doente

a. [- ADD TO] e [± SQA] ⇒ durativo

(94) Mary ate apples.

b. [+ ADD TO] e [- SQA] ⇒ durativo

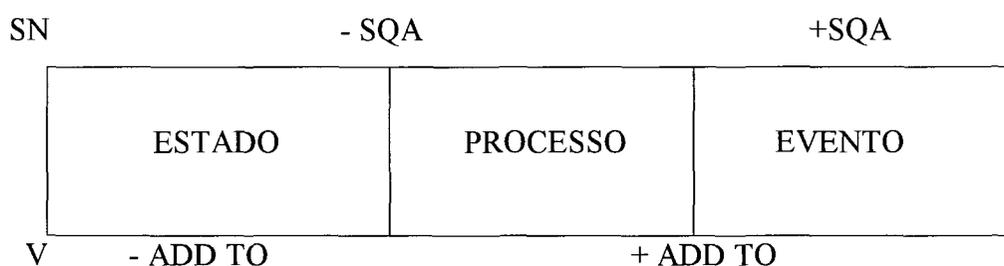
Maria comemeu maçãs

(95) Mary wrote a letter.

c. [+ ADD TO] e [+ SQA] ⇒ terminativo

Maria escreveu uma carta

Para Verkuyl, a interação da estrutura temporal com a atemporal é crucial para uma melhor compreensão do que é aspecto. A figura abaixo demonstra como estados, processos e eventos são construídos através da combinação da informação temporal, expressa pelo verbo, com a informação atemporal, expressa pelo SN (ou SNs) que servem de argumento do verbo.



As duas propriedades acima, i.e. [ADD TO] e [SQA], quando presentes na mesma sentença, constituem o aspecto terminativo. Este aspecto é um meio de assinalar que estamos nos referindo a um evento: entidade temporal que pode ser contada e quantificada. Quando a propriedade [ADD TO] está presente e a propriedade [SQA] não, obtemos um processo (*unbounded*). Quando a propriedade [ADD TO] não está presente, temos um estado, independentemente da presença ou não da outra propriedade. O resultado da combinação das duas propriedades sempre resultará em terminatividade ou duratividade.

1.6.2. As classes aspectuais de Vendler e a composição aspectual de Verkuyl

Verkuyl (1993) critica a base lexical à qual Vendler se atem para sustentar sua quadripartição: estado, processo, *accomplishment* e *achievement*. Verkuyl aponta que a palavra 'termo', utilizada por Vendler para denotar verbos, faz referência a categorias que são complexas, no sentido de um objeto direto, por exemplo, co-determinar a pertinência de um verbo transitivo a uma das quatro categorias aspectuais. Para Verkuyl, a classificação de Vendler diz respeito a categorias ontológicas, não tendo

(DC), i.e. 'Critérios do Tempo Contínuo' e 'Critérios da Definição', respectivamente.

	- Processo	+ Processo
- Definido	Estado	Atividade
+ Definido	<i>Achievement</i>	<i>Accomplishment</i>

Os estados e os processos compartilham a propriedade de se estenderem por unidades temporais indefinidas e não-únicas; os estados e *achievements* pertencem aos instantes, enquanto que as atividades e os *accomplishments* são considerados como processos em desenvolvimento no intervalo de tempo; finalmente, os *achievements* e *accomplishments* envolvem unidades temporais definidas e únicas.

Os 'Critérios do Tempo Contínuo' envolvem, como é de se esperar, a oposição entre tempo gramatical contínuo e não-contínuo, sendo o progressivo o mais importante deles. Segundo Vendler (1967), os verbos de *accomplishment* e atividade podem ter a forma progressiva, enquanto que os verbos de estado e *achievement* não podem. A forma progressiva parece estar baseada no parâmetro [\pm Processo], da tabela acima: quando o valor é positivo, [+ Processo], o verbo pertence aos processos que se desenvolvem no tempo, i.e. constituído de fases que se sucedem umas às outras na linha do tempo, e, por isso aceitam a forma progressiva.

O critério acima tem sido alvo de muitas críticas. Sentenças como (96) e (97) têm sido trazidas à baila, no sentido de contestar o critério de Vendler:

(96) I am living in Amsterdam.

Eu estou morando em Amisterdam

(97) I am assuming that you will come tonight.

Eu estou supondo que você virá esta noite

Para Verkuyl, o critério de Vendler está erroneamente baseado na 'agentividade', conforme ilustram seus próprios exemplos (Vendler 1967, 99). Seguindo a análise de Vendler, as sentenças (98) e (99) não admitiriam formas progressivas porque não apresentam agentividade.

(98) *I am knowing, she is loving him, he is possessing the house, he is ruling the country (States).

Eu estou sabendo, ela está amando ele, *ele está possuindo a casa, ele está governando o país (Estados)

(99) *She was recognizing him, he was reaching the top, she was winning the race.

(*Achievements*)

Ela estava reconhecendo ele, ele estava alcançando o topo, ela estava vencendo a corrida

Não obstante, o critério de Vendler não lança nenhuma luz sobre a análise de sentenças que não apresentam agentividade, mas aceitam formas progressivas, como em (100) e (101). O critério 'do'¹³ e o critério de não co-ocorrência de advérbios como 'deliberadamente' ou 'cuidadosamente' com estados¹⁴, também introduzidos por Vendler, não se prestam tampouco à análise de (100) e (101) por serem testes também baseados em agentividade, não se aplicando à análise de casos 'não-animados'.

(100) The weather is developing a strange pattern.

O clima está desenvolvendo um padrão esquisito

(101) Imports are increasing in price.

As importações estão aumentando de preço

Nos casos (102) e (103), constatamos que sentenças que Vendler classificaria como *accomplishments*, rejeitam os advérbios supostamente compatíveis com processos.

(102) The sun had (*deliberately) evaporated four gallons.

O sol tinha (*deliberadamente) evaporado quatro galões

(103) The washer (*deliberately) ejected these dishes.

A lavadora (*deliberadamente) ejetou estes pratos

Por último, Vendler afirma que somente as atividades e os *accomplishments*

¹³ A pergunta 'Do you know...?' e sua resposta apropriada 'Yes, I do' não apresentam a contrapartida 'Do you run?', 'Yes, I do'. Esta expressa uma intensão (Verkuyl, 1993. 38)

¹⁴ *John deliberately knew the answer. (estado)

aceitam construções com os verbos '*stop*' e '*start*'. As sentenças (104) e (105) demonstram que, ao contrário do que afirma Vendler, existem verbos de estado que podem ser usados com '*stop*' e '*start*', assim como existem processos que ficam, no mínimo, estranhos.

(104) Stop being a fool, naughty, workalcoholic.

Deixe de ser tolo, travesso, viciado em trabalho

(105) ?The mummy stopped drying out.

A múmia parou de secar

Os 'Critérios da Definição' dizem respeito à divisão horizontal da tabela acima, que separa *accomplishments* e *achievements* de estados e atividades, muito embora Vendler tenha se ocupado basicamente da distinção entre *accomplishments* e atividades. Vendler lança mão de dois critérios para separar *accomplishments* de *achievement*: (i) um critério baseado na co-ocorrência, chamado por Verkuyl de critério FIT, (ii) um outro critério baseado em implicações.

O critério FIT diz respeito à restrição da co-ocorrência do verbo com advérbios precedidos de '*for*' e '*in*' e com o verbo '*take*'. Para Verkuyl os testes com '*for*' e '*in*' são aceitáveis, mas o teste com '*take*' requer que na fórmula '*It took X y time to...*' o valor de X seja um termo que expresse algum tipo de agentividade (p.41). O teste com '*take*' exclui os *achievements*, impedindo que eles sejam classificados na mesma categoria, como prevê o 'parâmetro de definição'. Para Verkuyl, *accomplishments* e *achievements* formam uma classe natural, e se Vendler tivesse aplicado apenas os testes com '*for*' e '*in*', teria feito o mesmo julgamento.

O critério de implicação de Vendler - 'se alguém pára de correr uma milha, este alguém não correu uma milha; se alguém pára de desenhar um círculo, este alguém não desenhou um círculo. Mas sobre o homem que parar de correr, pode-se afirmar que correu e sobre o que parar de empurrar a carroça, que empurrou a carroça' - tem por objetivo demonstrar que, se inspecionarmos um intervalo durante o qual uma atividade se desenvolve, dada a propriedade da homogeneidade, podemos estar certos de encontrar o mesmo tipo de ação em qualquer parte do intervalo. Este critério é muito usado para validar o 'paradoxo do imperfectivo', separando *accomplishments* de atividades. Não obstante, para Verkuyl, o critério só se aplica a um certo número de

casos, nem sempre se prestando à distinção entre *accomplishment* e atividade. O critério em questão não se aplica, por exemplo, a casos como (106), classificados como atividade, segundo os critérios de Vendler. Neste caso, a propriedade da homogeneidade parece não se aplicar porque a sentença (106) implica num processo e ao menos mais de um círculo ter vindo à existência, o que sugere o término (de uma etapa) do processo.

(106) Mary was drawing some circles.

Maria estava desenhando alguns círculos no chão

Verkuyl critica Vendler (1967), Dowty (1977) e todos os que tem se ocupado do 'paradoxo do imperfectivo' por terem se limitado a sentenças como (107) e (108), que apresentam apenas um objeto direto singular ou SP direcional.

(107) John drew a circle.

João desenhou um círculo

(108) Mary walked to Rome.

Maria caminhou para Roma

Nas sentenças acima, o 'paradoxo do imperfectivo' parece existir. Mas isso não significa que a homogeneidade ou não do intervalo seja o fator determinante do paradoxo. Para Verkuyl, o paradoxo nem sequer existe.

1.7. A proposta de Godoy (1992)

Godoy apresenta uma definição de aspecto envolvendo uma oposição com bastante tradição lingüística: perfectividade e imperfectividade. Esta oposição, nos termos de Godoy, será sempre o resultado da relação de inclusão entre o 'Tempo do Evento' (TE) - tempo em que o evento acontece - e o 'Tempo de Referência' (TR) - o tempo com o qual a eventualidade se relaciona¹⁵.

Os dois termos acima são mais facilmente compreendidos quando atentamos para exemplos como '*Peter had gone*' (cf. Reichenbach 1966, 288). Pelo modo como a

¹⁵ Os termos são amplamente discutidos no próximo capítulo, especialmente na seção 2.1.

sentença está organizada temporalmente, percebemos que ela faz referência a dois pontos na linha do tempo, cujas posições são determinadas com relação ao momento da fala: o tempo em que 'Peter saiu', e algum outro tempo no passado, posterior à saída de Peter que serve como tempo de referência para a saída de Peter. Esses tempos, ou pontos, são chamados de 'tempo do evento' e 'tempo de referência', respectivamente. No exemplo acima, o 'tempo do evento' é o momento em que Peter saiu, e o 'tempo de referência' é algum tempo entre este ponto e o momento da fala.

Além dos conceitos acima, Godoy lança mão da propriedade EP (End-Points), que discutiremos mais adiante, e das classes aspectuais vendlerianas (cf. 1.2) para determinar os aspectos perfectivo e imperfectivo.

Consideremos primeiramente as classes aspectuais na seqüência do discurso. Godoy discorda do afirmativa feita por Dry (1981) e Reinhart (1984) de que só as classes aspectuais heterogêneas (*accomplishments* e *achievements*) poderiam aparecer na linha do tempo. As classes homogêneas (estados e atividades) somente descreveriam como as coisas são no momento em que os eventos acontecem. Para Godoy, as atividades e os estados também podem fazer parte da seqüência do discurso.

Conforme vimos acima, Godoy faz uso dos conceitos de tempo de referência e tempo do evento propostos por Reichenbach. Não obstante, a relação de anterioridade, simultaneidade e posteridade, proposta por Reichenbach, é substituída por uma relação de inclusão entre TR e TE. Assim, sentenças como (109) apresentariam o TR incluído no TE, e não TR concomitante com TE, como sugere a teoria de Reichenbach (1966).

(109) At five o'clock the procession was going into the church.

Às cinco horas, a procissão estava entrando na igreja

Godoy argumenta que sentenças do tipo (109), quando inseridas numa seqüência do discurso, não devem mover o tempo da narrativa para frente devido à relação que seu TR estabelece com o seu TE. Quer dizer, sempre que o TR estiver contido no TE, o tempo da narrativa não deve avançar. Por outro lado, quando o TE estiver contido no TR, o tempo da narrativa deve avançar. Na teoria de Godoy, as duas relações acima correspondem ao conceito de imperfectividade e perfectividade, respectivamente.

Para Hinrichs (1982) e Partee (1984), só os eventos (*accomplishments* e *achievements*) podem ser contidos no seu TR. Assim, só os eventos moveriam o tempo

da narrativa para frente, introduzindo um novo TR que substitui o anterior. Se a situação seguinte for um *accomplishment* ou *achievement*, ela ocorre num TR diferente e posterior. Em casos como (110), a terceira sentença, por ser um estado, contém a anterior, sendo justaposta àquela.

(110) João brigou com Maria e saiu de casa. A lua brilhava soberba. (p. 177)

Todavia, para Godoy, a afirmação acima não está totalmente correta, uma vez que, em sentenças como (111), podemos constatar que o TR da segunda sentença é posterior ao da primeira, apesar da segunda sentença constituir um estado. Parece, então, que a classe aspectual tem pouca (ou nenhuma) relevância para definir a seqüência na linha do tempo.

(111) Eles se casaram e viveram felizes para sempre. (p. 178)

Para Hataf (1989), a propriedade realmente importante no que tange à seqüência do discurso é aquela definida por ele como a propriedade EP (End-Points). Uma sentença apresentada na forma perfectiva, necessariamente, apresentará pontas (propriedade-EP), quer dizer, um começo e/ou fim determinados. Uma sentença imperfectiva, por outro lado, não apresentará pontas, fará referência à estrutura interna de alguma situação, cujo início e término são desconsiderados.

A propriedade das 'pontas' (EP) não deve ser confundida com a noção de telicidade e atelicidade (*bounded* e *unbounded*). A telicidade indica uma situação que tende a um fim natural. Não obstante, uma situação que não apresenta pontos finais naturais pode adquirí-los. Deste modo, uma situação atélica pode ser apresentada de modo perfectivo, com pontas (EP). Uma situação télica, que apresenta um ponto natural para o seu término, pode continuar indefinidamente, quando apresentada de modo imperfectivo: sem pontas.

Para Dowty (1977) e Vendler (1967), a inferência de uma sentença, no progressivo no presente para o passado simples é válida para os atélicos e falha para os télicos, e.g. 'João está trabalhando', logo 'João trabalhou', mas de 'João está escrevendo uma carta' não se pode afirmar que a carta tenha sido terminada, assim não se pode inferir que 'João escreveu uma carta' (cf. (112)).

(112) João está trabalhando → João trabalhou.

João está escrevendo uma carta ~ → João escreveu uma carta.

Nem sempre é fácil afirmar se uma determinada situação é télica ou não. Supondo que João tenha passado o dia inteiro cantando a mesma canção, eu devo considerar a situação como tendo um ponto terminal natural, i.e. como télica. E se João passar o dia inteiro pintando um quadro, eu posso afirmar que ele pintou um quadro o dia inteiro, sem pressupor que o quadro esteja necessariamente acabado. Neste caso, a afirmação parece verdadeira, não obstante o ponto terminal não tenha sido alcançado.

Especificamente no inglês, mesmo com a partícula 'up' posposta ao verbo, apontada por Comrie e Dowty como indicadora de telicidade, o problema continua quando colocamos a sentença no progressivo (cf.: (113)). Deste modo, por considerarmos uma distinção problemática, evitaremos o uso dos conceitos 'télico' e 'atélico'.

(113) John was cleaning the room up when the telephone rang.

João estava limpando a sala quando o telefone tocou

Passemos ao tratamento da relação entre o tempo de referência (TR) e as classes aspectuais. Godoy corrobora a posição de Hatav (1989) para quem - ao contrário de Hinrichs (1982) e Partee (1984) que afirmam que os estados e as atividades sempre contêm seu TR, [$TR \subset TE$], por isso não podem aparecer na seqüência do discurso - um *accomplishment* ou *achievement* sempre está contido no seu TR [$TE \subset TR$], enquanto os estados e atividades nem sempre contêm seus TRs. Para Hatav, TR e TE podem apresentar três tipos de relações: (i) eles podem conter seus TRs [$TR \subset TE$], (cf. (114)); (ii) podem estar contidos nos seus TRs [$TE \subset TR$], (cf.: (115)); (iii) podem coincidir com seus TRs, [$TE = TR$], (cf. (116)). Note-se, porém, que, conforme veremos adiante, as relações entre TR e TE propostas por Godoy não correspondem totalmente às de Hatav, ainda que pareçam se inspirar nelas.

(114) I was sick yesterday. In fact, I've been sick since last Monday and I'm not fine yet.

Eu estava doente ontem. Na verdade, tenho estado doente desde segunda-feira

passada e ainda não estou bem

(115) I was sick yesterday, but after a walk on the beach I felt all right so I could go out for dinner.

Eu estava doente ontem, mas depois de uma caminhada na praia eu me senti bem, então pude sair para jantar

(116) I was sick yesterday, but this morning I was fine. (p. 187)

Eu estava doente ontem, mas esta manhã eu estava bem

Se seguirmos a definição do TR proposta por Reinhart (1986) onde ela abandona o ponto (instante) como unidade temporal primitiva e o substitui pelo intervalo, na análise temporal da sentença, a veracidade das classes heterogêneas (*accomplishments* e *achievements*) devem ser consideradas em apenas um intervalo, e as classes homogêneas (estados e atividades) em pelo menos um intervalo de tempo, podendo ser verdadeiras em mais de um intervalo. Deste modo, o evento (*acc.* e *ach.*) – heterogêneo por natureza – deve estar propriamente contido no seu TR, enquanto que os estados e atividades, classes homogêneas, podem ou não estar contidos nos seus TRs.

Para Dowty (1986), os estados e atividades também introduzem TRs novos, mas, por serem normalmente interpretados como se estendendo para além destes, geralmente são vistos como justapostos uns aos outros e aos *accomplishments* e *achievements*. Contudo, observa Dowty, os estados e atividades podem ocupar um lugar definido na linha do tempo. Isto acontece porque a inferência pragmática de que os estados e atividades se estendem para além de seu TR pode ser cancelada. Dowty arrola a passagem (117) à guisa de exemplo. Dada a presença do advérbio '*suddenly*' a interpretação passa a ser inceptiva (incoativa). Para ele, esta interpretação é a de um evento, por isso permite o movimento do tempo da narrativa. Conclui-se que quando uma sentença tem o significado incoativo ela deve ser analisada como um evento.

(117) John went over the day's perplexing events once more in his mind. Suddenly he was asleep.

(João repassou os eventos perplexos do dia mais uma vez em sua cabeça. De repente ele estava dormindo) (cf. Dowty 1986, 50)

Para que uma situação possa figurar na linha do tempo e, conseqüentemente

mover o TR para frente, é necessário que ela esteja totalmente incluída em seu TR. Elas não podem se estender para além de seus TRs. Por isso não podem prescindir da propriedade EP (propriedade das pontas, ou pontos finais). Entenda-se por propriedade EP a primeira e/ou última unidade t onde s é verdadeiro. Uma situação apresentará esta propriedade se todos os intervalos de s estiverem incluídos em seu tempo de referência (TR). Como os estados e atividades se estendem para além de seus TRs, por definição, é preciso que eles sejam restringidos explicitamente para que apareçam na linha do tempo.

1.7.1. Implicações da teoria de Godoy para a análise do progressivo

Vimos acima que os estados e atividades podem aparecer na linha do tempo quando apresentam EP. Não obstante, na língua inglesa, uma proposição no progressivo jamais poderá apresentar ou adquirir EP. Uma sentença no progressivo sempre conterá seu TR, não podendo aparecer na linha do tempo, i.e. não pode mover a TR para frente. O valor de verdade de uma sentença no progressivo, segundo Dowty e Partee, deve se limitar a algum subintervalo da situação que ela denota. Este subintervalo pode ser o TR que está incluído na situação progressiva – podendo ser o momento da fala (cf.: (118)) ou algum outro momento designado por um advérbio (cf.: (119)) – ou o TR de um outro evento (cf. 120)).

(118) I am working (now).

Eu estou trabalhando (agora)

(119) At five o'clock I was working.

Às cinco horas, eu estava caminhando

(120) When you came in I was working

Quando você entrou, eu estava trabalhando

O fato do progressivo necessariamente conter seu TR, justifica a agramaticalidade de (121): dado nosso conhecimento de mundo, sabemos que o advérbio, durativo em inglês, não pode estar contido no espaço de tempo ocupado pela ação; e a gramaticalidade de (122): construir uma casa leva mais de um dia.

(121) *Yesterday John was eating supper.

*Ontem João estava jantando

(122) Yesterday John was building a house.

Ontem João estava construindo uma casa

Para Dowty (1986) as sentenças progressivas são contra-seqüenciais. Os contra-exemplos, como (123), onde existe sentença no progressivo com pós-posição do TR, são justificados por Dowty como sendo resultado da aplicação do advérbio 'suddenly' e não devidos ao uso do progressivo. Para ele, a situação denotada pelo progressivo começa antes da percepção da mesma pelo protagonista, o que justifica a presença do progressivo. O advérbio estaria modificando uma sentença implícita: *he felt that...*

(123) In the darkness, John felt his way up the stairway of the dilapidated old house. Halfway up, there was a loud cracking noise under his feet, and suddenly he was falling through space. (cf. Dowty 1986, 55)

Na escuridão, João tateou seu caminho escada acima na velha casa dilapidada. Na metade do caminho, ouviu o som alto de algo se partindo sob seus pés, e de repente ele estava caindo no espaço

Vimos acima que alguns advérbios durativos podem restringir os estados e atividades. Isto não acontece com o progressivo: o progressivo do inglês não pode ser restringido, conseqüentemente não pode ser modificado por estes advérbios. Por isso pode-se afirmar (124), mas não (125).

(124) John slept (for) 10 hours.

João dormiu (por) 10 horas

(125) *John was sleeping (for) 10 hours.

João estava dormindo por 10 horas

Hatav (1989) sugere a seguinte fórmula para o inglês, estipulando que o progressivo não pode ser restringido pelos advérbios durativos.

(126) \exists pelo menos um TR, $TR \subseteq \text{PROG}$

Dada esta diferença entre o progressivo e os estados, na língua inglesa, i.e. o progressivo jamais possui EP, Hatav conclui que ele não pode ser classificado como estado.

Para Godoy, o aspecto deve ser analisado como resultado da relação estabelecida entre o tempo de referência e o tempo do evento ($TR \leftrightarrow TE$). Desta relação resultam duas categorias: (i) a perfectividade, quando o tempo de referência inclui (contém) o tempo do evento e a situação conseqüentemente apresenta 'pontas', é 'fechada'; e (ii) a imperfectividade, quando o tempo de referência está contido no espaço de tempo ocupado pela situação. Neste caso, a situação não apresenta 'pontas', é 'aberta'. As relações apontadas acima podem ser representadas da seguinte forma: $[TE \subset TR]$, para a perfectividade; e $[TR \subset TE]$, para a imperfectividade. No caso de inclusão imprópria, representada por Godoy como $[TE \subseteq TR]$ ou $[TR \subseteq TE]$, a situação sempre apresentará as 'pontas' (EP), apresentando portanto o aspecto perfectivo, uma vez que o TE pode se estender, no máximo, até os limites do TR, mas nunca ultrapassá-los.

Todas as classes aspectuais podem apresentar o aspecto perfectivo, mas o aspecto imperfectivo só é possível para os estados e as atividades. Conforme vimos anteriormente, os *accomplishments* e *achievements* são classes heterogêneas, logo seu valor de verdade se restringe ao passado perfectivo.¹⁶ A restrição não se aplica aos estados e atividades. Às vezes, para se determinar a classe aspectual de determinada sentença é preciso que se recorra a outros elementos dentro ou fora dos limites da sentença e ao teste do advérbio, se houver algum. Este é o caso da sentença (127), onde não está claro se a sentença deve ser classificada como *accomplishment*, no caso do quadro ter sido pintado por completo num determinado espaço de tempo, ou atividade, caso Godofredo, após determinado período de atividade, e.g. duas semanas, ainda não o tenha acabado. A princípio, não se pode afirmar se a sentença em questão possui ou não a propriedade da distributividade. Quer dizer, se o valor de verdade do intervalo se estende a seus subintervalos.

(127) Godofredo pintou um quadro. (p. 210)

¹⁶ Sentenças do tipo 'Godofredo pinta/pintava/está/estava pintando um quadro', não são consideradas *accomplishments*.

Tanto o aspecto perfectivo quanto o imperfectivo podem ser encontrados no presente, passado ou futuro, apesar de poucas línguas possuírem o presente perfectivo. Conforme exposto acima, os *accomplishments* e *achievements* não são possíveis no presente ou futuro. As situações apresentadas no aspecto imperfectivo são situações durativas, por isso podem, muitas vezes, servir de pano de fundo para outras situações perfectivas, gerando "esquemas de incidência", como a sentença 'A lua brilhava soberba', em (110), ou '*John was cleaning the room up...*', em (113), uma vez que é possível haver uma série de eventos incluídos no espaço de tempo ocupado por aquelas eventualidades.

Godoy concorda com a afirmação feita por Hataf (1989) de que existe uma forte conexão entre os advérbios temporais e a estrutura da seqüência do discurso; enquanto que a relação entre as classe aspectuais e a estrutura em questão parece, segundo ele, não ser muito relevante. Devido a esta forte conexão, só os advérbios que se referem a um ou ambos os Eps coocorrem com as formas verbais perfectivas (seqüenciais), enquanto que os advérbios temporais que não se referem a nenhum EP, mas sim ao intervalo de uma situação sem EP, coocorrem com formas imperfectivas (não-seqüenciais). Hataf distingue três tipos de classes de advérbios: (i) advérbios de precedência, que se referem a um dos Eps; (ii) advérbios delimitadores, que se referem a ambos os Eps, delimitando a duração de um estado ou de uma atividade; (iii) advérbios de inclusão, que indicam que o TR da situação está incluído na mesma.

Os advérbios de precedência, como '*before (that)*', '*and then*', resultam em sentenças bem formadas, no caso de (128) e (129), quando a sentença a qual eles se referem apresentam 'pontas' (EP). Caso contrário a combinação fica estranha (cf. (130) e (131)).

(128) The baby fell asleep; *before that* I could not do any work.

and then I sat down to do some work.

O bebê adormeceu; antes disso eu não pude fazer nenhum trabalho

e então eu me sentei para fazer alguma coisa

(129) John built the house; but *before that* he saved some money.

and only then he got married.

João construiu a casa; mas antes disso ele economizou algum dinheiro

e só então ele se casou

(130)*The baby was sleeping; *before* that I could not do any work.

and then I sat down to do some work.

O bebê estava dormindo; antes disso eu não pude fazer nenhum trabalho

e então eu me sentei para fazer algum trabalho

(131) *John built houses; but *before* that he saved some money.

and only then he got married.

João construiu casas; mas antes disso ele economizou algum dinheiro

e só então ele se casou (cf. Godoy 1992, 213)

Além de modificar o significado, os advérbios deste tipo podem desempenhar um papel relevante no que tange ao movimento do tempo da narrativa. Considere-se a passagem (132) onde na terceira sentença - que representa um estado e por isso não deveria, a princípio, mover o tempo da narrativa para frente - a presença do advérbio faz com que o tempo de referência desta sentença seja posterior aos outros, dando idéia de movimento. Caso não existisse o advérbio, os TRs das três sentenças seriam o mesmo: as sentenças seriam interpretadas como simultâneas.

(132) There was more than silence... Here there was nothing to feel. *Suddenly* she was aware of her heart beating rapidly... (Dry 1981, 235)

Havia mais que silêncio... Aqui não havia nada para sentir. De repente ela se deu conta da batida rápida de seu coração

No segundo grupo, formado pelos advérbios delimitadores, destacam-se os advérbios de duração. Estes advérbios, como o próprio nome já sugere, servem para delimitar a duração dos estados e atividades, i.e. delimitar seu conjunto de subintervalos. Para Hatav, o que é delimitado pelo advérbio é o estado e não o tempo de referência (TR). Este é sempre delimitado, quer de forma específica ou não.

O estado (ou atividade) delimitado, segundo Godoy, se comporta como um evento mas só no que se refere à propriedade EP e, portanto, à seqüencialidade. Em (133), a sentença que expressa o estado de dormir contém também o advérbio delimitador '*for ten hours*' que estabelece os Eps. No estado representado em (134) não há advérbio delimitador, não havendo, por isso, Eps. Neste caso (TR incluído em TE), a interpretação mais comum seria a de simultaneidade, o que viria de encontro à

informação dada pelo advérbio '*only then*' (*somente então*).

(133) John slept for ten hours, and only then started to work.

João dormiu por dez horas, e somente então começou a trabalhar

(134)*John slept, and only then started to work.

João dormiu, e somente então começou a trabalhar

Godoy (1992) observa que 'um verbo estativo na forma sequencial não é simplesmente capaz de interagir com os delimitadores, como também tem que ser modificado por eles, se deve denotar uma eventualidade holística e não incoativa.' (p.221).

Existe ainda, neste segundo grupo, delimitadores do tipo '*ten times*', chamados por muitos linguistas de iterativos. Estes advérbios se referem ao número de ocorrências da mesma situação, de qualquer classe, como um todo, como se fosse uma única situação, sendo a primeira ocorrência o ponto inicial e a última o ponto final. Em inglês, as formas progressivas - imperfectivas por excelência, uma vez que retiram os Eps das sentenças – não aceitam este tipo de advérbio (cf. (135)).

(135) *John was dancing three times.

*João estava dançando três vezes

Os advérbios discutidos acima referiam-se a um ou aos dois Eps, possibilitando a seqüência de estados e atividades. Existe, contudo, situações de inclusão, que não possuem Eps, onde advérbios daquele tipo não se encaixariam. Para se referir a este tipo de situação existem advérbios especiais, do tipo '*while x*', '*during x*', onde x é um argumento, podendo ser um SN ou uma sentença. Esta classe de advérbios, chamada por Hataev de advérbios de inclusão (*containment adverbs*), vão bem com estados atividades e formas progressivas (cf. (136), (137), (138)), não podendo coocorrer com classes que apresentam Eps, i.e. incoativos, *accomplishments* e *achievements* (cf. (139), (140), (141)).

(136) The baby was asleep; during that time I could do some work.

O bebê estava dormindo; durante esse tempo eu pude trabalhar um pouco

(137) John built houses. At that time he also studied for his B.A.

João construiu casas. Naquele tempo ele também estudou para o seu B.A.

(138) John was working; during that time Mary cooked dinner.

João estava trabalhando, durante esse tempo Maria cozinhou o jantar

(139) *The baby fell asleep; During that time I could do some work .

O bebê adormeceu; Durante esse tempo eu pude trabalhar um pouco

(140) *John built the house. At that time he also studied for his B.A.

João construiu a casa. Naquele tempo ele também estudou para o B.A..

(141) *John died. During that time Mary cooked dinner.

*João morreu. Durante esse tempo Maria cozinhou o jantar

1.7.2. A proposta de Godoy para a análise do português.

Para Guillaume (1969), o pretérito perfeito apresenta a ação como global, inteira enquanto que o pretérito imperfeito apresenta a ação como incompleta. Neste caso, apenas uma parte da ação já teria se completado, havendo uma outra porção da ação por se completar. O imperfeito, segundo R. Martin (1971), faz referência ao 'dinamismo interno da ação'. Dado este dinamismo, 'uma parte do não acontecido se transforma constantemente no acontecido'.

Travaglia (1985) afirma que 'nas frases com pretérito perfeito, a situação é sempre apresentada como preenchendo um período de tempo completo, ou como uma situação que ocorre em um momento. Já nas frases com pretérito imperfeito, a situação é apresentada como preenchendo um período de tempo que ainda não é completo'. (p. 153)

Para Godoy, a situação narrada no pretérito perfeito apresenta o tempo do evento (TE) contido no tempo de referência (TR), por isso apresenta aspecto perfectivo. A ação é percebida como um todo, em sua globalidade, independentemente da classe aspectual do verbo. Ainda, continua Godoy, os *accomplishments* - que representam uma mudança gradual de um estado de coisas -, e os *achievements* - que, por sua vez, representam uma mudança abrupta - só podem ser apresentados no aspecto perfectivo porque devem ser apresentados por inteiro, completos.

O aspecto imperfectivo, por sua vez, representa uma ação cujo tempo de referência (TR) está contido no tempo do evento (TE), o que torna a ação incompleta,

dando uma idéia de duração, como se a ação estivesse em constante completamento.

No português, os estados e atividades podem conter um verbo no pretérito perfeito ou imperfeito, progressivo ou não (cf. (142) e (143)), enquanto que os *accomplishments* e *achievements*, que necessariamente contêm uma mudança de um estado de coisas, gradual e abrupta, respectivamente, só podem conter um verbo no pretérito perfeito (cf. (144) e (145))

(142) Maria morou aqui. (estado)

Maria morava / estava-esteve¹⁷ morando aqui. (estado)

(143) Ele cantou. (atividade)

Ele cantava / estava-esteve cantando. (atividade)

(144) Ele escreveu a carta. (*accomplishment* ou atividade)

~Ele escrevia / estava-esteve escrevendo a carta. (atividade)

(145) Ele venceu a corrida. (*achievement*)

~Ele vencia / estava-esteve vencendo a corrida. (atividade)

Os *accomplishments* e *achievements*, devido ao fato de apresentarem o TE contido no TR, movem o tempo da narrativa para frente: cada ação seguinte ocorre após o término da ação anterior. (cf. (146))

(146) Ela depositou seu buquê de flores sobre a tumba... ajoelhou-se e, rezando, enxugou uma lágrima furtiva.

Conforme vimos acima, o TE de uma sentença pode ser restringido por um advérbio de tempo. É o que acontece na passagem (147), onde a ação expressa pelo verbo imperfeito 'chorava' é posposta à ação da sentença anterior. Não fosse a presença do advérbio, o TE da última sentença incluiria os TRs dos eventos anteriores.

(147) O doutor entrou em casa e viu sua mulher de pé. Ele lhe sorriu. *Um momento*

¹⁷ A diferença 'estava-esteve' em construções progressivas será discutida no capítulo IV.

depois ela chorava. (p. 229)

A simultaneidade temporal de duas ou mais situações também pode ser expressa com o auxílio de advérbios como 'quando'¹⁸ e 'enquanto'. Estes advérbios são chamados advérbios de inclusão. Segundo Mira Mateus (1983), quando as duas situações ocupam exatamente o mesmo período de tempo, a simultaneidade é dita pura – nos termos de Godoy, inclusão imprópria – (cf. (148)), e impura – inclusão própria - (cf. (149)), quando um dos intervalos se sobrepõe ao outro.

(148) Filomena cozinhava/estava cozinhando enquanto Genivaldo desenhava/estava desenhando o círculo no chão. (p.231)

(149) Filomena cozinhava/estava cozinhando, quando Genivaldo quebrou o vaso.

Em (150), as duas sentenças estão no imperfectivo e incluem o mesmo TR, denotando ações simultâneas. Não obstante, não é possível determinar se esta simultaneidade é pura (sincronizada). Em casos como este, a inclusão deve ser considerada própria.

(150) Filomena caminhava/estava caminhando, quando Genivaldo desenhava/estava desenhando o círculo no chão. (p. 232)

Note-se que é impossível a inclusão (imprópria), introduzida por 'enquanto' de um achievement ou um accomplishment - perfectivos por definição - num estado ou uma atividade - que podem ser perfectivos ou imperfectivos por definição. (cf. (151))

(151) *Filomena morou/morava/estava morando em São Paulo enquanto quebrou a perna. (p. 234)

Para que haja sincronização das situações expressa com a ajuda de um advérbio do tipo 'enquanto', faz-se necessário que se estabeleça a relação de inclusão imprópria

¹⁸ Este advérbio pode expressar uma outra relação temporal em sentenças como 'Maria estava cantando quando foi baleada' ou 'Maria estava caminhando quando quebrou a perna'.

entre atividades ou estados, ambos sendo do mesmo aspecto.

Resumindo, vimos que, para Godoy, a propriedade das pontas (Eps) é uma propriedade inerente dos *accomplishments* e *achievements* e que pode se apresentar nos estados e atividades. Por isso, os *accomplishments* e *achievements* devem necessariamente ser apresentados com aspecto perfectivo, enquanto os estados e atividades, normalmente apresentados com aspecto imperfectivo, podem ser restringidos de modo a adquirir pontas e assumir aspecto perfectivo.

Por último, Godoy substitui a noção de anterioridade, simultaneidade e posteridade de Reichenbach, pela noção de inclusão. Assim, os aspectos perfectivo e imperfectivo são definidos em termos da relação de inclusão entre TR e TE, não importando a que classe aspectual o verbo pertença.

CAPÍTULO II

TEMPO GRAMATICAL

2.1. A teoria de Reichenbach

Os tempos gramaticais determinam a localização temporal da situação expressa por uma determinada sentença com relação a um ponto na linha do tempo que representa o momento da fala: o momento em que a sentença é proferida. Não obstante, esta não é a única função do tempo gramatical. A indicação temporal dada pelo tempo gramatical parece ser de natureza mais complexa. Além de relacionar determinada situação ao momento da fala, o tempo gramatical pode, conforme veremos adiante, relacionar a situação com um outro ponto, diferente do momento da fala.

Se elegermos somente o momento da fala como referência, teremos apenas três possibilidades de indicar a localização de um determinado ponto na linha do tempo: antes, durante (simultâneo) e depois do momento da fala. Percebemos logo que essas três possibilidades não são suficientes para analisar as relações temporais estabelecidas pelos vários tempos gramaticais. Enunciados como '*Peter had gone*', por exemplo, onde são sugeridos dois eventos, e não um só, cujas posições são determinadas, em última instância, com relação ao momento do enunciado, daqui para a frente (E), não poderiam ser tratados.

A perífrase '*had gone*' indica que o evento em questão, que chamaremos de (E1), precede um segundo evento (E2) que serve de ponto de referência (R) para o primeiro evento. O E1 é o momento em que Peter saiu e o R1 um ponto que está compreendido entre a saída de Peter e o momento da fala. Esse ponto não está claro no exemplo dado, mas é esclarecido pelo contexto. O ponto de referência (R) do segundo evento, sugerido pelo uso do '*past perfect*', se identifica com o momento da fala. O segundo evento está no passado com relação ao momento da fala.

Em seqüências como (01), o advérbio '1987' indica o momento (ponto) em que o evento denotado pela primeira sentença acontece: chamaremos este momento de E. Este mesmo momento (ponto) serve de referência (R) para a localização da segunda

sentença. O ponto (E) em que o primeiro evento se localiza é anterior ao momento da fala (*point of speech*) (S), por isso podemos indicá-lo fazendo uso do '*simple past*'.

O ponto (E2) em que o segundo evento se localiza é anterior ao ponto (E1) que representa a localização do primeiro evento. Deste modo, a referência (R) para a interpretação do segundo evento (E2) é suprido pelo primeiro evento (E1). Para a indicação desta relação temporal no inglês faz-se necessário o uso do '*past perfect*'.

(01) When Peter arrived in 1987 the whole face of things had changed.

Quando Peter chegou, em 1987, a aparência inteira das coisas tinha mudado

Em alguns tempos gramaticais dois dos três pontos são simultâneos. No *simple past*, por exemplo, o ponto de referência R e o ponto do evento E são simultâneos, estando ambos localizados antes do momento da fala, S. A localização de R anterior à S distingue o *simple past* do *present perfect*: neste o ponto de referência R e o momento da fala S coincidem, sendo o E anterior ao S, como em *I've seen Charles*.

Reichenbach percebe que a estrutura temporal de dois pontos adotada pela gramática tradicional não é adequada para o tratamento dos tempos gramaticais, e acrescenta mais um ponto: o ponto de referência. Reichenbach faz uso de uma estrutura temporal de três pontos para distinguir tempos gramaticais que, a princípio, parecem envolver apenas dois pontos.

Seguindo o esquema temporal de três pontos, teremos a seguinte estrutura para os tempos gramaticais em língua inglesa: (serão usados E para o ponto do evento, R para ponto de referência, e S para momento da fala)

Past perfect.	I had seen John	_____
		E R S
Simple past	I saw John	_____
		R,E S
Present perfect	I have seen John	_____
		E S,R

Simple present	I see John	_____	
			S,R,E
Simple future	I shall see John	_____	
			S,R E
Future perfect	I shall have seen John	_____	
			S E R (p.290)

Podemos ainda acrescentar os tempos gramaticais que possuem uma informação adicional no que tange à duração do evento. São os tempos progressivos (*present participle*). Estes tempos gramaticais indicam que o evento se estende por um determinado período (*stretch*) de tempo:

Past perfect continuous	I had been seeing John	_____	
			E R S
Past continuous	I was seeing John	_____	
			R,E S
Present perfect continuous	I have been seeing John	_____	
			E S,R
Present continuous	I am seeing John	_____	
			S,R,E
Future continuous	I shall be seeing John	_____	
			S,R E
Future perfect continuous	I shall have been seeing John	_____	
			S E R

coincidem. A seqüência (03) e (05) são agramaticais porque o ponto de referência é mudado do passado para o presente nos dois casos.

(02) I had mailed the letter when John came and told me the news.

Eu tinha postado a carta, quando João veio e me contou as novidades

1st clause	E1	__	R1	__	S
2nd clause			R2 , E2	__	S
3rd clause			R3 , E3	__	S

(03) *I had mailed the letter when John *has come*.

*Eu tinha postado a carta , quando João vem

1st clause	E1	__	R1	__	S
2nd clause			E2	__	S, R2

(04) I have not decided which train I shall take.

Eu não decidi que trem devo tomar

1st clause	E1	__	S, R1
2nd clause			S, R2 __ E2

(05) *I *did not* decide which train I shall take.

*Eu não decidi que trem eu deverei tomar

1st clause	R1 , E1	__	S
2nd clause			S, R2 __ E2

Quando advérbios ou locuções adverbiais de tempo estão presentes na sentença, eles não se referem ao E, ponto em que o evento acontece, mas sim ao R, ponto tomado como referência para a localização do evento. Esses dois pontos são distintos (cf. (07)), mas podem, às vezes, coincidir. (cf. (06))

(06) I met him yesterday. $R = E$

Eu o conheci ontem

(07) I had met him yesterday. $R \neq E (E < R)$

Eu (já) o tinha conhecido ontem

No caso de (06), uma vez que o ponto de referência e o ponto do evento coincidem, o advérbio *yesterday* pode servir para localizar o ponto do evento. No caso de (07), os dois pontos não coincidem, logo, conforme dissemos acima, o advérbio deve indicar a localização do ponto de referência, e não do ponto do evento. Por isso, em (07), o evento denotado pelo verbo *meet* (conhecer) deve ter ocorrido antes de *yesterday* (ontem): anteontem, por exemplo. Comrie se refere a esta característica do ponto de referência como '*positional use of the reference point*' (uso posicional do ponto de referência). No caso da sentença (07), o ponto de referência está sendo usado para representar uma determinada posição na linha do tempo, diferente do (posterior ao) ponto do evento. (cf. p. 294)

Se a relação temporal dos pontos de referência que estão sendo comparados não for de identidade, mas de seqüência, quer dizer, se um for anterior ao outro, a regra da permanência do ponto de referência não poderá se mantida. Seqüências como '*he was healthier when I saw him than he is now*' (ele estava mais saudável quando eu o vi do que ele está agora) apresentariam a seguinte estrutura temporal:

1st clause	R_1, E_1 __ S	
2nd clause	R_2, E_2 __ S	
3rd clause	S, R_3, E_3	(p. 295)

Nesses casos, a regra de permanência do ponto de referência é substituída por uma regra mais geral do 'uso posicional do ponto de referência'. Deste modo, a primeira regra deve ser aplicada somente naqueles casos em que a relação entre os pontos de referência 'for de identidade.

Os três pontos sugeridos por Reichenbach para a análise dos tempos gramaticais podem ser organizados de modo a representar 13 combinações diferentes. Destas, 9 são chamadas por Reichenbach de 'formas fundamentais'. Para obtermos as formas fundamentais devemos eleger o momento da fala como ponto de partida, e localizar o

ponto de referência com relação ao momento da fala: obteremos três combinações. Em seguida, localizamos o ponto do evento com relação ao ponto de referência (3x3) e obteremos as nove formas fundamentais. Para os tempos gramaticais do inglês serão necessárias 6 representações, uma vez que existem 6 tempos gramaticais na língua inglesa, segundo Reichenbach. (cf. p.296)

2.2. A proposta de Comrie

Para Comrie o tempo gramatical é a gramaticalização da localização no tempo: '*I take tense to be defined as the grammaticalization of location in time,*' (Comrie 1985, vii). O principal objetivo de Comrie é apresentar uma tipologia do tempo, i.e. estabelecer o limite dentro do qual as línguas podem variar no que tange às expressões gramaticalizadas de localização no tempo. Sabe-se que mesmo em inglês, que é uma língua muito estudada, a definição dos vários tempos gramaticais é controversa. O trabalho de Comrie não se aplica ao uso do tempo gramatical no discurso, senão superficialmente.

A proposta de Comrie apresenta os principais parâmetros que são relevantes para a definição da categoria dos tempos gramaticais: (1) o centro dêitico - momento da fala, para os tempos absolutos, ou algum outro ponto na linha do tempo, para os tempos relativos; (2) a localização do evento em relação ao centro dêitico - anterioridade, simultaneidade ou posteridade; (3) a distância do evento em relação ao centro dêitico - este parâmetro é freqüentemente omitido, provavelmente porque a maioria das línguas européias não apresentam este parâmetro. Por último, Comrie apresenta uma proposta de formalização para a categoria do tempo gramatical.

O tempo, na perspectiva de Comrie, é representado por uma linha horizontal, estando o momento presente no seu centro, o passado à esquerda, e o futuro à direita do momento presente. Deixa-se de lado qualquer discussão acerca da natureza de línguas supostamente atemporais. O termo 'situação' é usado de forma genérica para fazer referência a eventos, processos ou estados. As situações pontuais são representadas com um ponto, enquanto que as durativas são representadas com um traço. O evento pode pressupor um processo, ou ser pontual.

Pode-se relacionar uma situação à linha do tempo basicamente de duas formas: (1) situá-la em relação a um outro ponto (ou intervalo), podendo este ponto ser ou não o

momento da fala; ou, conforme vimos no capítulo anterior, (2) descrever sua constituição temporal interna, i.e. seu aspecto, a gramaticalização da expressão da constituição temporal interna da situação. Comrie observa que, muitas vezes, o termo 'tempo gramatical' é usado erroneamente, incluindo a noção de aspecto.

A localização no tempo é uma noção puramente conceptual. As línguas naturais parecem ter seus meios de localizar uma situação no tempo, não obstante, elas diferem umas das outras em dois parâmetros: (1) o grau de precisão; e (2) o modo como as situações são localizadas no tempo, em particular, o peso relativo designado ao léxico e à gramática para tal localização. Para Comrie, este parâmetro é o mais importante. Em inglês particularmente, é possível indicar a localização de uma situação como sendo anterior ao momento da fala, fazendo uso do tempo gramatical passado, e, ainda, localizar uma outra situação como estando anterior à primeira usando o passado perfeito (*pluperfect*), mas não há meios de quantificar gramaticalmente o lapso de tempo entre as duas situações, ou entre uma das situações e o momento presente (da fala).

As expressões que se prestam à localização das situações no tempo podem ser divididas em três classes: (1) expressões lexicalmente compostas: *five minutes after...*; (2) itens lexicais: *now, today, yesterday*; (3) categorias lexicais: são os tempos gramaticais da língua, presente, passado, futuro ... Alguns lingüistas tendem a considerar a categoria dos tempos gramaticais como pertencendo à sentença como um todo, ou, em termos lógicos, à proposição, uma vez que o valor de verdade como um todo - e não apenas alguma propriedade do verbo - é afetado pela escolha do tempo. Contudo, muitas vezes os argumentos do verbo estão fora do escopo do tempo gramatical, enquanto que o verbo está sempre dentro do referido escopo: '*by 1999, every postgraduate student (agora) will have met a prime minister*', por isso considera-se o tempo gramatical uma categoria do verbo.

O tempo em si não apresenta nenhum referencial que se preste à localização das situações, uma vez que não podemos deslumbrar seu início ou final. Faz-se necessário que se estabeleça algum ponto de referência arbitrário ao qual façamos menção para localizar as situações. Geralmente, a situação da fala é eleita como ponto de referência, i.e. o momento presente (para o tempo), o local presente (para o espaço) e o falante e ouvinte (para pessoa). Um sistema que relaciona entidades a um ponto de referência é dito dêitico, logo podemos afirmar que os tempos gramaticais constituem um sistema dêitico.

Assim como, além de seu significado básico, determinada palavra pode apresentar um significado secundário, os tempos gramaticais também podem apresentar significados secundários considerados não dêiticos, como em '*if you did this I would be very happy*', onde '*did*' se refere a uma ação em potencial, no presente ou futuro, e não faz nenhuma referência a um ponto no passado; ou ainda '*I just wanted to ask you if you could lend me a pound*', onde o uso do tempo gramatical passado indica apenas polimento, e não referência ao passado. A referência ao tempo passado constitui o significado básico do tempo gramatical passado, enquanto que a expressão de polimento, no exemplo acima, constitui um de seus significados secundários. Deve-se fazer distinção entre significado independente de contexto e interpretações dependentes de contextos específicos.

Muitas vezes, costuma-se atribuir ao tempo gramatical passado do inglês, além da informação de que a situação em questão localiza-se no passado, a informação de que a situação não vigora mais no momento presente. Para Comrie, isso não está correto: é apenas uma implicatura (uma suposição que costumamos fazer) do tempo passado, podendo ser cancelada. À sentença (08) poder-se-ia acrescentar (09). Nas palavras de Comrie: '*The separation of meaning from implicature thus enable us first to give a more accurate characterisation of the meaning of a linguistic form, and secondly, given a theory of implicatures, to account for the implicatures that are assigned to linguistic forms in the absence of any cancellation of those implicatures.*' (Comrie: 1985, 25)

(08) John used to live in London.

João costumava morar em Londres

(09) And he still does.

E ele ainda mora

Para Comrie, os tempos gramaticais têm significados definidos independentemente de contextos particulares; sendo possível que eles tenham mais de um significado. Alguns significados são mais básicos que outros. Os tempos gramaticais podem ainda receber interpretações particulares em contextos particulares. Estas interpretações são sempre resultantes da interação entre o significado independente de contexto e o contexto; não fazendo parte do significado básico da categoria em questão.

Comrie argumenta que, muitas vezes, a categoria do tempo gramatical, bem como a do aspecto, é definida em termos de sua função contextual, lançando-se mão da interpretação de eventos seqüências denotados pelos verbos da narrativa, no passado perfectivo. Isso é um erro porque a seqüência dos eventos é apenas uma implicatura, não fazendo parte do significado básico das formas em questão e podendo, por isso, ser cancelada (cf. (10)). A ordem dos eventos em (10) não é seqüencial, necessariamente. Isso demonstra que a seqüência dos eventos apontada pelo passado perfectivo é uma implicatura, e não faz parte do significado da forma verbal. A interpretação de seqüencialidade não faz parte do significado do perfectivo, mas é resultante da interação do aspecto perfectivo com o contexto.

(10) During the night the wind tore off the roof, broke three windows and brought down the apple tree.

Durante a noite o vento arrancou o telhado, quebrou três janelas e derrubou a macieira

Para Comrie, a falha na distinção entre significado e implicatura é um dos principais problemas da caracterização adequada dos tempos gramaticais. O uso da categoria gramatical no discurso não deve ser confundido com o significado da categoria, mas sim, as funções do discurso devem ser consideradas em termos da interação entre significado e contexto.

A coocorrência dos tempos gramaticais com advérbios de tempo pode ser uma ferramenta importante na investigação do significado dos tempos gramaticais, mas deve-se ter em mente que esta ferramenta não pode ser aplicada mecanicamente, uma vez que a correlação pode ser afetada por outros fatores. O advérbio pontual *at six o'clock*, por exemplo, parece, a princípio, definir a localização temporal da situação à qual se refere. Note-se, contudo, que em (11) temos uma situação durativa com um advérbio pontual. O advérbio indica apenas o início da situação durativa, enquanto que o resto da sentença se referere à situação como um todo. Não obstante, a sentença inteira poderia fazer referência ao começo da situação (cf. (12)). Assim, poderia-se afirmar (13), enquanto que seria estranho afirmar (14).

(11) The prime minister will make a speech at six o'clock.

O primeiro ministro fará um discurso às seis horas

(12) The minister will begin to make a speech at six o'clock.

O ministro começará a fazer um discurso às seis horas

(13) The prime minister began to make a speech at six o'clock, but was prevented from making the speech by the rebels.

O primeiro ministro começou a fazer um discurso às seis horas, mas foi impedido de fazer o discurso pelos rebeldes

(14) The prime minister made a speech at six o'clock, but was prevented from making the speech by the rebels.

O primeiro ministro fez um discurso às seis horas, mas foi impedido de fazer o discurso pelos rebeldes

Um outro exemplo instrutivo é o uso de advérbios de tempo em discurso indireto. Em (15) está-se reportando às palavras que John provavelmente usará em algum dia depois de terça feira, sendo o comentário de (15) feito na segunda-feira.

(15) John will be claiming that he arrived tomorrow.

João estará afirmando que chegou amanhã

Seguindo a classificação de Comrie, podemos dividir os tempos gramaticais em absolutos e relativos. Os tempos gramaticais absolutos são aqueles que tomam o momento da fala como ponto de referência, i.e. tomam o momento presente como centro dêitico. A escolha do momento presente como centro dêitico estabelece os tempos gramaticais mais básicos na maioria das línguas naturais: presente, passado e futuro.

O tempo gramatical 'presente' localiza a situação como sendo concomitante ao momento presente. Não obstante, algumas considerações precisam ser feitas. Primeiro, é muito pouco provável que uma situação coincida totalmente com o momento presente, i.e. o momento da fala, representado por um ponto na linha do tempo. Existem, contudo, algumas poucas situações em que os dois pontos coincidem: sentenças performativas, i.e. sentenças nas quais o ato descrito é atualizado pela própria enunciação da sentença (cf. (16) e (17)). Um outro conjunto de exemplos é constituído da narração simultânea ao evento em andamento (cf. (18)). Note-se, contudo, que as situações apresentadas

aqui são bastante raras, sendo necessária uma definição mais apropriada para os exemplos mais comuns, i.e. situações que apresentam disparidade entre a duração da situação e o momento presente.

(16) I promise to pay you ten pounds.

Eu prometo te pagar dez libras

(17) I name this ship the 'Titanic.

Eu batizo este navio de Titanic

(18) Red Rover crosses the finishing line (numa corrida de cavalos)

Red Rover atravessa a linha de chegada

Normalmente, o tempo gramatical presente se refere a situações que apresentam duração superior ao momento da fala. Geralmente, este tempo gramatical se refere a situações que iniciam antes do momento presente e se estendem para além do mesmo, estando o momento da fala incluído em tal intervalo (cf. (19) e (20)).

(19) Eiffel Tower stands in Paris.

A torre Eiffel fica em Paris

(20) The author is working on chapter two.

O autor está trabalhando no capítulo dois

Para Comrie, a definição do tempo gramatical presente, i.e. '*in its basic meaning it invariably locates a situation at the present moment, and says nothing beyond that*'.(cf. Comrie 1985, 38), se sustenta. Para ele, a situação referida pelo verbo no tempo presente é simplesmente uma situação que se apresenta literalmente no momento presente. O fato da situação se manter ou não antes e/ou depois do momento presente é uma implicatura, não fazendo parte do significado do tempo gramatical presente. A implicatura é resultado das características da estrutura da sentença, bem como do conhecimento que se tem do mundo real.

O ponto crucial na definição do tempo gramatical presente é que ele se refere apenas à situação que se apresenta no momento presente, mesmo quando a situação faz parte de uma situação maior que ocupa mais que o momento presente simplesmente. É possível que o advérbio de tempo expresse a duração de uma situação mais abrangente,

como em (21), mas, conforme dito anteriormente, seria um erro estabelecer o significado do tempo gramatical a partir do advérbio de tempo.

(21) The author is working on chapter two from six o'clock until twelve o'clock today.

O autor está trabalhando no capítulo dois de seis horas até às doze horas hoje

O tempo gramatical presente é muitas vezes usado com o significado de aspecto habitual (cf. (22)). Isso parece contradizer a definição do tempo gramatical presente, uma vez que a frase pode ser proferida às quatro da tarde e, conseqüentemente, não descrever uma situação que proceda no momento presente, como em (19) e (20). Não obstante, não é necessário que se faça distinção entre sentenças como (22), i.e. situações habituais que não procedem no momento presente, e situações que procedem no momento da fala. As sentenças habituais não se referem a situações recorrentes em dados intervalos, mas a um hábito, a uma situação característica que se mantém em qualquer tempo. Assim, a sentença (22) atribui uma certa propriedade a John, verdadeira em todos os momentos, inclusive quando John não estiver indo para o trabalho: '*The habit does hold at the present moment, and that's why the present tense is in principle an appropriate tense to use in describing this habitual situation.*' (Comrie 1985, 39)

(22) John goes to work at eight o'clock (everyday).

João vai para o trabalho às oito horas (todo dia).

Nenhuma língua apresentará, segundo Comrie, a habitualidade através de uma oposição de tempo gramatical: a expressão gramatical de habitualidade será sempre integrada ao sistema aspectual ou modal da língua em questão, e não ao seu sistema de tempo gramatical. Portanto, não existe um tempo gramatical habitual, distinto do presente, assim como não há um tempo gramatical universal, i.e. um tempo gramatical que se refira a verdades que se apresentem em todo e qualquer momento na linha do tempo, e.g. '*cows (always/usually) eat grass*'.

O segundo tempo gramatical absoluto descrito por Comrie é o passado. O tempo passado indica que a situação em questão se localiza anteriormente ao momento presente, não fazendo qualquer menção ao fato da ação ocupar um ponto ou intervalo de

tempo, ou ainda se a situação se estende até o momento presente (cf. (23)-(25)). O tempo passado também não faz nenhuma referência ao fato da situação se estender até o presente e avançar (se manter) no futuro, muito embora haja a implicatura de que a ação não se estende até o presente ou para além do momento presente. Esta implicatura é justificada pela máxima da relevância de Grice (1975): *'Other things being equal, statements about the present moment are more relevant than those about other times, so that use of a form expliciting locating a situation in the past suggests that that situation does not hold at the present, otherwise the present tense would be used.'* (Comrie 1985, 41). Assim, de (26) podemos deduzir que John não mora mais em Londres. Não obstante, por se tratar de uma implicatura, a dedução pode ser cancelada, como em (27), ou posta em cheque, como em (28).

(23) At seven o'clock yesterday John promised to give me ten pounds.

Às sete horas ontem João prometeu me dar dez reais

(24) John lived in Manchester from 1962 to 1982.

João morou em Manchester de 1962 a 1982

(25) Up to this moment this disease was incurable.

Até este momento esta doença era incurável

(26) John used to live in London.

João costumava morar em Londres

(27) John used to live in London and he still does.

João costumava morar em Londres e ele ainda mora

(28) John used to live in London but I'm not sure if he still does.

João costumava morar em Londres, mas eu não tenho certeza se ele ainda mora

Fato semelhante ocorre com construções no passado progressivo. A sentença (29), por exemplo, não diz nada sobre a situação persistir ou não no momento presente. Supor que a situação persiste no momento da fala é apenas de uma implicatura, que pode ser facilmente cancelada (cf. (30)). Ainda, a indicação de que a situação acontece no passado e que não alcança o momento presente pode ser expressa facilmente por orações adicionais (cf. (31)), mas não pode ser gramaticalizada.

(29) John was eating his lunch (when I looked into his room).

João estava almoçando (quando eu olhei a sala dele)

(30) John was eating his lunch five minutes ago when I looked into his room, but he may have finished by now.

João estava almoçando cinco minutos atrás quando eu olhei na sua sala, mas agora ele deve ter terminado

(31) John was reading his book five minutes ago but he is not reading it now.

João estava lendo seu livro cinco minutos atrás, mas ele não o está lendo agora

O próximo tempo gramatical tratado por Comrie é o futuro. O tempo gramatical futuro indica que determinada situação se localiza num ponto, ou intervalo, posterior ao momento presente, não afirmando nada sobre o fato da ação existir ou não no momento presente. Não obstante, fazendo-se uso do mesmo raciocínio aplicado ao tempo gramatical passado, supõe-se que a situação já exista no momento presente. Qualquer dedução de que a situação não se aplica ao momento presente é simplesmente uma implicatura, e, portanto, não faz parte do significado do tempo futuro. A sentença (32), por exemplo, não exclui a possibilidade da ação já estar sendo praticada no momento presente.

(32) John will be eating his lunch when you call on him in five minutes.

João estará almoçando quando você o visitar em cinco minutos

Comrie não se atém à questão conceptual que envolve o fato de se classificar o futuro como tempo gramatical, dadas suas características peculiares em relação ao passado, por exemplo: o futuro é necessariamente mais especulativo, sendo que qualquer previsão futura envolve eventos hipotéticos que podem ser modificados por outros eventos, muitas vezes inesperados. É um tempo modal.

Algumas línguas, como o inglês, podem usar o tempo gramatical presente com tempo de referência futuro, não obstante, há severas restrições no uso desta forma. O inglês, mais especificamente, só admite o uso do presente com tempo de referência futuro em circunstâncias muito específicas, quando a situação for apresentada como estando programada (*scheduled*) (cf. (33)).

(33) The train departs at five o'clock tomorrow morning.

O trem parte às cinco horas amanhã de manhã

Conforme foi observado anteriormente, além dos tempos gramaticais absolutos, existem os tempos gramaticais relativos. O tempo relativo pode ainda ser subdividido em relativo puro e relativo absoluto. No caso do tempo gramatical relativo puro, o tempo de referência para a localização da situação é dado pelo contexto e, ao contrário dos tempos gramaticais absolutos, não precisa ser o momento presente, necessariamente. Enquanto que, em quase todas as situações, as formas verbais finitas do Inglês apresentam tempo de referência absoluto, as formas verbais não-finitas apresentam, caracteristicamente, tempo de referência relativo.

Os advérbios de tempo apresentam distinção conceptual semelhante àquela entre tempos gramaticais absolutos e relativos. Os advérbios de tempo que se prestam especificamente à localização da situação em relação ao momento presente, e.g. *today*, *tomorrow*, *yesterday*, estabelecem tempo de referência absoluto. Os advérbios que relacionam a situação em relação a um ponto de referência dado pelo contexto, e.g. *on the same day*, *on the day before*, *on the next day*, estabelecem tempo de referência relativo.

Os participios do inglês que correspondem às orações relativas (*relative clauses*), como em (34), também podem ilustrar a distinção entre tempos absolutos e relativos. Uma interpretação possível para a sentença (34) é estabelecer para o participio, *awaiting*, o mesmo tempo de referência do verbo principal, *proceeded*. Por se tratar de um verbo finito, *proceeded* recebe tempo de referência absoluto: passado simples. As duas formas teriam tempo de referência simultâneos.

(34) The passengers awaiting flight 26 proceeded to departure gate 5.

Os passageiros esperando o voo 26 prosseguiram para o portão de partida 5

Em muitos contextos, a sentença (35), com uma oração subordinada finita, poderia ser tomada como sinônimo da sentença (34). Note-se, contudo, que a semelhança é aparente: a sentença que contém o participio estabelece simultaneidade entre o tempo de referência do participio e o do verbo principal, enquanto que a sentença com a forma finita apenas estabelece um ponto de referência absoluto no

passado sem equacioná-lo com nenhum outro ponto, podendo ou não ser concomitante à outra situação.

(35) The passengers who were awaiting flight 26 proceeded to departure gate 5.

Os passageiros que estavam esperando o voo 26 prosseguiram para o portão de partida 5

Uma outra possível interpretação para a sentença (34), com o particípio, é relacioná-la ao momento presente: os passageiros que estão esperando o voo 26 neste momento. Esta interpretação não é possível para a sentença (35), com a forma finita.

Poderia-se supor, dada a possibilidade das duas interpretações de *awaiting*, que a forma do particípio presente é ambígua entre o tempo de referência relativo (1º exemplo) e o tempo de referência absoluto (2º exemplo). Não obstante, é possível dar ao particípio uma interpretação onde o tempo de referência não coincide nem com o tempo designado pela oração principal, nem com o momento presente, bastando, para isso, que o contexto ofereça um outro ponto de referência. A inserção de um advérbio de tempo, por exemplo, pode indicar este ponto (cf. (36)). Em (36) o tempo de referência da localização do gerúndio *awaiting* é estabelecido pelo advérbio.

(36) The passengers awaiting flight 26 yesterday proceeded to gate 5 the day before.

Os passageiros esperando o voo 26 ontem, prosseguiram para o portão 5 no dia anterior

O fato exposto acima sugere que, para os tempos relativos, tudo o que é preciso é a identificação do ponto de referência, sendo que todos os pontos compatíveis com o contexto são pontos de referência em potencial. A diferença entre tempo gramatical relativo e absoluto não diz respeito à diferença entre o momento presente e algum outro ponto que corresponda ao tempo de referência; mas sim entre uma forma cujo o significado especifica o momento presente como ponto de referência e uma outra forma cujo significado não especifica que o momento presente deva ser seu ponto de referência. O tempo presente é só um dos possíveis pontos de referência para um tempo gramatical relativo.

A língua inglesa não apresenta formas não finitas com tempo de referência futuro, muito embora construções do tipo *about to* aproximem-se muito disto. A

diferença entre este tipo de construção e o tempo gramatical futuro reside no fato deste se referir a qualquer tempo futuro, enquanto que aquele diz respeito a um futuro imediato (cf. 37).

(37) Passengers about to departure on flight 26 proceeded to gate five.

Os passageiros por partir no voo 26 prosseguiram para o portão cinco

Deve-se observar que a interpretação do tempo de referência como relativo faz parte do significado da forma em questão, e não uma implicatura derivada, em parte, do contexto.

A segunda subclasse dos tempos relativos é o tempo relativo absoluto. O tempo relativo absoluto é aquele que apresenta como parte de seu significado um ponto de referência que se situa antes, durante ou depois do momento presente e, ainda, localiza a situação em questão antes, durante ou depois desse ponto de referência. Este tempo gramatical é chamado de relativo absoluto porque seu significado combina a localização de tempo absoluta do ponto de referência com a localização de tempo relativa da situação em questão.¹ Quando o ponto de referência coincide com o momento presente, ou quando a situação coincide com o ponto de referência o resultado é uma referência de tempo absoluta. Sendo assim, a definição acima deve ser revista: os tempos gramaticais absolutos relativos caracterizam-se pelo fato do ponto de referência se encontrar antes ou depois do momento presente e a situação se localizar antes ou depois do tempo de referência.

Podemos arrolar, à guisa de exemplo de tempo absoluto-relativo, o pretérito perfeito (*pluperfect*) do inglês. Ao usarmos este tempo, indicamos que existe um ponto de referência no passado e que a situação em questão é anterior a este ponto: é o passado no passado. Frequentemente, o ponto de referência é indicado por um advérbio de tempo, como em (38). O ponto de referência pode ainda ser indicado por uma sentença principal a qual o pretérito perfeito está subordinada, como em (39). O ponto de referência pode ainda ser estabelecido pelo contexto quando duas ou mais sentenças independentes se seguem, como em (40)).

¹ A terminologia tradicional usa o termo 'relativo' para se referir tanto ao tempo gramatical estritamente relativo quanto ao relativo absoluto.

(38) John had arrived by six o'clock yesterday evening.

João tinha chegado pelas seis horas de ontem à tarde

(39) When John had left, Mary emerged from the cupboard.

Quando João tinha saído, Maria surgiu do armário

(40) The clock struck ten; John had already left.

O relógio bateu dez horas; João já tinha saído

Muito embora o advérbio de tempo estabeleça frequentemente o ponto de referência para o pretérito perfeito, existem casos em que o advérbio indica o ponto no qual a situação se localiza. A ambigüidade suscitada por esta dupla possibilidade é esclarecida pelo contexto. Assim, o advérbio *ten o'clock* pode se referir ao momento em que John partiu, anterior a um outro ponto estabelecido pelo contexto, ou pode estabelecer o ponto de referência anterior ao qual John saiu.

(41) John had already left at ten o'clock. (p.66)

João já tinha saído às dez horas

Assim como acontece com os tempos gramaticais relativos puros, o contexto é que dá o ponto de referência para um tempo absoluto-relativo. *'All that the meaning of the absolute-relative tense gives is the location of the reference point relative to the present moment, while any finer specification, down to the identification of the precise time point in question, is left to the context'* (Comrie 1985, 66)

A sentença (42) parece indicar que a chegada de John é posterior à saída de Mary. Não obstante, se acrescentar-mos uma terceira sentença à seqüência a interpretação assume um outro significado (cf. (43)). Em (43) é mais provável que a minha chegada seja tomada como o ponto de referência anterior ao qual Mary saiu; não sendo possível relacionar cronologicamente a saída de Mary à chegada de John, uma vez que a relação temporal entre a chegada de John e a minha chegada não é especificada. Conclui-se que o significado do pretérito perfeito é restrito à localização no tempo anterior a um ponto de referência que é anterior ao momento presente, e qualquer informação adicional é resultado da interpretação e, portanto, dependente de contexto.

(42) John arrived; Mary had already left.

João chegou; Maria já tinha saído

(43) John arrived; Mary had already left before I arrived.

João chegou; Maria já tinha saído antes de eu chegar

Uma vez que o *past perfect* indica um ponto no tempo anterior a outro ponto no passado, a própria situação a qual o pretérito perfeito se refere está localizada no passado. Assim, pontos no tempo que podem ser indicados pelo pretérito perfeito também podem, a princípio, ser indicados pelo passado simples. Não obstante, neste caso, as situações não podem ser relacionadas umas às outras cronologicamente.

Muitas vezes, o fato do pretérito perfeito localizar uma situação anterior a um ponto de referência já no passado pode criar a impressão de se tratar de um tempo gramatical que se presta a descrever situações mais remotas que aquelas descritas pelo passado simples. Conforme podemos observar nas sentenças (44) e (45), isso não é verdade.

(44) When I woke up this morning my wife had already left for work.

Quando eu acordei esta manhã, minha esposa já tinha saído para o trabalho

(45) My grandfather came to this Country a hundred years ago.

Meu avô veio para este país cem anos atrás

(p.68)

O futuro perfeito apresenta significado muito semelhante ao do pretérito perfeito, exceto, é lógico, pelo fato do ponto de referência se localizar no futuro, e não no passado. Além disso, dado que o pretérito perfeito localiza a situação anterior a um ponto de referência no passado, pode-se deduzir que o tempo de referência da própria situação também se encontra no passado em relação ao momento presente; no que tange ao futuro perfeito, a dedução não se aplica, i.e. a interpretação que atribui um tempo de referência absoluto à expressão não se aplica. Tudo o que o futuro perfeito indica é uma situação anterior a um ponto de referência no futuro, permitindo que a situação se localize depois, durante ou antes do momento presente. A afirmação que o futuro perfeito estabelece um tempo de referência futuro absoluto é baseada em implicatura, e, portanto, não faz parte do significado do tempo gramatical, podendo ser cancelada. A pergunta (46) poderia ser respondida por (47) sem que isso implicasse em qualquer

contradição. Uma vez que a interpretação segundo a qual a situação se localiza entre o momento da fala e o ponto de referência futuro é apenas uma implicatura, ela pode ser cancelada. Em (47), o *yes* confirma a implicatura, enquanto que o resto da proposição a anula.

(46) Will John have finished his manuscript by tomorrow ?

João terá terminado seu manuscrito amanhã?

(47) Yes; in fact, he has already finished it. (p. 72)

Sim; na verdade, ele já a terminou

Há sentenças em que a implicatura se mostra difícil de ser cancelada; todavia, mesmo os contextos mais bizarros servem de argumento para o cancelamento da mesma. Ainda que para isso tenha-se que apelar, por exemplo, para um suposto estado de estupor por parte do falante (interlocutor). A implicação de (48), por exemplo, embora não apreça a princípio, pode ser cancelada, nas palavras de Comrie, se '*... the speaker habitually works in a drug-induced stupor, and thus literally may not know whether or not he has completed his manuscript.*' (Comrie 19985, 73) A estranheza do contexto não invalida a análise.

(48) I will have finished my manuscript by tomorrow. (p. 73)

Eu terei terminado meu manuscrito amanhã

Consideremos agora o grau de remotividade expresso nas sentenças. Em inglês, é relativamente fácil localizar a situação no tempo com maior precisão, uma vez que se faça uso de itens lexicais ou expressões lexicais compostas (cf. (49) e (50)). Contudo, não existe, em língua inglesa, uma categoria gramatical que expresse com tal precisão a localização na linha do tempo. No máximo, pode-se, por exemplo, combinar o passado perfeito com alguns poucos advérbios de tempo que denote um passado mais recente. (cf. (51) e (52)).

(49) John arrived five minutes ago.

João chegou cinco minutos atrás

(50) This star went nova five million years ago.

Esta estrela se tornou nova cinco milhões de anos atrás

(51) I have just seen John.

Eu acabo de ver João

(52) I have recently made John's acquaintance. (p. 83)

Eu me tornei conhecido de João recentemente

Ainda, em inglês, construções do tipo *be about to, to be on the point of* contêm tempo de referência futuro imediato, como podemos constatar em (53). Não obstante, o tempo de referência futuro imediato não esgota o significado da construção acima. Além do limite do tempo de referência, a construção expressa uma propensão presente a uma situação futura que pode não vir a se realizar, dada a possível intervenção de novos fatos. Assim, (53) será verdadeiro mesmo se John não pular; por outro lado, uma sentença do tipo (54) não será verdadeira se John não pular do penhasco..

(53) John is about to jump off the cliff.

João está para pular do penhasco

(54) John will jump off the cliff. (p. 95)

João pulará do penhasco

Até aqui, tem-se considerado que as aparentes exceções no uso de um dado tempo gramatical podem ser explicadas pela interação do significado do tempo gramatical com regras sintáticas independentemente justificáveis da língua em questão. Por isso, as anomalias são, segundo este ponto de vista, apenas aparente: '*the independently justified meaning of a tense interacts with an independently justifiable syntactic principle in order to produce a use of the tense which, superficially, seems to contradict the meaning of that tense.*' (cf. Comrie 1995, 102)

Em muitas línguas, dada uma seqüência de verbos, apenas o primeiro apresenta o tempo gramatical esperado: os outros verbos se apresentam em uma categoria de tempo gramatical simples. Outras categorias podem também apresentar neutralização. Em inglês, por exemplo, a modalidade de (55) é expressa (*overtly*) na primeira oração por *must*, mas não é aparente (*overt*) na segunda oração: *I (must) buy some bread.*

(55) I must go out and buy some bread

Eu devo sair e comprar (algum) pão

No discurso indireto do inglês, frases do tipo (56) ou (57), sempre apresentarão o verbo que expressa o comando na forma infinitiva, independentemente do tempo gramatical do verbo principal.

(56) I told John to go away

Eu disse a João para ir embora

(57) I will tell John to go away.

Eu direi a João para ir embora

Existe, em inglês, uma diferença clara entre discurso direto e indireto. Quando mudamos para o discurso indireto, a mudança da relação dêitica - até então o centro dêitico era o do falante original - não se dá apenas no tempo gramatical, mas em todas os elementos sensíveis à localização dêitica do falante original. O centro dêitico passa a ser o da pessoa que está narrando a situação. O mais importante, na mudança do discurso direto para o indireto, é que se percebe a mudança do centro dêitico, e não que se tente estabelecer um procedimento mecânico para a reposição de um conjunto de formas por outras.

Passemos, por último, à proposta de formalização do tempo gramatical apresentada por Comrie. Para representar os tempos gramaticais absolutos, Comrie faz uso de S (momento da fala) para fazer menção ao momento presente, e de E (momento do evento) para fazer menção ao momento em que o evento se localiza - evento, neste caso, está sendo usado no sentido abrangente, para se referir a situações em geral. Note-se, ainda que E indica o tempo em que a situação se localiza, não especificando se a situação ocupa um ponto ou intervalo na linha do tempo. E se relaciona temporalmente com S, podendo se situar antes, depois ou simultâneo² à S.

Os três tempos gramaticais absolutos do inglês serão representados conforme segue:

² O problema com o tipo de relação 'X simul Y' é que cada ponto de X deve estar também em Y e vice versa.' (p.123). 'X simul Y' designa uma relação simétrica.

Present	E simul S	
Past	E before S	
Future	E after S	(p. 123)

Enquanto que os tempos gramaticais absolutos relacionam a situação (E) com o momento presente (momento da fala: S), os tempos relativos precisarão de um ponto de referência adicional (R), distinto do momento da fala. O tempo da situação poderá ser anterior, posterior ou simultâneo ao tempo de referência. Os tempos gramaticais relativos do inglês serão representados conforme segue:

Relative Present	E simul R	
Relative Past	E before R	
Relative Future	E after R	(p. 125)

A principal característica dos tempos gramaticais relativos é a presença de um ponto de referência que não é ancorado, i.e. não está localizado no tempo em relação a nenhum centro dêitico. No caso dos tempos gramaticais absolutos, o momento presente serve como centro dêitico, não podendo ser deslocado. O tempo de referência dos tempos gramaticais relativos é estabelecido pelo contexto. Na ausência de uma indicação contextual, o ponto de referência pode vir a ser o momento presente.

O tempo gramatical absoluto-relativo combinado apresenta uma formalização diferenciada. O pretérito perfeito (*pluperfect*) e o futuro perfeito constituem exemplos deste tipo de tempo gramatical na língua inglesa, apresentando um ponto de referência que se relaciona com o momento presente e uma situação que, por sua vez, se relaciona com o ponto de referência. O pretérito perfeito apresenta um ponto de referência no passado e uma situação que se encontra antes deste ponto. Note-se que não há relação direta entre E e S, mas, dada a transitividade da relação *before*, i.e. *if X before Y and Y is before Z, then necessarily X is before Z*, deduz-se E *before* S. (p 125)

Pluperfect	E before R before S
------------	---------------------

O futuro perfeito apresenta um ponto de referência no futuro, e sua representação é a seguinte:

Future Perfect E before R after S

O futuro perfeito não apresenta relação direta entre E e S, e todas as relações possíveis são compatíveis com o futuro perfeito (*E before S, E simul S, E after S*). Conforme observado anteriormente, a preferência pela interpretação 'E *after* S' é de natureza pragmática, uma implicatura conversacional, e não faz parte do significado do futuro perfeito. A representação apresentada aqui possui a vantagem de não suscitar ambigüidade, como aquela suscitada pelo modelo de Reichenbach. A estrutura geral da representação do tempo gramatical pode ser simbolizada por

E (relative R) (relative S), cobrindo os seguintes casos especiais:

E

E relative S

E relative R

E relative S relative S

Sempre que houver R, a relação direta entre E e S não será permitida pelo sistema.

Para representarmos a localização temporal com maior precisão, tudo o que precisamos fazer é acrescentar à relação *before* e *after* expressões que especifiquem tais relações. Isso poderia ser feito, por exemplo, pelo acréscimo, à relação *before* e *after*, de expressões que indicassem a magnitude da relação entre os dois pontos de referência:

Yesterday past tense

E before S one day.

Para Comrie, a noção de ponto de referência para a caracterização dos tempos gramaticais absolutos, ao contrário do que defende Reichenbach, é desnecessária, uma vez que o presente, o passado e o futuro se encontram respectivamente antes, durante e depois do tempo da fala, S.

A proposta de Comrie, com mais de um ponto de referência, resolve o problema da geração excessiva de tempos pelo sistema de Reichenbach, mas, conforme já apontou

Prior (1967): não resolve o problema da distinção aguda feita entre ponto(s) de referência e momento da fala.

Como vimos, os tempos gramaticais básicos não envolvem um ponto de referência: são definidos segundo o momento da fala. Por isso, o passado simples e o presente perfeito acabam apresentando o mesmo esquema de tempo, diferindo, segundo Comrie, apenas no aspecto: '*current relevance*' para o presente perfeito. Para Comrie, o *present perfect* é um tempo básico. Assim como o *simple past*, o *present perfect* situa o evento num ponto totalmente anterior ao momento da fala. Sendo assim, bastam dois pontos - S e E - para a representação destes tempos absolutos. Para a representação de outros tempos gramaticais, bastaria acrescentar mais um ponto: o de referência - R. Para enunciados mais complexos, bastaria acrescentar tantos pontos de referência quanto fossem necessários.

O modelo de Comrie resolve alguns dos problemas encontrados no modelo de Reichenbach, mas ainda suscita críticas. Prior (1967) estende a Comrie a mesma crítica feita a Reichenbach no que tange à distinção entre R e S. Com o agravante de que, no modelo de Comrie, os tempos ditos básicos não apresentam qualquer R. Ainda, Comrie, ao contrário de Reichenbach, rejeita a possibilidade, intuitivamente interessante, de se considerar o momento da fala como ponto de referência.

Para Declerck (1986), contrariando a perspectiva de Comrie, se todo tempo gramatical envolve um ponto de referência, e se o ponto de referência primário é o ponto da fala, então o passado simples e o presente perfeito realmente possuem localizações distintas na linha do tempo; uma vez que o R do passado simples não é S, mas um ponto anterior à S.

Declerck cita, ainda, à guisa de exemplo, o passado perfeito para justificar, mais uma vez, a distinção entre os dois tempos referidos acima, passado simples e presente perfeito. O ponto de referência passado, necessário para o estabelecimento do passado perfeito, pode ser indicado pelo passado simples, sugerindo que ele apresenta R passado, mas não pelo presente perfeito, sugerindo que este não apresenta R passado (cf. (58))

(58) I had left before Tom (*has) arrived.

Eu tinha saído antes de Tom chegar

A afirmação de Comrie de que ambos os tempos gramaticais localizam a situação antes (*wholly before*), do momento presente, 'E before S', segundo Declerck (1986) está errada, no que tange à localização do presente perfeito.

Comrie afirma ainda que, em tempos gramaticais relativos, os advérbios de tempo têm a função de estabelecer o ponto de referência. Ao que pode ser acrescido que advérbios de tempo como '*at ten o'clock*' ou '*yesterday*' servem de referência para o passado simples (E,R), mas não para o presente perfeito: o R deste coincide, ao menos parcialmente, com S, e não pode ser usado com advérbios que estabelecem um ponto de referência no passado.

O fato do modelo de Comrie possuir apenas dois pontos de referência impossibilita, também, a análise de expressões como (59), por não apresentar nenhum elemento que corresponda ao tempo referido por *during the preceding week*. Aqui existem três pontos de referência, além do S. A análise do passado perfeito feita por Comrie, '*E before R before S*', apresenta apenas dois pontos de referência, além de S.

(59) When I arrived, Peter had tried to phone me twice during the preceding week.

Quando eu cheguei, Peter tinha tentado me telefonar duas vezes durante a semana anterior

Para Comrie, o passado simples é representado por 'E (*wholly ou properly*) before S' (cf. Comrie 1985, 312). Essa interpretação nada mais é que uma inferência. A relação 'E before S', descrita por Comrie, significa, necessariamente, que o evento se localiza exclusivamente no passado. Apesar de muitos gramáticos afirmarem ser esse o caso, observamos a impertinência do modelo quando atentamos para exemplos como (60).

(60) He made a speech at 5 o'clock.

Ele fez um discurso às cinco horas

Por outro lado, continua Declerck, se afirmarmos que não é E que se localiza completamente antes de S, totalmente no passado, mas sim algum tempo de referência com o qual E se relaciona, o tempo gramatical passado pode ser representado como uma situação simultânea ao tempo de referência. Sendo que a relação de simultaneidade

entre o tempo de referência e o tempo da situação pode se dar pela sobreposição parcial, como em (60), ou total, como em (61).

(61) The shot was heard at 5:13 p.m.

O tiro foi ouvido às 5:13 da tarde

A situação em si poderia então se estender até o presente, ou mesmo ultrapassá-lo; enquanto que o ponto de referência com o qual ela se relaciona encontrar-se-ia totalmente no passado - no caso do passado simples. Neste caso, precisaríamos de uma representação mais complexa que 'E *before* S', de Comrie, interpretando-se E como sendo o ponto ou intervalo de tempo ocupado pela situação, na linha do tempo. Outrossim, para Declerck, 'E *after* S', para o futuro, seria igualmente deficiente, seguindo-se a perspectiva de Comrie.

Contudo, se para Comrie E é o tempo no qual a situação se localiza, então a crítica feita acima não é pertinente. A representação do passado simples possuiria, então, três elementos e seria algo do tipo 'X *simul* Y *before* S'. Sendo X o tempo da situação, Y o espaço de tempo ao qual X é simultâneo - no sentido descrito anteriormente - i.e. sobreposto ou parcial, e S o momento da fala. Essa questão é ambígua, na obra de Comrie (1985). Seguindo-se o mesmo raciocínio, a representação do passado simples seria algo do tipo 'X *simul* Y *before* S'. Sendo $X = S$, e $Y = R$.

A representação que Comrie faz do presente, 'E *simul* S', é igualmente problemática. Uma vez que ele, por várias vezes, descreve S como sendo um ponto na linha do tempo, e não um intervalo (*timespan*); sendo a relação entre S e E simétrica, no esquema de Comrie só é possível representar situações pontuais. A solução apresentada aqui também envolve a introdução de um tempo de referência. Deve-se interpretar E como sendo o momento ou intervalo no qual a situação está localizada.

Para Declerck, todo tempo gramatical envolve, ao menos, um ponto de referência, e o presente não é nenhuma exceção. Deve-se, então, interpretar E como o tempo R no qual a situação está localizada, e não como sendo a porção de tempo ocupada pela situação na linha do tempo. Ainda, sentenças como (62) não admitem o conceito de simultaneidade de Comrie - seguindo o qual cada ponto de X está também em Y e vice versa -, pois o momento da fala S é pontual e o tempo de referência, indicado pelo advérbio *at present*, é um intervalo (*timespan*). Assim, como eles

poderiam ser simultâneos? Deve-se trabalhar com o conceito de simultaneidade que indique sobreposição (*overlapping*) total ou parcial.

(62) At present he is on the dole.

No momento ele está no seguro desemprego

O sistema de Comrie apresenta a vantagem, quando comparado ao de Reichenbach, de possuir mais de um ponto de referência e corroborar a visão de que os tempos gramaticais afirmam as relações temporais entre pontos, na linha do tempo: não são apenas configurações de pontos na linha do tempo. Por outro lado, a falta de ponto de referência para os tempos gramaticais absolutos é insatisfatória. Assim como é insatisfatório o tratamento indiferenciado do passado simples e do presente perfeito, apresentado por Comrie.

2.3. A teoria de Declerck: para além de Reichenbach e Comrie

Declerck (1986) se propõe a explicitar e formalizar a relação precisa entre tempo e o uso dos tempos gramaticais, na língua inglesa, calcando suas afirmações nos tempos gramaticais e no sistema de referência de tempo, em inglês, propostos por Reichenbach (1947) e modificados por Comrie (1985). Segundo Declerck, sua teoria oferece ainda um tratamanto bastante satisfatório dos advérbios temporais.

Corforme vimos, Reichenbach desenvolveu um sistema para a descrição de tempos gramaticais com três elementos: E, R, S; tempo do evento, tempo de referência e tempo da fala, respectivamente. Todos, segundo Reichenbach, são relevantes para a descrição de cada um dos tempos gramaticais da língua inglesa, e podem ser ordenados de treze formas diferentes. Em alguns tempos gramaticais, dois dos três pontos são simultâneos.

O problema do sistema de Reichenbach, segundo Declerck, é que ele gera mais possibilidades que aquelas encontradas na língua natural: três possibilidades de futuro perfeito - 'S-E-R', 'S,E-R' e 'E-S-R' -, três de futuro simples e três de conditional.

Para Prior (1967), conforme observa Declerck, o sistema de Reichenbach deveria, ainda, contar com, pelo menos, dois pontos de referência para dar conta de

tempos mais complexos. O sistema de Reichenbach não permite a representação, por exemplo, de sentenças como (63).

(63) The others would have left by then. (*conditional perfect*).

Os outros teriam saído àquelas alturas (p.307)

Segundo Prior (1967), torna-se desnecessário, e mesmo enganoso, estabelecer uma distinção radical entre pontos de referência e momento da fala: o momento da fala é apenas o primeiro ponto de referência. Isso torna a idéia de futuro e passado sempre relativa a algum ponto de referência. Este pode ser o momento da fala - o primeiro PR - ou algum outro ponto.

Dahl (1985) afirma que a análise de sentenças como (64) é problemática seguindo-se o modelo de Reichenbach: não há nada nesse modelo que corresponda ao TR de '*during the preceding week*'.

(64) When I arrived, Peter had tried to phone me twice during the preceding week.

Quando eu cheguei, Pedro tinha tentado me ligar duas vezes durante a semana anterior (cf. Declerck 1986, 308)

Para Declerck, é pertinente considerar o momento da fala como ponto de referência. Declerck corrobora o ponto de vista de Reichenbach, segundo o qual a localização da situação na linha do tempo é a principal diferença entre o *simple past* e o *present perfect*. Para ele, *current relevance* é importante, na distinção desses dois tempos, mas não é primordial. Se tal distinção fosse, essencialmente, uma questão de *current relevance*, viz. relevância de uma situação passada para a constituição da situação presente, não teríamos como explicar o uso do *simple past* em sentenças como (65). Parece que, em (65), o fato da situação estar totalmete no passado é que justifica a escolha do tempo gramatical. Logo, o *present perfect* não pode localizar uma situação no tempo do mesmo modo que o *simple past*.

(65) I know what Tom is like. I (*have) spent my holidays with him two years ago.

Eu sei como é o Tom. Eu passei minhas férias com ele dois anos atrás

O uso de advérbios de tempo diferenciados para o *simple past* e o *present perfect* parece indicar a diferença na forma com que cada um desses tempos gramaticais localiza o evento na linha do tempo, uma vez que a função do advérbio de tempo é estabelecer um TR. Ainda, parece não haver indicações de que o momento da fala não possa ser usado como ponto de referência.

A teoria de Declerck manterá os aspectos positivos da teoria de Comrie e tentará remediar suas deficiências. Declerck rejeita a suposição, feita por alguns lingüistas, de que existem apenas dois tempos gramaticais na língua inglesa: o passado e o presente. Assim como Reichenbach e Comrie, Declerck afirma que existem oito tempos. Declerck assume, também, que o futuro é representado por *shall/will* e o tempo gramatical condicional por *should/would*.

Declerck, assim como Reichenbach e Comrie, se restringe ao uso puramente temporal dos tempos gramaticais. O uso especial de formas verbais, cujo significado(s) não pode(m) ser analisado(s) em termos de referência temporal, como a forma modal, '*I would be surprised if she came*' (*modal past*), não são consideradas. Entende-se tempo gramatical no sentido de Comrie (1985): '*grammaticalization of location in time*.'

O esquema temporal proposto por Declerck representa o sentido (significado) temporal básico dos vários tempos gramaticais, não se aplicando às formas verbais resultantes de simplificação do tempo gramatical, seja ela opcional ou obrigatória. Nestas, o uso especial deve ser interpretado segundo a forma básica substituída.

O esquema temporal de Declerck não é universal, mas serve de ferramenta para se analisar tempos gramaticais em outras línguas que não o Inglês. É uma proposta de tempo gramatical, ainda que parcial, sobre como funciona o sistema temporal (*temporal schemata*) que subjaz o tempo gramatical e como a gramaticalização de localização no tempo faz referência a esse esquema temporal: qual o significado temporal dos tempos gramaticais.

Para Declerck, primeiramente, é preciso que se dê uma definição técnica de ponto de referência. Definição que, surpreendentemente, não é dada nem por Reichenbach, nem por Comrie. Para tal, Declerck introduz os conceitos de TR (*time referred to*) e TO (*time of orientation*), este significa o tempo com o qual a situação se relaciona. Esses dois pontos não são mutuamente exclusivos. Declerck introduz, ainda, o termo T.S. (*time of the situation*) - a porção da linha do tempo ocupada pela situação -

e T.U. (*time of utterance*) - o momento da fala. T.U. é pontual, enquanto que T.R., T.O. e T.S. podem ser pontos ou intervalos.

Começemos por examinar a sentença (66):

(66) John left at five o'clock after the others had left at four.

João saiu às cinco horas, depois que os outros saíram às quatro

T.S.1	simult	T.R.1	the others left <u>at four</u>	(X and Y)
T.S.2	simult	T.R.2	John left <u>at five</u>	(X and Y)

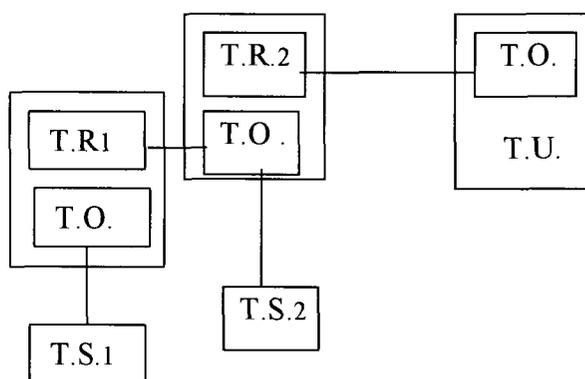
Outras possibilidades: (X before Y)

(X after Y)

Todo T.R. se relaciona com um T.O., uma vez que este representa o ponto de vista temporal do qual o falante se refere a um tempo, em termos de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade. Sendo assim, na sentença (66), T.R.1 se relaciona com um T.O. que é T.R.2, e T.R.2 se relaciona com uma T.O. que é T.U.

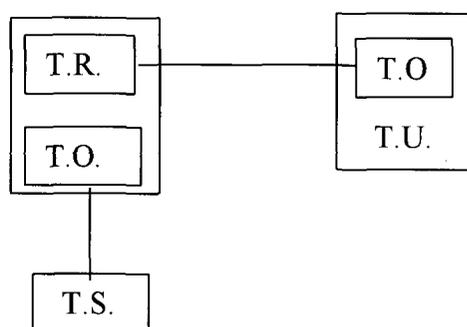
Representação das relações temporais:

Past Perfect



(cf. Declerck 1986, 323)

Se fosse o caso representarmos somente o *Past Simple*, o esquema ficaria conforme segue.

Simple Past

(cf. p. 326)

A representação acima expressa corretamente a idéia de que o tempo gramatical passado se refere a um tempo passado; enquanto que o pretérito perfeito expressa um tempo que é passado no passado, i.e. passado com relação a um T.O. passado.

Declerck, ao contrário de Reichenbach e Comrie, não faz distinção aguda entre ponto de referência e o momento da fala.

Quando não houver advérbio indicando o tempo, como em (67), o T.R.2 será estabelecido pelo contexto; e T.R.1 talvez nem seja estabelecida, não havendo assim *time referred to* (TR), no sentido estrito do termo. Embora não haja advérbio para identificar o tempo de T.R.1 - não havendo, assim, *time referred to* -, o termo T.R. continuará a ser usado: '*... every event is simultaneous with some time; to happen means to become present at some time.*' (McCoard: 1978, 92).

(67) The others had left before John left.

Os outros tinham saído antes de João sair

No esquema de Declerck, não há relação temporal direta entre diferentes TS's. Cada TS está localizada com relação a um TO, que se relacionam um com o outro.

Uma das principais vantagens do esquema acima (*Past Perfect*) é a de tornar claro a papel dos tempos gramaticais e o dos advérbios de tempo. Os tempos gramaticais são usados para descrever situações, e não para estabelecer um TR; os advérbios de tempo, por outro lado, não especificam os tempos das situações, mas

estabelecem os TO's com os quais elas se relacionam. Eles transformam um TO em um TR.³

Os tempos gramaticais podem ser usados no 'sentido básico' ou 'especial' (não temporal). O passado perfeito, em orações introduzidas por *before* ou *after*, por exemplo, é freqüentemente substituído pelo passado simples, porque a relação de anterioridade já está expressa na conjunção. Existe uma simplificação de tempo gramatical onde o passado simples é usado de forma 'especial' (cf.(68)). Noutra simplificação o passado perfeito é usado como uma forma modal, expressando irrealidade (irrealis) (cf. (69)): Bill me viu num momento em que eu ainda não o tinha visto.

(68) Bill saw me before a saw him.

Bill me viu antes que eu o visse

(69) Bill saw me before I had seen him.

Bill me viu antes que eu o tivesse visto

O esquema de Declerck para o passado simples é superior ao de Comrie porque possibilita que a ação referida se estenda para o presente ou futuro, porque não localiza TS como sendo anterior a TU, e, portanto, inteiramente no passado. Em vez disso, ele representa um TS simultâneo a um TO, no passado. Assim, nada é dito sobre a continuidade ou não da ação. No esquema de Comrie o tempo gramatical passado localiza o TS totalmente anterior ao TU. No esquema de Declerck, o que se localiza totalmente no passado não é um TS, mas um TO com o qual o TS se relaciona.

Existem alguns advérbios que acompanham o tempo gramatical passado e parecem estabelecer mais de um TR, e.g. '*the day before yesterday*', '*a fortnight ago from yesterday*' (2 TRs), '*the day before the last Sunday before Christmas*' (3 TRs); não obstante, em se tratando do uso de tempos gramaticais, advérbios complexos que denotam vários tempos e estabelecem relação temporal entre eles podem estabelecer somente um TR relevante para o uso do tempo gramatical.⁴

³ Reichenbach compartilha da mesma opinião sobre o papel dos advérbios; não obstante, seu sistema, com um único T.R., é problemático.

⁴ Segundo Smith (1978, 48) '*complex time adverbials are single units in temporal interpretation*,'

Nem todas os TRs e relações temporais expressas na sentença precisam ser relevantes para a seleção do tempo gramatical da mesma. Assim, o advérbio pode indicar mais de um TR, mas entre estes só um tem relevância para a seleção do tempo gramatical. Existem, ainda, casos em que um dos TRs envolvidos na relação de tempo expressa pelo advérbio não está indicada explicitamente. Nestes casos, o contexto indicará o TR que está implícito, e.g. '*the day before*'. Neste caso, deve-se usar o esquema do passado perfeito e não o do passado, dada a relação de anterioridade, em sentenças como (70). Aqui também pode haver simplificação do tempo gramatical.

(70) I had done it the day before.

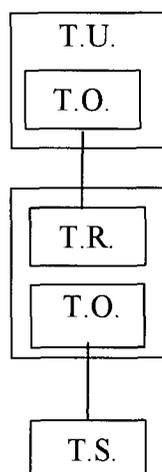
Eu o tinha feito no dia anterior

O tempo gramatical presente oferece o esquema temporal mais simples, com TS, TR e TU simultâneos. Tendo em vista que para haver uma relação de simultaneidade é suficiente que um tempo se sobreponha ao outro, ainda que parcialmente, o fato de TU ser pontual por definição (Comrie) e TR poder ocupar um espaço de tempo (*timespan*) mais longo, é irrelevante. Para se representar corretamente o *Present Tense* faz-se necessária a indicação dos três tempos (T.U., T.R. e T.S.) porque os três tempos em questão podem ocupar diferentes porções na linha do tempo.

(71) John is here today.

João está aqui hoje

Present Tense

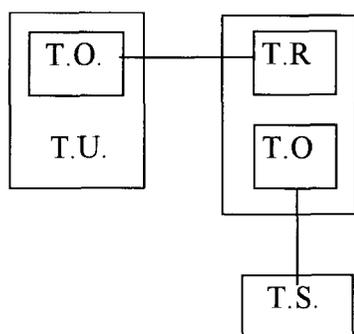


No tempo gramatical futuro, assim como no tempo passado, não há relação direta entre T.U. e T.S., por isso a relação entre eles é vaga, como deve ser: TS pode começar até mesmo antes de T.U. (cf. (72))

(72) Next year I will still live in London.

No ano que vem eu continuarei morando em Londres

Future Simple

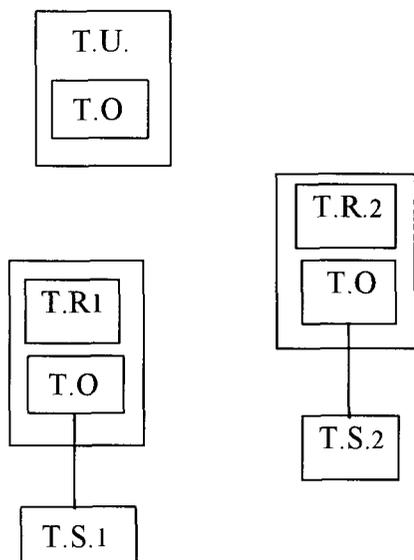


O futuro perfeito, expresso em (73), seria representado conforme segue.

(73) John will have left (at four) when we arrive (at five).

João terá partido (às quatro) quando nós chegarmos (às cinco)

Future Perfect (indica passado-no-futuro).



O esquema do futuro não identifica a posição de TR1 em relação a TU. TR1 pode ser simultâneo, anterior ou posterior ao TU. O esquema só afirma que TR2 é posterior ao TR1, e que segue TU. Comrie (1985, 71-74) afirma que por causa da '*conversational implicature*', normalmente se supõe que TR1 seja posterior ao TU. Não é o caso, por exemplo, de (74).

(74) If it rains tomorrow, We'll have worked in vain yesterday.

Se chover amanhã, nós teremos trabalhado em vão ontem

Ainda, já vimos que se vários TRs estão envolvidos, o advérbio de tempo pode se referir a qualquer um deles, i.e. John pode ter saído antes das 5 horas, ou às 5 horas exatamente. Se mais de um advérbio for usado na mesma sentença (*clause*), eles estabelecerão apenas uma TR, como em (75). Se o futuro perfeito for usado, o advérbio de tempo pode ser interpretado como estabelecendo TR1 ou TR2 (cf. (76)).

(75) John will leave the day before Christmas.

João partirá na véspera de natal

(76) John will have left the day before Christmas.

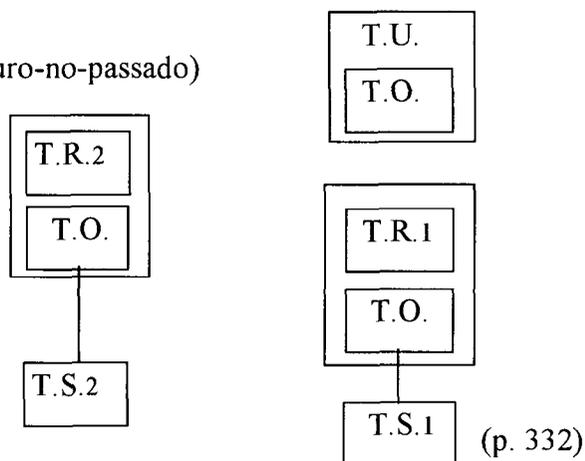
João terá partido na véspera de Natal

Enquanto o *Future Perfect* indica passado-no-futuro, o *Conditional Tense* expressa futuro-no-passado (cf. (77)).

(77) The boy left. He would never come back.

O garoto partiu. Ele jamais voltaria

Conditional Tense (indica futuro-no-passado)



As observações feitas sobre o futuro perfeito servem para a análise de sentenças que envolvem o *Conditional Tense*, como em (77). O TS1, em relação a TU, pode ser anterior, concomitante ou posterior: o esquema não nos diz nada a esse respeito.

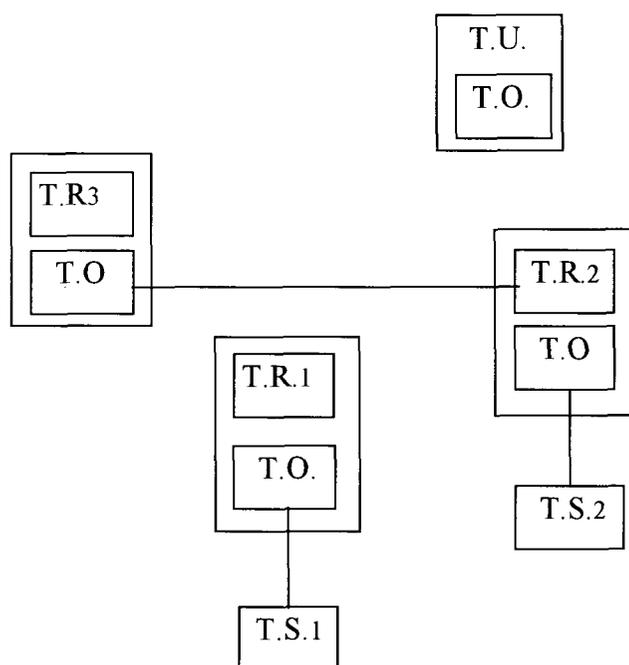
De todos os tempos gramaticais da língua inglesa, o *Conditional Perfect* é o mais intrincado. São necessários quatro TOs para sua representação. (cf. (78))

Conforme dito anteriormente, foge ao escopo deste trabalho a análise de sentenças no condicional ou em tempos futuros. Assim, alguns dos esquemas apresentados, basicamente aqueles que não se referem a tempos passados, devem ser tomados apenas como ilustração, portanto não constituindo objeto de discussão posterior.

(78) By the time she arrived the others would have left.

À hora que ela chegasse, os outros teriam partido

Conditional Perfect



2.4. Tempo gramatical, advérbio e contexto: o modelo de Smith (1978)

Segundo o esquema temporal proposto por Reichenbach (1947), qualquer sentença apresenta três pontos que determinam seu tempo gramatical: TS, TR, TE⁵ - tempo do enunciado, tempo de referência e tempo do evento, respectivamente (cf. 2.1). O modelo de Smith apresenta uma análise de especificação temporal calcada no modelo de Reichenbach. Não obstante, Smith considera o papel dos advérbios fundamental para o estabelecimento do TR, e propõe interá-los ao esquema de Reichenbach. No modelo de Smith são analisadas sentenças simples, sentenças com complementos e sentenças habituais, sendo proposto um conjunto de regras de interpretação para as mesmas. O tempo gramatical e os advérbios funcionam de modo diferente, dependendo da estrutura das sentenças em que aparecem. O sistema temporal é tratado como relacional, i.e. a orientação e valor da expressão temporal não são fixos, mas seus valores relacionais são consistentes, permitindo a aplicação de princípios de interpretação.

O resultado deste estudo demonstra que o domínio da especificação temporal extrapola os limites da sentença. Sentenças que são independentes sintaticamente podem depender de outras sentenças para receber interpretação temporal completa. Sendo assim, o contexto tem importância crucial para a interpretação temporal das sentenças. Para Smith, somente uma gramática com regras de interpretação de estrutura superficial pode dar conta da especificação temporal de maneira uniforme, permitindo a análise simultânea de mais de uma sentença.

Após analisar o sistema temporal do Inglês, Smith conclui que não há incoerência na afirmação de que cada sentença só pode apresentar um advérbio e que, ao mesmo tempo, apresenta três pontos de orientação: TS, o momento no qual a sentença é proferida; TR, o tempo estabelecido pela sentença, e que não corresponde necessariamente ao TS; e TE, tempo de ocorrência do evento ou estado relevante, que não é necessariamente o TR. Observemos as seguintes sentenças:

(79) Marilyn won the prize last week.

Marilyn ganhou o prêmio semana passada

(80) Marilyn had already won the prize last week.

Marilyn já tinha ganhado o prêmio semana passada

⁵ Em Reichenbach (1966), estes termos correspondem a S, R e E, respectivamente.

Em (79) TE e TR são os mesmos e se situam antes de TS. Em (80) TR é *last week* e TE é um tempo não especificado, anterior à semana passada. O TS, como sempre, é o momento da fala, e TR e TE são anteriores a ele.

A especificação temporal da sentença é dada pelos valores dos três pontos e a relação que mantêm um com outro: seqüência ou simultaneidade. O TS é o ponto básico do sistema. A orientação do TR, em relação a TS, resulta em passado, se $TR < TS$, em presente, se $TR = TS$, e futuro, se $TR > TS$.

O TE só será especificado quando coincidir com TR, caso contrário, será dada apenas a relação entre os dois pontos. Uma vez que TR relaciona-se com TS, a relação $TE \leftrightarrow TS$ não precisa ser especificada. Considere-se as seguintes sentenças:

(81) Allan swam at midnight.

Alan nadou à meia-noite

(82) Tim mowed the lawn yesterday.

Tim cortou a grama ontem

(83) Joe wrecked the car before evening.

Joe destruiu o carro antes da noite

(84) We fixed the hammock before Todd left.

Nós colocamos a rede antes de Todd partir

(85) The boys had already eaten dinner.

Os garotos já tinham comido o jantar

(86) Mary left the party before the guest of honor arrived after she had spilled coffee on her dress.

Maria saiu da festa antes do convidado de honra chegar, depois que ela esparramou café no seu vestido (cf. Smith 1978, 44)

Todas as sentenças referem-se ao passado. Note-se, contudo, que os exemplos acima especificam o TR e sua relação com TE, mas não especificam o tempo de TE, quando este difere do TR. Na sentença (83), o momento em que Joe destruiu o carro não é especificado. Sabe-se apenas que o referido momento precede a noite, seu TR. Em (86), muito embora o advérbio seja complexo, apenas um momento é estabelecido como

TR: o momento em que Mary saiu da festa. Os advérbios complexos não estabelecem TR e TE, apenas especificam melhor o TR.

Para Smith, as expressões temporais possuem o que ela chama de valores relacionais. Os valores absolutos das expressões temporais mudam, e suas funções diferem de acordo com a estrutura sintática em que aparecem. Não obstante, os valores relacionais das expressões temporais são consistentes, podendo indicar anterioridade, simultaneidade ou posterioridade. Estes valores subjazem a análise aqui apresentada. Alguns advérbios apresentam relação explícita com o momento da fala, *right now*, com um momento anterior ao momento da fala, *yesterday*, ou com um momento posterior ao da fala, *tomorrow*: são advérbios ancorados. Outros advérbios não se relacionam com um ponto específico e são ditos não-ancorados: *in March, on Sunday*.

A seguinte classificação de advérbios é sugerida por Smith (p. 45 e 46):

Anterior (←)

yesterday; -ago; last-	Passado explícito
on Tuesday; in April; etc.	Não-ancorado

Simultâneo (=)

now; right now; at this moment; Ø	Presente explícito
-----------------------------------	--------------------

Posterior (→)

tomorrow; next-; in-	Futuro explícito
on Tuesday; in April; etc.	Não-ancorado

As outras expressões temporais do inglês são as preposições, cujo valor relacional corresponde ao seu significado lexical, e.g. *before* (←), *at* (=), *after* (→), os tempos gramaticais, e o auxiliar *have*, cujo valor relacional tradicional é de anterioridade, indicando que TE é anterior a TR. Os valores relacionais das expressões temporais estão listados abaixo:

Anterioridade (←)	Simultaneidade (=)	Posterioridade (→)
tense passado	tense presente	

advérbio passado	advérbio presente	advérbio futuro
advérbio não-ancorado	advérbio \emptyset (zero)	advérbio não-ancorado
<i>before, etc</i>	<i>at, on, \emptyset, etc.</i>	<i>after, etc.</i>
auxiliar <i>have</i>		
TR passado	TR presente	TR futuro

O tempo de referência pode estar localizado no passado, presente ou futuro. O que estabelece o TR é a combinação do tempo gramatical com o advérbio. Não obstante, algumas combinações estabelecem o TR e outras não. As sentenças que não apresentam TR não podem ser interpretadas totalmente, sem informação adicional.

Abaixo estão relacionadas as possíveis combinações de tempo gramatical (tense) e advérbio:

Tense	Advérbio	Tense	Advérbio
presente	presente	passado	presente
presente	passado	passado	passado
presente	futuro	passado	futuro
presente	não-ancorado	passado	não-ancorado

As combinações de tempo gramatical e advérbio que estabelecem TR têm valor relacional compatível, ao passo que as combinações que não estabelecem TR têm valor relacional incompatível:

Tense	Advérbio	TR	
presente	presente	presente	(87) I am playing now. Eu estou jogando agora
presente	futuro	futuro	(88) Chris is working tomorrow. Cris está trabalhando amanhã
presente	não-ancorado	futuro	(89) Emily leaves on Thursday. Emily parte na quinta
passado	passado	passado	(90) Scott won the race a week ago.

Scott venceu a corrida uma semana atrás

passado	não-ancorado	passado	(91) I won the race on Thursday.
			Eu venci a corrida na quinta

As seguintes combinações não estabelecem TR, a menos que tenham contexto adicional:

passado	futuro	(92) Ross was leaving in three days.
		Ross estava partindo em três dias
passado	presente	(93) Emily was annoyed now.
		Êmily estava aborrecida agora
<i>have</i> passado	não-ancorado	(94) Ross had left on Tuesday.
		Ross tinha partido na terça
presente ⁶	passado	(95) Last week, Todd accidentally stumbles on a snail.
		Semana passada, Todd pisou num caracol acidentalmente

Sentenças que só apresentam tempo gramatical são semanticamente incompletas, não estabelecem TR. O TR é ambíguo, e a relação $TR \leftrightarrow TE$ não está especificada:

(96) Albert is playing tennis.	(now or tomorrow)
Alberto está jogando tênis	(agora ou amanhã)
(97) Albert was playing tennis	(yesterday or the following day ⁷)
Alberto estava jogando tênis	(ontem ou no dia seguinte)

Os advérbios de tempo podem ser simples ou complexos. Os advérbios complexos podem ser formados por orações prepositivas (*prepositional phrases*), orações encaixadas (*embedded sentences*), ou por ambas. São sempre interpretados como unidades temporais simples, mesmo quando aparecem como estruturas complexas na superfície. O advérbio, em combinação com o tempo gramatical, faz surgir apenas um TR:

⁶ O presente histórico não é tratado neste trabalho

⁷ Indica futuro no passado e não estabelece TR

(98) Bill arrived at 10 o'clock.

Bill chegou às 10 horas

(99) Bill arrived at 10 o'clock in the morning last Wednesday.

Bill chegou às 10 horas da manhã quarta-feira passada

(100) Last Wednesday, Bill arrived at 10 o'clock in the morning.

Quarta-feira passada, Bill chegou às 10 horas da manhã

A preposição que introduz o advérbio (ou locução adverbial) também exerce uma função importante: estabelece a relação entre TR e TE, de acordo com seu valor relacional. Supondo-se que a preposição tenha valor relacional de anterioridade (\leftarrow), o advérbio introduzido pela preposição indicará que TE precede TR:

(101) Phyllis decorated the cake before midday.

Phyllis enfeitou o bolo antes do meio-dia

Muito embora o advérbio forme um único componente sintático com sua respectiva preposição, advérbio e preposição apresentam diferentes funções semânticas: o advérbio, em conjunto com o tempo gramatical, estabelece o TR; e a preposição estabelece a relação entre TE e TR. Quando o advérbio não apresentar uma preposição introdutória, a relação $TE \leftrightarrow TR$ é considerada simultânea (Smith 1978, 49)

O *will*, segundo Smith, não deve ser considerado como tempo gramatical. Uma das razões para não se considerar o *will* como tempo gramatical é que ele pode ser utilizado em sentenças tanto no futuro quanto no presente ou passado:

(102) The store will have your book by now.

A livraria terá o seu livro por estas horas

(103) The documents will have arrived last week.

Os documentos terão chegado semana passada

(104) Mary will be in the Valley tomorrow.

Maria estará em *Valley* amanhã

(p. 49)

As sentenças em inglês só podem apresentar um advérbio de tempo, i.e. podem apresentar mais de um advérbio na superfície, mas só podem estabelecer um TR, o que

indica a unidade da estrutura profunda. Quando aparecem dois advérbios, a sentença torne-se agramatical:

(105) *Bill wrecked the car last night three weeks ago.

*Bill destruiu o carro ontem à noite três semanas atrás

(106) *Three weeks ago, Bill wrecked the car last night.

*Três semanas atrás, Bill destruiu o carro ontem à noite

(107) *On Monday, John arrived yesterday.

*Na segunda, João chegou ontem (p. 50)

Ao contrário do que se poderia esperar, o segundo advérbio não especifica o TE. Deve-se ter em mente que os advérbios complexos constituem um único advérbio, na análise de Smith (1978):

(108) On Tuesday Bill played squash at two pm.

Na segunda Bill jogou squash às duas da tarde

As 'sentenças complemento' (*complement sentences*), por outro lado, podem indicar o TE, quando este é diferente do TR:

(109) They told me yesterday that the play had closed three weeks ago.

Eles me disseram ontem que a peça tinha encerrado três semanas atrás

(110) I heard last night that the show was opening in a few days.

Eu ouvi noite passada que o show estava abrindo em poucos dias

O TR da sentença complemento é estabelecido pelo TR da sentença matriz, liberando o advérbio da sentença complemento para estabelecer o TE: o TE pode ser estabelecido somente quando TR já estiver sido estabelecido.

Sentenças sintaticamente independentes podem funcionar de modo semelhante às sentenças complemento descritas acima, desde que uma sentença adjacente estabeleça seu TR. Estas sentenças não podem ser totalmente interpretadas senão num domínio maior que o da sentença:

(111) John had read the article three weeks ago.

João tinha lido o artigo três semanas atrás

(112) Harry was arriving tomorrow.

Harry estava chegando amanhã

As sentenças (113) e (114) parecem, a princípio, contra-exemplos da análise descrita acima. São consideradas gramaticais para muitos falantes, e se assemelham àquelas de (105), (106), (107). Na interpretação de (113) e (114), o primeiro advérbio estabelece o TR e o segundo o TE. Esta interpretação é semelhante àquela dos complementos com TR repartido (compartilhado). Isso sugere que elas sejam reduções de sentenças que dividem TR, tendo-se originado de duas sentenças: a primeira contendo a matriz e a segunda contendo a proforma.

(113) Last night, Mary had disappeared three months ago.

Noite passada, Maria tinha desaparecido três meses atrás

(114) Next June, Todd will be graduating in a month.

Junho próximo, Todd estará se formando em um mês

As sentenças que especificam TE não são independentes. Elas dependem semanticamente de outra sentença para a especificação do TR, e são, neste sentido, similares às sentenças complemento (*complement sentences*).

As sentenças no presente com *have* (*Present Perfect*) constituem estruturas independentes que permitem que o TE seja especificado, ou, ao menos, indicado. *Have* é um elemento relacional semanticamente e indica que TE precede TR. Sua função semântica é semelhante à dos advérbios relacionais, mas difere sintaticamente. A princípio, (115) pode parecer um contra-exemplo à afirmativa de que para que TE seja especificada é imperativo que TR seja especificada. Não obstante, *have* especifica TR como sendo o momento da fala TS, desfazendo o suposto contra exemplo:

(115) They have eaten all the fudge while you were out.

Eles comeram todo o doce de leite enquanto você estava fora

As sentenças só especificam TE quando TR está especificado, e somente em circunstâncias particulares. A razão disso é sintática: as sentenças se limitam a apresentar somente um advérbio de tempo. Por isso, o TR pode ser especificado quando a sentença compartilha o TR com outra sentença, ou quando apresenta *have* auxiliar com sentenças no presente. O fato das sentenças com um advérbio de tempo especificarem TR demonstra que TR é essencial para sua interpretação.

A interpretação temporal das sentenças complemento constitui um exemplo instrutivo da necessidade de se conduzir uma análise que extrapole o nível da sentença.

O fato das expressões temporais poderem apresentar valores e distribuição diferentes daqueles que apresentam em sentenças independentes complica a análise das mesmas. Não obstante, fazendo-se uso da análise acima exposta, elas podem ser interpretadas sem qualquer dificuldade:

(116) The boy said that he was eager to enter the debate.

O garoto disse que ele estava louco para entrar no debate

(117) The spokesman assured us a week ago that the candidate was leaving 3 days earlier.

O porta-voz nos assegurou, uma semana atrás, que o candidato estava partindo três dias antes

(118) I remembered in the morning that Ed had left the party before midnight.

Eu me lembrei de manhã que o Ed tinha deixado a festa antes da meia-noite

Nos exemplos acima, a matriz e o complemento têm o mesmo tempo gramatical, ilustrando o que tradicionalmente se chama de 'seqüência de tempo gramatical'. Não obstante, nem todas as sentenças são interpretadas da mesma forma. Em (116) a matriz e o complemento são considerados simultâneos. Já em (117) o complemento não é simultâneo com a matriz. A 'seqüência de tempo gramatical' não é uma noção suficientemente forte para se apurar esta diferença.

A especificação temporal deve se estender de modo a incluir as relações entre as sentenças. Para isso, é preciso que se compreenda como as sentenças se relacionam temporalmente umas com as outras e que se tenha princípios que postulem como tais relações são percebidas.

Os complementos do inglês dependem de outras sentenças de duas maneiras: (1) Eles podem ter o seu TR estabelecido pela sentença matriz ou por uma outra sentença - chamaremos esse princípio de interpretação de Princípio da Partilha (*Sharing Principle*); (2) Podem ser ancorados (ou orientados) a um tempo da matriz e não ao momento da fala TS, mantendo seu valor relacional, o que constitui o Princípio de Orientação (*Orientation Principle*).

Sentenças cuja matriz e complemento apresentem o mesmo tempo gramatical podem ser explicadas pelo Princípio da Partilha: um tempo estabelecido em S1 age como TR de S2:

(119) They told us yesterday that Tom had arrived three days earlier.

Eles nos disseram ontem que Tom tinha chegado três dias atrás

A matriz apresenta TR no passado, *yesterday*. A sentença complemento não apresenta TR, dependendo da primeira para ser totalmente interpretada. Há três pontos importantes a serem considerados aqui: (1) O TR de S1 é fundamental para a interpretação de ambas as sentenças. As sentenças têm o mesmo tempo gramatical e o advérbio têm ambas as sentenças em seu domínio. Para se estabelecer TR é mister que se tenha tempo gramatical e advérbio; (2) O complemento especifica, além de TR, TE, através do advérbio *3 days earlier*. Esta interpretação mostra que os complementos diferem das sentenças independentes porque especificam TE. As sentenças independentes podem indicar o TE, mas não especifica-lo, se o TE for diferente do TR. Em (120), por exemplo, o advérbio *noon* especifica o TR, e *before*, a preposição que o introduz, indica o TE. Sabe-se apenas que $TE \leftarrow TR$, mas não se tem sua localização exata. Os complementos diferem das sentenças independentes porque, apesar do inglês só permitir um advérbio de tempo por sentença, eles podem dispor do advérbio da matriz para estabelecer o TR, liberando seu advérbio para estabelecer (especificar) TE; (3) Em (119), o valor relacional (anterioridade) do advérbio em S2 que estabelece a relação entre TE e TR, o advérbio propriamente dito (explicitamente passado) só estabelece o TE. As sentenças seguintes variam quanto ao valor relacional do advérbio em S2; conseqüentemente, as relações entre TE e TR também variam:

(120) Harry ate before noon.

Harry comeu antes do meio-dia

(121) I realized at midnight that San had left the party earlier. (TE←TR)

Eu me dei conta à meia-noite que San tinha deixado a festa mais cedo

(122) The nurse explained that the doctor was busy now. (TE =TR)

A enfermeira explicou que o doutor estava ocupado agora

(123) The office announced last week that the chairman was resigning in 2 days.

O escritório anunciou semana passada que o presidente estava se demitindo em dois dias (TE→TR)

Os advérbios não-ancorados são ambíguos porque apresentam dois valores relacionais (← e →) :

(124) The nurse explained that the doctor was working on Tuesday.

A enfermeira explicou que o doutor estava trabalhando na terça

a ...so he couldn't have committed the crime. (TE←TR)

então ele não poderia ter cometido o crime

b ...so he couldn't come to the charity bazaar. (TE→TR)

então ele não poderia vir à feira de caridade

O auxiliar *have*, juntamente com um advérbio não-ancorado, especifica que TE é anterior a TR, uma vez que o *have* indica anterioridade:

(125) The nurse explained that the doctor had been working on Tuesday. (TE←TR)

A enfermeira explicou que o médico tinha estado trabalhando na terça

Segundo o Princípio da Partilha, o tempo estabelecido em S1, matriz, age como TR de S2, a sentença encaixada. Ambas as sentenças compartilham o mesmo TR. Não obstante, quando TE e TR da matriz não coincidem - nos exemplos acima TE=TR, na sentença matriz - a dependência dos advérbios ancorados da sentença encaixada é bem diferente:

(126) They announced before noon that the fugitive had been caught 3 hours earlier.

Eles anunciaram antes do meio-dia que o fugitivo tinha sido capturado 3 horas antes

(127) I told the hotel clerk several hours after midnight that I was leaving in two hours.

Eu disse ao recepcionista do hotel várias horas após meia-noite que eu estava partindo em duas horas (Smith 1978, 59)

Nos casos acima o complemento depende do TE da matriz, e não de seu TR. Em (126), por exemplo, o fugitivo foi pego 3 horas antes (TE de S2) de um ponto anterior a *noon* (TE de S1 e TR de S2), e não 3 horas antes de *noon* (TR de S1).

Pode-se afirmar, então, que o TE da matriz serve sempre como TR do complemento. Mesmo nos casos em que $TE_1=TR_1$, pois TR_2 será igual a TE_1 , da mesma forma. Geralmente, se uma sentença encaixada apresentar o mesmo tempo gramatical da sentença acima dela, o TE da sentença mais alta agirá como TR da mais baixa (encaixada).

As sentenças encaixadas que apresentam advérbio ancorado a TS, constituem um problema para a análise acima. Advérbios deste tipo que expressam passado ou futuro explícito geralmente se orientam em relação ao TS. Se aparecerem num complemento que apresente TR diferente de TS, podem ser interpretados em relação a qualquer um dos dois pontos (tempos), tornando a interpretação ambígua:

(128) Sally told me on Tuesday that Bill had arrived 3 weeks ago.

Sally me disse na terça que Bill tinha chegado três semanas atrás

(129) I explained on Tuesday that Bill had left last week.

Eu expliquei na Terça que Bill tinha partido semana passada

(130) Bill will announce on Tuesday that he is leaving next week.

Bill anunciará na terça que ele está partindo semana que vem

Por fim, o Princípio da Partilha se aplica a sentenças dependentes sintaticamente que apresentam o mesmo tempo gramatical e interpreta TE_1 como TR_2 . Se S2 não apresentar advérbios, as sentenças são tidas como simultâneas; se S2 apresentar advérbio, ele especificará TE_2 , que não é simultâneo ao TR_2 . O valor relacional do advérbio dá a relação entre TE e TR, e o advérbio especifica TE. Os advérbios de S2

que são geralmente ancorados ao TS podem ser orientados em relação a TS ou TR2, apresentando ambigüidade e controvérsia na interpretação dos falantes.

Passemos aos casos em que a matriz e o complemento não apresentam o mesmo tempo gramatical. Uma vez que Smith não considera *will* tempo gramatical (*will* pode aparecer tanto no presente quanto no passado⁸ ou futuro), mas um modal com o mesmo status de *may* (cf. Smith 1978, 49), existem duas possibilidades de combinação entre tempos gramaticais diferentes: ou S1 apresenta tempo gramatical passado e S2 apresenta tempo gramatical presente; ou S1 tem tempo gramatical presente e S2 passado. Aplicar-se-á, na solução desses casos, o Princípio de Orientação e uma versão estendida do Princípio da Partilha. Considere as seguintes sentenças onde S1 tem tempo gramatical presente, S2 tem tempo gramatical passado, e S2 apresenta uma combinação de tempo gramatical e advérbio que estabelece TR:

(131) The report states that the spy was denounced last month.

O relatório diz que o espião foi denunciado mês passado

(132) The investigator will insist next month that he talked to the suspects 3 weeks earlier.

O investigador insistirá mês que vem que ele falou com os suspeitos 3 semanas antes

Em (131) a interpretação temporal do complemento corresponde à interpretação do mesmo como sentença independente. Não obstante, em (132) o complemento não recebe sua interpretação 'normal': TR passado ← TS. Sua interpretação é TR → TS. Este tipo de interpretação é previsto pelo Princípio de Orientação: RT2 é relacionado ao t1, não necessariamente ao ST. Sse $TR_1 = TS \Rightarrow TR_2 = TS$. Em (131), o fato de $TR_1 = TS$ possibilita uma interpretação normal. Em (132), $TR_1 \rightarrow TS$, o valor relacional do advérbio se mantém, mas TR2 não precisa ser anterior a TS.

A sentença matriz não estabelecerá o TR do complemento em sentenças que apresentarem tempos gramaticais diferentes:

(133) Willian will insist next week that Mary was returning to London in three weeks.

⁸ 'The store will have your book by now', 'The documents will have arrived last week' (p. 49).

Willian insistirá semana que vem que Mary estava voltando para Londres em três semanas

(134) Bill will say next week that Mary had left three days ago.

Bill dirá semana que vem que Maria tinha partido três dias atrás

(135) Bill says that Mary was leaving in three days.

Bill diz que Maria estava partindo em três dias

Nestes casos, não se pode aplicar o Princípio da Partilha, segundo o qual S1 estabelece TR para S2. Estas sentenças não podem ser interpretadas temporalmente em sua totalidade sem informação adicional. Em (135), por exemplo, sabe-se que Mary estava partindo 3 dias após um determinado ponto, mas que ponto? Deve-se aplicar o Princípio de Orientação, segundo o qual, e contrariamente ao princípio anterior, a S2 estabelece seu próprio TR.

Os complementos são orientados em relação ao TE da sentença matriz. Considere (136), onde $TE1 \neq TR1$:

(136) Sam will announce before midnight that Sue left three hours earlier.

Sam anunciará antes da meia-noite que Sue saiu três horas antes

No caso acima, a interpretação só pode ser aquela segundo a qual Sue partiu 3 horas antes de algum ponto antes da meia-noite. O TR da matriz (*midnight*) não serve de TR para S2:

$TR2 = TE1$, i.e. algum ponto antes da meia-noite (before midnight). De acordo com o Sharing Principle, $TE1 = TR2$; de acordo com o Princípio de Orientação, TE1 é o ponto de orientação do TR2. Para ambos os princípios, TE de S1 é o tempo mais relevante.

O Princípio da Partilha e o Princípio de Orientação se aplicam a várias sentenças. Aquele se aplica a sentenças que apresentam o mesmo tempo gramatical e o complemento não apresenta um TR, resultante da combinação de tempo gramatical e advérbio. O Princípio de Orientação se aplica aos complementos que apresentam tense e advérbio se combinando num TR. Aqui os complementos estabelecem TR independente.

Quando ambos os princípios se aplicarem à mesma sentença, deve-se dar preferência ao Princípio da Partilha e só depois, se ainda for necessário, aplicar o

Princípio de Orientação. Há sentenças, (cf. (137) e (138)) em que ambos os princípios apresentam o mesmo resultado. Não obstante há sentenças cujo resultado é diferente (cf. (139)):

(137) Bill will say tomorrow that the committee rules on the problem in three days.

Bill dirá amanhã que o comitê delibera sobre o assunto em três dias

(138) Sharon admitted that she had already arrived on Tuesday.

Sharon admitiu que ela já tinha chegado na terça

O Princípio da Partilha pode se aplicar a (137) e (138) porque S1 e S2 têm o mesmo tempo gramatical. O Princípio de Orientação pode ser igualmente aplicado porque S2 estabelece TR.

(139) Bill said yesterday that Tom was sick.

Bill disse ontem que Tom estava doente

A sentença acima só pode significar que matriz e complemento são simultâneas. Este é o resultado que obtemos se aplicarmos o primeiro princípio. Mas se aplicarmos o segundo princípio obteremos $S2 \leftarrow S1$. Por isso, em sentenças desse tipo, só o Princípio da Partilha deve ser aplicado.

Passemos às sentenças onde S1 tem tempo gramatical presente e S2 tem tempo gramatical passado, e S2 não estabelece TR:

(140) The prosecuting attorney claims that the nurse was tired now.

O advogado de acusação argumenta que a enfermeira estava cansada agora

(141) The public will learn next week that Smith had already withdrawn his offer of open negotiations .

O público saberá na semana que vem que Smith já tinha retirado sua oferta de negociação aberta

As sentenças acima necessitam de um ponto de referência e, por isso, não podem ser totalmente interpretadas. Nenhum dos dois princípios pode se aplicar a elas. *Now* e *have*

não têm ponto de referência. Ambos complementos precisam de TR. É preciso recorrer a outras sentenças do contexto para suprir os TRs dos complementos. Por isso o escopo do Princípio da Partilha precisa ser estendido de modo a buscar o TR em outras sentenças independentes sintaticamente. A relação do complemento com estas sentenças sintaticamente independentes é semelhante à sua relação com a matriz, exceto pela dependência sintática. O Princípio da Partilha procuraria uma sentença com o mesmo tempo gramatical, para suprir o TR do complemento, caso a matriz apresente um tempo gramatical diferente. Muitas sentenças são independentes sintaticamente, mas dependentes semanticamente:

(142) Ross was leaving in three days.

Ross estava partindo em três dias

(143) Ross had left on Tuesday.

Ross tinha partido na terça

(144) Ross was annoyed now.

Ross estava aborrecido agora

Consideremos agora sentenças onde a matriz apresenta tempo gramatical passado e o complemento apresenta tempo gramatical presente:

(145) The Egyptians knew that the earth is round.

Os egípcios sabiam que a terra é redonda

(146) Sam told me that Mary is leaving next week.

Sam me disse que Maria está partindo semana que vem

(147) I heard last night that Whitney is sick.

Eu ouvi noite passada que Whitney está doente

(p. 66)

Não se pode aplicar o Princípio da Partilha porque a matriz e o complemento não apresentam o mesmo tempo gramatical. Por outro lado, para o Princípio de Orientação o valor relacional do TR do complemento estabelece a relação entre TR1 e TR2. O valor relacional de S2, TR presente, é simultaneidade. Segundo este princípio S1 e S2 deveriam ser simultâneas. Isto não é correto: os três complementos das sentenças acima se referem ao TS, e não à matriz. Na verdade, o evento ou estado expresso no

complemento é verdadeiro no tempo designado pela matriz e em TS. Em (147), por exemplo, Whitney estava doente noite passada e ainda está.

Parece que verbos factivos e de dizer, quando presentes na matriz, permitem complementos com orientação no falante (*speaker-oriented complements*). Mas o mesmo não pode ser dito de todos os verbos. Nem todos os verbos permitem complementos com orientação no falante. Algumas sentenças resultariam, no mínimo, estranhas. (cf. (148) e (149))

(148) Mary feared that Bill is sick.

Maria temia que Bill está doente

(149) The family thought that the money is safe.

A família pensava que o dinheiro está a salvo

As sentenças acima não podem ser interpretadas pelo Princípio de Orientação, a menos que se revise o valor relacional do TR Presente, o que resolveria (145) - (146) também. A invés de ter valor de simultaneidade, a TR Presente assumiria um valor relacional entre passado e futuro: anterior ao TR Futuro e posterior ao TR Passado. Neste caso, os complementos, orientados ao TR da matriz, indicariam um tempo posterior ao passado: o Presente .

Não obstante, existem casos que resultariam problemáticos, mesmo após a revisão feita acima:

(150) Gwendolyn will say tomorrow that the Abbess of Crews is dangerous.

Gwendolyn dirá amanhã que o Abbess of Crews é perigoso (p. 67)

Na sentença acima, a matriz e o complemento devem ser simultâneos: o que não seria previsto, segundo a última revisão. De acordo com o Princípio de Orientação revisado, um TR presente não indica simultaneidade, mas sim um tempo entre o passado e o futuro, anterior a um TR futuro e posterior a um TR passado.

Em alguns casos, os complementos são tidos com simultâneos às respectivas matrizes, em outros não. Assim, se aplicarmos primeiro o Princípio da Partilha, e somente depois, caso seja necessário, aplicarmos o Princípio de Orientação, sentenças como (147) e (150) podem ser corretamente interpretadas.

Passemos ao tratamento das sentenças habituais. As sentenças habituais indicam que um evento ou estado ocorre com uma certa frequência, durante um certo intervalo de tempo. Muito embora as formas adverbiais possam, neste tipo de sentença, funcionar de modo bastante diferente do modo como funcionam nas sentenças não-habituais, eles podem ser tratados de modo semelhante, dentro do modelo de Reichenbach.⁹

(151) Lee was often in love last Summer.

Lee esteve¹⁰ apaixonado com frequência verão passado

(152) Bill swam 3 times a week in March.

Bill nadou 3 vezes por semana em março

(153) Scott got up early every morning last year.

Scott acordou cedo toda manhã ano passado

Primeiramente, deve-se atentar para o fato de que uma sentença habitual não se refere a um evento ou estado particular; não podendo, desta maneira, especificar um momento ou intervalo particular.

Um advérbio de frequência, geral ou específico, assinala a sentença habitual, indicando o número de vezes por unidade que um evento ou estado ocorre, ou, também, o momento (*typical time*) de recorrência. A unidade (*day, week, etc*) deve ter um determinante indefinido (cf. (154)). Se o determinante for definido, como em (155), o resultado é agramatical; se o determinante for dêitico o resultado é gramatical, mas não é habitual (cf. (156))

(154) They went to the movies 3 times a week.

Eles foram ao cinema 3 vezes por semana

(155) *They went to the movies 3 times the week.

*Eles foram ao cinema 3 vezes a semana

(156) They went to the movies 3 times that week.

Eles foram ao cinema 3 vezes naquela semana

⁹ Reichenbach não desenvolveu a análise dos habituais.

¹⁰ Nossa análise para o português, apresentada no capítulo iv, justifica a escolha de 'esteve' ao invés de 'estava': trata-se de uma sentença perfectiva, no nosso entender.

As sentenças habituais dificilmente apresentam especificação temporal completa, como em (157), indicando o tempo de recorrência, assim como sua frequência. Umas vezes o intervalo não é especificado (158), outras vezes a frequência é omitida (159).

(157) They went to the movies every afternoon at 3 o'clock last year.

Eles foram ao cinema, toda tarde às 3 horas, ano passado

(158) They went to the movies 3 times.

Eles foram ao cinema três vezes

(159) Fido chased cats.

Fido perseguia gatos

Sentenças não habituais, desde que não apresentam um determinante dêitico, podem se tornar habituais em certos contextos:

(160) At lunch time every day, the same thing happened: *Mary ate an apple*.

Todo dia, na hora do almoço, a mesma coisa acontecia: Maria comia uma maçã

Os habituais especificam TR, o intervalo durante o qual o evento ou estado recorrente aparece. Os habituais não indicam um TE particular, eles indicam a recorrência. A especificação da frequência funciona como TE. Os advérbios de tempo podem funcionar como parte da especificação da frequência, assim como especificar TR ou um TE particular. Semanticamente, deve-se assinalar que os habituais não indicam um momento ou intervalo particular; sintaticamente, é característico dos habituais apresentar um advérbio de frequência.

CAPÍTULO III

A TEORIA DE REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO (DRT) - Kamp & Reyle (1993)

3.1. Preliminares

A Teoria de Representação do Discurso consiste em um modo particular de se tratar a lógica e a semântica das línguas naturais. Não é um trabalho sobre sintaxe, mas a estrutura sintática é trazida à baila sempre que se precisa explicar como a forma sintática determina o significado lingüístico.

A DRT busca conciliar a perspectiva referencial estática da teoria dos modelos - abordagem formal mais difundida nos anos 70 que pretende dar uma caracterização exaustiva do significado da expressão lingüística em termos das relações referenciais que ela mantém com o sujeito (ou substância) do qual ela fala - com uma perspectiva orientada à interpretação, i.e. uma análise que leve em conta os padrões interpretativos que fazemos uso durante o processo de compreensão de uma sentença, e que nos possibilita a compreensão de expressões anafóricas e aspectuais da sentença, por exemplo. A DRT é uma abordagem que procura dar um tratamento mais completo à expressão lingüística, derivando o significado lingüístico da relação referencial da expressão lingüística com seu objeto, e dos padrões interpretativos da língua. A descrição apresentada pela DRT é uma análise idealizada do processo através do qual o receptor de uma mensagem vem a compreender as idéias que o enunciado contém.

Conforme dissemos acima, a teoria dos modelos apresenta uma perspectiva estática porque faz uma caracterização exaustiva do significado da expressão lingüística em termos das relações referenciais entre esta e o objeto que ela denota, mas ignora uma dimensão do significado lingüístico que, segundo Kamp & Reyle, é crucial para a análise de questões aspectuais e de anáfora: a dimensão da interpretação. A contemplação dos padrões interpretativos da língua é imprescindível à análise do tempo gramatical e do aspecto.

Como falantes devemos ser capazes de expressar nossos pensamentos com palavras; e como ouvintes devemos ser capazes de reconhecer os pensamentos expressos pelas palavras que ouvimos. Para Kamp & Reyle, estas duas habilidades só

são realizáveis graças a uma terceira: a capacidade de reconhecer as conexões sistemáticas entre o significado e a forma linguística.

O objetivo primeiro da semântica formal deve ser descrever a relação forma-significado. Entenda-se por 'forma' o padrão de estruturas sintáticas que uma dada língua realiza, definindo, assim, o conjunto de expressões gramaticais (bem-formadas) naquela língua. Aqueles que adotam esta posição percebem a língua como um sistema simbólico abstrato, governado por uma relação forma-significado presente em toda sentença gramaticalmente correta. A relação significado-forma é o único modo de se explicar uma série de fatos semânticos.

Para Kamp & Reyle, sempre pensamos ou falamos sobre coisas que pertencem ao mundo. Logo, é essencial que uma teoria do significado se preste à investigação do modo como denotamos essas coisas do mundo, atribuindo às expressões linguísticas um valor de verdade, se o pensamento ou enunciado corresponder ao modo como o mundo realmente é, ou falsidade, se ocorrer o contrário. Explicar o significado é determinar seu valor de verdade. A verdade ou falsidade resulta de dois fatores independentes: o significado da expressão proferida e o estado de coisas que o mundo real apresenta. A separação destes dois fatores é bem sucedida quando fazemos uso do modelo utilizado, nos anos 60, por Richard Montague (1932-1971). Nesta perspectiva, os objetos do mundo real são representados por uma estrutura abstrata que serve de modelo. O valor de verdade ou falsidade do enunciado decorre do fato do mesmo corresponder ou não ao modelo. Para explicar o significado de uma sentença, deve-se explicar sob quais circunstâncias a sentença é, ou seria, verdadeira. Nenhuma teoria do significado estará completa a menos que considere a conexão entre significado e verdade.

Pode-se dizer que uma sentença é verdadeira se o estado de coisas que ela descreve corresponde ao modo como as coisas são no mundo real. O mundo real é formado por indivíduos de vários tipos - pessoas, lugares, eventos, etc. - e estes indivíduos têm certas propriedades e se relacionam uns com os outros de determinada maneira. Os indivíduos que constituem o mundo, e a relação que mantêm uns com os outros, determinam quais as possíveis relações entre os referentes da DRS, e o mapeamento destes referentes para os indivíduos do mundo.

Não obstante, a condição de verdade da sentença não deve se restringir ao mundo real. Uma semântica de valor de verdade deve ser capaz de dizer qual teria sido o valor de verdade de determinada sentença caso as coisas (o mundo) tivessem resultado

diferente do que realmente são: seu valor de verdade com relação a outros mundos possíveis. Para isso, é necessário que se construam modelos que representem estes mundos possíveis.

Um mundo possível é constituído de um conjunto de indivíduos com certas propriedades e que se relacionam uns com os outros de determinada maneira. Ou seja, os mundos possíveis são constituídos de modelos. Um modelo é uma certa estrutura de informação em relação à qual é possível avaliar as expressões de uma determinada língua, especialmente no que tange ao seu valor de verdade. A verdade, na DRT, dependerá dos indivíduos que existem no modelo, das propriedades que estes indivíduos possuem, quais relações estabelecem uns com os outros, e, finalmente, que indivíduos são denotados por quais nomes. Um modelo é uma certa estrutura de informação com relação a qual as expressões de uma determinada língua são avaliadas no que tange seu valor de verdade.

A especificação da contribuição que cada constituinte da sentença presta ao valor de verdade das várias sentenças nas quais aparece como constituinte também nos diz algo sobre os significados desses constituintes. Em particular, nos mostrará como o significado de uma sentença completa está ligado ao significado de suas partes constituintes, podendo ser tratado de modo composicional.

Contudo, uma teoria do significado deve também analisar o modo como se dá a interpretação do enunciado. Um falante só consegue produzir e compreender o significado das sentenças de sua língua dada sua capacidade de interpretação e reconhecimento da gramática da língua. Uma teoria do significado deve se ocupar tanto da apuração do valor de verdade da expressão, quanto da interpretação da mesma; uma vez que ambas noções estão intrinsecamente ligadas.

A análise nos moldes da DRT apresenta uma estreita ligação entre semântica e lógica. A lógica, introduzida primeiramente por Aristóteles e definida como sendo a ciência da inferência, caracteriza-se pela relação entre premissa e conclusão. Contudo, a lógica aristotélica não possibilita o tratamento de muitas expressões lingüísticas sem que as mesmas tenham que ser modificadas para se adequarem às formas lógicas propostas por Aristóteles. Somente no final do século XIX, em 1879, Frege (1848-1925), matemático e filósofo alemão, introduziu uma nova noção de forma lógica juntamente com uma notação rigorosa para representá-la. A lógica de Frege, de base matemática, é conhecida como '*lógica de predicado*' ou '*cálculo de predicados*'.

A teoria dos modelos só se consolidou em meados da década de 60, através dos trabalhos de Montague, que demonstraram, de uma vez por todas, que este tipo de abordagem é viável para a análise das línguas naturais. Demonstrando, ainda, uma grande proximidade entre as teorias dos modelos para línguas naturais e para as línguas simbólicas. A semântica da teoria dos modelos de Montague constitui um modo de explicar a habilidade humana de reconhecer a condição de verdade das formas das sentenças. Até então acreditava-se que as línguas naturais eram muito assistemáticas para permitir uma análise com base nos rigorosos métodos da lógica formal, como a teoria dos modelos.

Mencionamos acima que o trabalho de Kamp & Reyle pretende, além de apurar as condições de verdade das sentenças de língua natural, conforme se faz na semântica dos modelos, ocupar-se do fenômeno que constitui a interpretação das línguas naturais. Kamp & Reyle assumem que a interpretação de sentenças e textos é construída na forma de estruturas abstratas: estruturas de representação do discurso (DRSs - *Discourse Representation Structures*). Estas estruturas são resultado da aplicação de certas regras às sentenças do discurso que servem de *input* para o processamento. Estas regras são chamadas de regras de construção (CR-*Construction Rules*) da DRS. Elas, muitas vezes, extrapolam o limite da sentença para considerar informações de DRSs previamente construídas, incorporando seus resultados em sua construção. (cf. Kamp & Reyle 1993, 23)

Em geral, as DRSs não representam sentenças isoladas. Elas representam unidades lingüísticas maiores, passagens multi-sentenciais, parágrafos, discursos ou até mesmo textos. Não obstante, a construção da DRS de unidades maiores é elaborada sentença por sentença. Cada nova sentença que é processada contribui com informação adicional à DRS de sentenças anteriores já construídas, atualizando a DRS já existente, de modo a incluir o significado da última sentença no segmento do discurso. Esse caráter dinâmico da DRS possibilita um tratamento mais apropriado da língua natural.

A capacidade de atualização da DRS - capacidade de incluir as informações de uma nova sentença numa estrutura já existente - assemelha-se à coesão (*cohesiveness*) semântica presente nos enunciados de qualquer língua natural. Normalmente, as sentenças que formam um trecho de discurso coerente estão conectadas por várias referências cruzadas (*cross-reference*). Por isso, o significado do todo não corresponde à soma das partes. Ele é sempre mais que a soma das partes. A coesão da linguagem

natural e a capacidade de atualização da DRS se assemelham no sentido de que para entender a informação que é acrescentada por uma nova sentença do discurso, o intérprete deve relacionar esta sentença à estrutura de informação obtida com as sentenças anteriores. Sendo assim, a interpretação de cada nova sentença apoiar-se-á em dois tipos de estrutura: a estrutura sintática da própria sentença e a estrutura que representa o contexto das sentenças anteriores. Quando a sentença a ser interpretada for uma sentença inicial, assume-se que não há nenhuma estrutura precedente à qual a sentença atual deva ser integrada; a única estrutura existente é a estrutura sintática da própria sentença.

Em casos como (01), a primeira observação a ser feita diz respeito ao fato de (01) ser constituída de um sujeito e um predicado. Sintaticamente, a combinação de um SN sujeito e um SV predicado significa que o indivíduo indicado pelo SN satisfaz o predicado expresso pelo SV. Esta informação é representada, na DRS, através de um representante formal, i.e. um referente do discurso, que representa o indivíduo, sendo que este referente deve satisfazer o predicado. A fórmula deve combinar o referente do discurso, representado por x , e o predicado (cf. (02)).

(01) Jones owns Ulysses.

Jones possui Ulisses

(02) [x owns Ulysses]¹

A fórmula deve ainda capturar a informação de que o referente do discurso x representa o indivíduo indicado pelo SN 'Jones' (cf. (03)).

(03) Jones(x)

As condições (02) e (03) seriam representadas, nos moldes da DRS, conforme segue:

(04)

x
Jones(x) [x owns Ulysses]

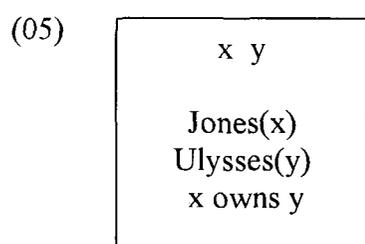
¹ Os colchetes indicam que expressões como (02) são simplificações de estruturas mais elaboradas. É uma estrutura reduzível.

Toda DRS é constituída por dois componentes:

- (i) um conjunto de referentes do discurso, chamado de o universo da DRS, sempre exibido no topo do diagrama; e
- (ii) um conjunto de condições da DRS, normalmente exibidas abaixo do universo.

No caso de (04), o universo é constituído pelo referente do discurso x , e as condições são representadas por 'Jones(x)' e '[x owns Ulysses]'. Na verdade, a DRS (04) ainda está em construção por isso apresenta uma condição reduzível. Quando uma determinada condição pode ser reduzida ainda mais, ela é chamada de 'condição reduzível'. Este é o caso da condição [x owns Ulysses], composta pelo verbo 'owns' (possuir) e o SN objeto direto 'Ulysses'. Esta condição pode ser decomposta. Deve-se introduzir um novo referente do discurso 'y', para o SN Ulysses, acrescentando duas novas condições: (i) uma introduzindo um novo referente do discurso 'y' no universo da DRS; e (ii) outra identificando a SN Ulysses com o referente 'y': 'Ulysses(y)'.

A DRS (04), após os últimos acréscimos, resultaria em (05).



Os dois passos que vimos acima, na construção da DRS, visam capturar a relação semântica entre o indivíduo e o predicado que ele satisfaz.

Quando a construção envolver pronomes, a DRS deve explicitar o caráter anafórico do(s) mesmo(s) através da identificação do pronome com seu antecedente. Esta informação é representada através da equação ' $u = y$ ', onde 'u' representa o novo pronome introduzido e 'y' seu antecedente, já identificado no contexto e sempre à direita da equação. A regra de construção que envolve pronomes é chamada de 'regra de construção para pronomes'.

Chomsky foi o primeiro a sugerir um conjunto de regras de formação de frase para os constituintes da sentença (*phrase structure rules*), determinando as possibilidades de estruturas sintáticas em que cada um deles pode aparecer.

O trabalho de Kamp & Reyle se aproxima da análise sintática gerativa, mais precisamente com o modelo de Gazdar (1985) *Generalized Phrase Structure Grammar* (GPSG). As regras de formação para os constituintes da sentença e, por sua vez, dos sintagmas que a constituem, norteiam a construção da DRS, estabelecendo o procedimento para a representação de cada constituinte da sentença, na DRS.

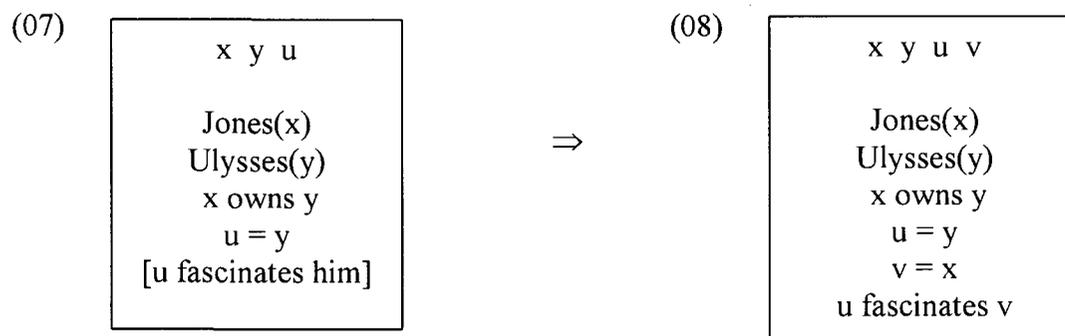
Se acrescentarmos a sentença *It fascinates him* à sentença (01) obtemos a seguinte seqüência:

(06) Jones owns Ulysses. It fascinates him.

Jones possui Ulysses. Ele o fascina.

Esta seqüência, após a substituição do primeiro pronome pelo referente *u*, seria representada pela DRS (07), que expressa a relação anafórica de '*u*' com '*y*', sendo que *y*, já identificado no contexto anterior, funciona como antecedente de *u*.

Não obstante, ainda existe uma condição reduzível na DRS (07), [*u fascinates him*], indicando que o indivíduo representado por '*u*' satisfaz o SN predicado '*fascinates him*'. Para indicar a relação anafórica entre *him* e *Jones* deve-se introduzir um novo referente '*v*', para representar o pronome *him*, e equacionar '*v*' com seu antecedente '*x*', que é o referente de *Jones*, já introduzido e identificado anteriormente, acrescentando uma nova condição à DRS. A DRS final para a representação da seqüência (06) ficaria conforme (08).



As DRSs têm condições de verdade bem definidas. A idéia central na qual a definição de verdade para uma DRS se baseia é simples e intuitiva (cf.(09))

(09) A DRS é verdadeira desde que possamos encontrar indivíduos para cada um dos referentes do discurso no universo, de modo que as condições que a DRS contém para cada referente do discurso sejam satisfeitas pelos respectivos indivíduos.

A DRS (08), correspondente à seqüência 'Jones owns Ulysses. It fascinates him', será verdadeira se pudermos encontrar indivíduos verdadeiros 'a' e 'b' de modo que 'a' satisfaça a condição 'Jones(x)', 'b' satisfaça a condição Ulysses(y) e a e b juntos satisfaçam a condição 'x owns y'. Ou seja, 'a' deve ser o indivíduo com o nome de Jones, 'b' deve ser o livro intitulado Ulysses e a deve possuir (owns) 'b'. De modo similar, 'It fascinates him' será verdadeiro se houver os indivíduos 'c' e 'd', correspondentes a 'a' e 'b', e juntos satisfaçam a condição 'u fascinates v'.

Dissemos acima que o discurso significativo é invariavelmente coeso, e sua coesão torna impossível a análise das sentenças isoladamente, sem fazer referência ao contexto. Na DRS (08) a coesão é expressa através das equações 'u = y' e 'v = x', que identificam os indivíduos mencionados na segunda sentença com aqueles da primeira sentença, caracterizando anáfora pronominal.

O algoritmo de construção da DRS envolve dois recursos: o primeiro recurso opera no nível da sentença completa. Quando o algoritmo é aplicado a uma seqüência de sentenças S_1, \dots, S_n , ele lida com estas sentenças em ordem de aparição, primeiramente incorporando S_1 na DRS inicial K_0 , que é vazia ; S_2 na DRS K_1 , resultante da primeira incorporação, e assim por diante. A construção do algoritmo descreve como a interpretação de S_i faz uso do contexto anterior k_{i-1} , transformando-o em um novo contexto K_i .

O contexto inicial K_0 para um dado discurso deveria incorporar as informações que estão à disposição do recipiente do discurso no momento em que ele começa a processá-la. Não obstante, por falta de meios, devemos simplificar e considerar a DRS inicial, K_0 , sempre vazia, i.e. constituída de um conjunto de referentes do discurso vazio e um conjunto de condições também vazio. Ou seja, o contexto inicial não contém informação alguma.

O segundo recurso diz respeito ao processamento de sentenças individuais, chamado de incorporação de sentenças. Este processo decompõe a sentença, começando por constituintes mais imediatos, como sujeito SN e predicado SV. Através da aplicação de regras de construção, ele utiliza a estrutura sintática para construir a DRS.

3.2. Tempo gramatical

Para que consigamos elaborar estruturas de representação do discurso (DRSs) que representem a linguagem natural com uma certa fidelidade, é imprescindível que sejam introduzidos, nestas estruturas, operadores que possibilitem a localização temporal e a estrutura aspectual das sentenças a serem representadas. Caso contrário, não teremos condições de representar sentenças que não se refiram ao tempo presente, tampouco sua estrutura interna, seu aspecto (desta parte trataremos mais adiante):

(09) Peter owns a car. He bought it from Fred.

Peter tem um carro. Ele o comprou de Fred

(10)

<p>x y z u v</p> <p>Peter(x)</p> <p>car(y)</p> <p>x owns y</p> <p>z = x</p> <p>u = y</p> <p>Fred (v)</p> <p>z bought u from v</p>

A DRS acima falha na representação de (09) por não conter informações sobre as extensões dos predicados em mais de um tempo: o verbo 'owns', no tempo presente, e o verbo 'bought', no tempo passado, pertencem a tempos gramaticais diferentes. Em casos como este, a DRS deve conter informações sobre as extensões dos predicados em mais de um tempo. É preciso modelar a estrutura temporal do mundo para capturar a informação temporal contida em sentenças que não se referem ao momento presente, bem como a diferença de tempo gramatical entre as sentenças do discurso.

O modelo que determinará se (10) é verdadeira ou falsa deverá (i) conter informações sobre as extensões dos predicados em mais de um tempo e (ii) fazer referência explícita ao fato de 'owns', presente, e 'bought', passado, pertencerem a tempos gramaticais diferentes. Nossa tarefa daqui em diante será inquirir sobre como informações desse tipo podem ser tornadas explícitas, e como construir DRSs que contenham essas informações.

A extensão de um predicado é constituída pelos indivíduos, ou conjunto de indivíduos, que podem satisfazer a predicação do verbo, ou a relação expressa nele. No caso dos predicados que expressam propriedade, i.e. predicados de um lugar, como cachorro, comer, girar, etc. (p. 133), sua extensão será o conjunto dos indivíduos que o satisfazem. Se o predicado for relacional, i.e. de dois ou mais lugares, sua extensão será um conjunto de pares, no caso dos predicados de dois lugares, como amar, odiar possuir, usar, etc., onde **a** se mantém na relação expressa pelo predicado **P**, em relação a **b**. No caso dos predicados de três e quatro lugares, sua extensão será satisfeita pelo conjunto de três e quatro elementos, respectivamente, que mantêm entre si a relação expressa pelo predicado.

Para que um modelo possa representar as informações temporais contidas no discurso, bem como sua estrutura aspectual, ele deve prover, para cada tempo *t*, a extensão de todos os predicados da língua em *t*. Um modelo deste tipo deve especificar 'a extensão como uma função do tempo', i.e. deve ser uma estrutura que associe a cada tempo *t* um modelo.

A estrutura temporal à qual os modelos se associam está baseada no conceito mais tradicional de tempo, segundo o qual o tempo é composto de momentos, ou instantes, de duração zero, estritamente ordenados pela relação de anterioridade ou posteridade. Sendo assim, para quaisquer elementos distintos, *t*₁ e *t*₂, *t*₁ será necessariamente anterior ou posterior a *t*₂. Formalmente, a estrutura temporal pode ser representada pelo par $\langle T, < \rangle$ onde *T* é o conjunto de instantes de tempo (time) e *<* é a relação de anterioridade-posterioridade. Este conceito de tempo é o mesmo usado na física desde os tempos de Galilei e Newton, e os constituintes básicos do tempo são comumente associados ao conjunto dos números naturais. (p. 486)

Algumas tentativas já foram feitas no sentido de representar a estrutura temporal do discurso. Uma das tentativas feitas na lógica de predicados consiste em incluir dois operadores temporais: *P*, para o passado simples, e *F*, para o futuro simples.

Formalmente, P e F são conectivos sentenciais de 1 lugar. Assim, uma fórmula ϕ pode ser transformada numa fórmula complexa $P\phi$ (it was the case that ϕ) ou $F\phi$ (it will be the case that ϕ). À lógica que contém estes operadores temporais dá-se o nome de TPL (Tense Predicate Logic). Deste modo, teríamos a seguinte representação para (09):

$$(11) \exists x \exists y (x = \text{Peter} \wedge \text{car}(y) \wedge \text{owns}(x,y) \wedge \exists z (z = \text{Fred} \wedge P \text{ buy}(x,y,z))) \quad (\text{Kamp \& Reyle, 1993, 487})$$

De acordo com os operadores de tempo gramatical da TPL, $P\phi$ é verdadeiro num dado momento t se existir um momento t' , anterior a t , no qual ϕ é verdadeiro. Do mesmo modo, $F\psi$ é verdadeiro num momento t se ψ for verdadeiro num momento t' posterior a t . Sendo assim, o valor de verdade de uma dada fórmula não depende somente de um modelo em particular, em relação ao qual a fórmula esteja sendo avaliada, mas também do momento no qual a avaliação acontece.

A TPL apresentada acima, apesar de relativamente adequada para a representação do passado e futuro simples, mostra-se insuficiente para a representação de tempos gramaticais mais complexos:

(12) Bill has been watching little Alice ever since Mary left.

Bill está cuidando da pequena Alice desde que Mary saiu

Note-se que a sentença acima é verdadeira em t se, e somente se, houver um tempo t' que precede t , tal que (i) a proposição 'Mary leaves' (Maria sai) é verdadeira em t' e (ii) "Bill is watching little Alice" (Bill está cuidando da pequena Alice) é verdadeira em todos os momentos a partir de t' até, e incluindo, t . Fica claro que a proposição acima não pode ser representada na TPL com os operadores P e F.

Haja vista tal dificuldade, desenvolveu-se um sistema de lógica de tempo mais poderoso dotado de operadores binários do tipo S e U. Neste sistema, S (ϕ, ψ) e U (ϕ, ψ) podem ser aproximadamente parafraseados por 'tem (tinha ou terá) sido o caso que ψ desde que foi (tinha sido) o caso que ϕ ' e 'será o caso que ψ enquanto for o caso que ϕ ou era/foi o caso que ψ enquanto for o caso que ϕ ', dependendo do contexto em que a fórmula apareça. (p. 491)

Não obstante, o sistema com S e U não é mais satisfatório que o sistema com P e F, quando se pretende representar uma língua natural como o inglês. O fato de o inglês (e a maioria das línguas naturais) fazer uso de expressões do tipo "at some time, when, at all subsequent times, when it was the case that...", e de apresentar anáfora temporal e pronominal (aqui nos interessa a anáfora temporal) dificulta sua representação formal, distanciando-a de sistemas de sistemas como o TPL ou com operadores S e U, que não possuem tais características.

A indexicalidade, propriedade que as línguas naturais têm de serem interpretadas com relação ao contexto do enunciado, não importando quão profundamente encaixadas elas estejam, é outro aspecto das línguas naturais que não encontra par em representações formais como TPL ou o sistema com S e U.

Uma outra inadequação dos sistemas de tempo, conforme os que vimos até aqui, é o fato de que, a interpretação da extensão dos predicados em seus modelos diz respeito a momentos de tempo. Os valores de verdade de sentenças atômicas são atribuídos pelo modelo com relação a momentos de tempo. Isto não parece intuitivamente correto, uma vez que, ao fazermos uso de uma língua natural, as sentenças parecem corresponder a intervalos maiores de tempo, e não a momentos indivisíveis. Considere-se, por exemplo, o próprio tempo gasto na enunciação da sentença: não se trata de um momento indivisível, mas de um intervalo. Considere-se, ainda, sentenças como 'estar dormindo' ou 'estar correndo'. Não parece intuitivamente correto atribuir tais predicados a momentos de tempo.

Por outro lado, a semântica de intervalo também apresenta sérios problemas. Considere-se, por exemplo, um intervalo i constituído de duas partes consecutivas i_1 e i_2 , onde Mary esteja doente na primeira parte e saudável na segunda. Qual seria o valor de verdade para "Mary is ill" no intervalo i ? Poderíamos considerá-la falsa uma vez que a afirmação é falsa em algum momento contido em i . Não obstante, não poderíamos concluir que a sentença "Mary is not ill" é verdadeira em i , uma vez que a verdade de uma sentença S em i deve implicar na sua verdade em todos os momentos contidos em i . Quando pensamos, por exemplo, em alguém que está escrevendo uma carta, parece claro que não podemos relacionar tal atividade a um instante de tempo. Por outro lado, ninguém escreve uma carta sem interrupções, seja para pensar na próxima frase a ser escrita ou para atender ao telefone. Dito isto, parece que não podemos atribuir a esta atividade valor de verdade com relação a um instante (momento) de tempo, tampouco a

um intervalo i , uma vez que nem todos os subintervalos contidos em i apresentam o mesmo valor de verdade. Diante de tal dificuldade, Kamp & Reyle sugerem uma terceira alternativa: a semântica com base em eventos (event-based).

Kamp & Reyle não deixam claro o conceito de evento: "... it is so difficult to determine precisely what events are and what general properties they have" (Kamp & Reyle 93, 505). Apenas afirma, baseado em Davidson (1967) - filósofo contemporâneo precursor da análise baseada em eventos -, que sentenças do tipo "Fred buttered a toast" e "Mary wrote the letter on Sunday" constituem exemplos clássicos de eventos.

Consoante Kamp & Reyle, a DRS para (13), seguindo a noção de evento, deve apresentar a seguinte notação (cf. (14)):

(13) Mary wrote the letter on Sunday

Maria escreveu a carta no domingo

(14)

e x y t Mary(x) the letter(y) Sunday(t) write(e, x, y) Time(e, t)
--

Além dos referentes x e y , devidamente identificados com *Mary* e *the letter*, respectivamente, a DRS acima apresenta dois novos referentes, que não se apresentavam nas DRSs anteriores: o referente do discurso e , para indicar que se trata de um evento, e um referente do discurso t , para representar o tempo denotado pelo advérbio.

Muitas vezes não é fácil distinguir um sentença que indica evento de uma que indica estado, sem que se considere o contexto em que as mesmas aparecem, sendo tal separação, em vários casos, gradual. A distinção entre evento e estado parece, a princípio, residir no fato de que os eventos envolvem algum tipo de mudança, enquanto que os estados não. Os estados envolvem a continuação de alguma condição, e os eventos o término ou anulação de uma dada condição existente. Note-se, contudo, que, dependendo do modo como se olha o mundo, uma mesma condição pode ser vista como

um estado ou um evento. Considere-se, por exemplo, as sentenças (i) " Mary wrote a letter " (Maria escreveu uma carta) e (ii) " Mary was writing a letter " (Maria estava escrevendo uma carta), onde a situação descrita é a mesma, mudando apenas o ponto de vista: em (i) a situação é apresentada em sua totalidade, em (ii) a situação 'é apresentada do lado de dentro', como algo que está acontecendo.

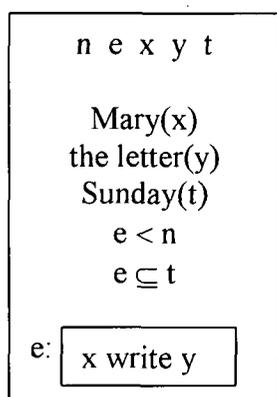
Uma solução no que tange à distinção entre estados e eventos seria tratar eventos e estados como sub-categorias de uma categoria mais abrangente: as eventualidades, para utilizar o termo de Emmon Bach (1981). Uma eventualidade pode ser constituída às vezes por um estado e às vezes por um evento. Não obstante, este não parece ser o caminho, tendo em vista que sentenças que descrevem eventos e sentenças que descrevem estados apresentam comportamentos semânticos distintos.

Às vezes, a distinção entre sentenças que denotam evento e sentenças que denotam estado é feita através da forma que as sentenças apresentam. Os verbos que descrevem estados não aparecem - ou aparecem de modo marginal - na forma progressiva; enquanto que um verbo que denota um evento se combina bem com a forma progressiva. Não obstante, a distinção entre estados e eventos têm muito de intuitivo e pode depender de como a situação é conceptualizada, assim como do papel que ela desempenha no discurso, além de sua forma gramatical. (cf. 509)

Kamp & Reyle reconhecem a necessidade de separar eventos, representados na DRS por *e*, de estados, representados na DRS por *s*, uma vez que, conforme dissemos acima, eventos e estados apresentam comportamento semântico diferente: uma sentença que descreve um estado geralmente contém o tempo de referência relevante para o contexto em que aparece, i.e. o tempo de referência encontra-se contido no intervalo descrito pelo estado; uma sentença que expressa um evento, por outro lado, descreve uma situação que geralmente se segue, é posterior, ao tempo de referência relevante para o respectivo contexto.

A notação da DRS (14), elaborada acima para a representação da sentença (13), deve ainda sofrer algumas modificações. Deve-se explicitar que o referente do discurso que representa o evento tem status diferente dos outros referentes do discurso da condição; e que o evento *e* está temporalmente contido em seu tempo de referência *t*. A representação do evento *e* e do tempo do evento, bem como a relação deste com o momento da fala, devem, daqui para a frente, ser representadas da seguinte maneira:

(15)



Na DRS acima, **e** especifica o tipo de eventualidade²: 'x escrever y'. A representação de **e** fora (na frente) do quadro no qual o verbo e os referentes para seus argumentos se encontram deve-se ao fato do referente do discurso **e** apresentar um estatus diferente dos demais elementos desta condição. A condição $e \subseteq t$ significa que **e** está temporalmente incluído em **t**, seu tempo de referência. Esta condição apresenta o evento de escrever uma carta como estando totalmente incluído no espaço de tempo denotado por **t**, que é o domingo. Sabe-se que um evento deve sempre estar contido em seu tempo de referência.

A localização temporal de **e** é representada com o auxílio de um novo referente do discurso **n**: este referente sempre representará o momento do enunciado (o momento do enunciado é por definição instantâneo). A condição $e < n$ indica que o evento é anterior ao momento em que o enunciado é proferido, i.e. está no passado.

O algoritmo de construção da DRS deve representar a informação que diz respeito ao tempo gramatical e ao advérbio temporal (se houver algum) da sentença que serve de *input* para sua construção. Esta informação, e outras que a princípio só se apresentariam em estruturas (*nodes*) mais profundas, deve ser explicitada na DRS já nos primeiros estágios do processamento. Mesmo antes de se lidar com o sintagma verbal, deve-se classificar a eventualidade como um evento **e** ou um estado **s**. Estas informações aparecem em forma de designação de traços (*feature assignments*) (cf. p.512).

Kamp & Reyle fazem uso de dois traços (*features*) para a construção da DRS. O primeiro diz respeito ao tempo gramatical (TENSE), podendo este ser presente, passado ou futuro, se a localização temporal da eventualidade se encontrar antes, durante (igual)

² **e** sempre representará um evento.

ou depois do momento da fala, respectivamente. O valor do tempo gramatical (*past*, *pres* e *fut*) de uma determinada sentença S é determinado pelo tempo gramatical que o verbo de S apresenta.

O segundo traço que deve estar presente no primeiro momento do processamento da DRS é chamado de STAT, e diz respeito ao tipo de eventualidade que a sentença denota. Este traço apresentará valor positivo, (+STAT), quando a sentença denotar um estado, ou negativo, (-STAT), quando se tratar de um evento.

Quando a sentença contém um advérbio de tempo, como em (13), a informação provida por STAT é especialmente importante. Neste caso, seu valor negativo, caracterizando um evento, determinará que o espaço de tempo designado pelo advérbio contém o tempo do evento descrito. O tempo do evento estará totalmente contido no tempo denotado por advérbios como '*on Sunday*', '*yesterday*', '*tomorrow morning*', etc.. Uma vez que a relação de inclusão descrita acima não acontece necessariamente com os estados, o algoritmo deve fazer a distinção entre estados e eventos. (Kamp & Reyle, 1993, 513)

Em se tratando de um estado (+STAT), os advérbios pontuais, i.e. advérbios que designam um momento de tempo indivisível, como '*às 10 horas*' e '*agora*', estarão, necessariamente, incluídos no intervalo expresso pelo estado. Contudo, as coisas nem sempre são assim: o intervalo de tempo expresso por advérbios estendidos, como '*no domingo*', '*no ano passado*' e '*na semana que vem*', nem sempre estará contido no espaço de tempo ocupado pelo estado. O espaço de tempo ocupado pelo estado pode não ser superior ao intervalo de tempo designado pelo advérbio. Este é o caso de sentenças como '*Mary was ill on Sunday. But by Sunday night she had recovered.*' (Maria estava³ doente no Domingo. Mas no Domingo à noite ela já tinha se recuperado) ou '*Yesterday Mary was in the library.*' (Ontem Maria estava na biblioteca). Daí não se poder usar a relação de inclusão do advérbio no tempo expresso pela sentença que denota um estado, apesar desta relação ser a mais comum. Deve-se indicar apenas que existe uma relação de sobreposição (*overlap*) entre o tempo expresso pela sentença e o tempo expresso pelo

³ Devido à presença de uma segunda sentença com a presença de *but*, assumimos que a primeira sentença é imperfectiva, porém a possibilidade do estado de coisas prosseguir é cancelado pela segunda sentença. Assim, optamos por traduzir *was* por *estava*, e não *esteve*, uma vez que pareceria redundante restringir uma sentença perfectiva. (cf. cap iv)

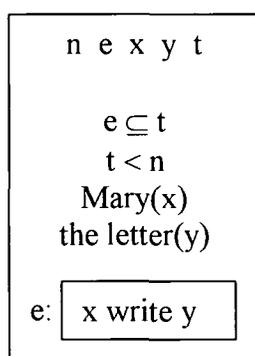
advérbio. Como o leitor deve ter percebido, esta relação de sobreposição é bem menos informativa que a relação de inclusão estabelecida para os eventos.

Na construção da DRS (15) a relação temporal entre o evento e o momento da fala foi feita diretamente ($e < n$), mas, por razões que serão apresentadas mais a diante, tal relação deve ser feita de modo indireto, relacionando-se a eventualidade com o tempo de referência, representado por t , e este com o momento da fala. Mesmo nos casos em que a sentença não apresentar um advérbio de tempo, como em (16), deve-se introduzir um referente do discurso para o tempo de localização da eventualidade, e estabelecer a relação entre a eventualidade e o momento da fala de modo indireto, conforme a DRS (17), onde t é o tempo de referência do evento.

(16) Mary wrote the letter.

Maria escreveu a carta

(17)



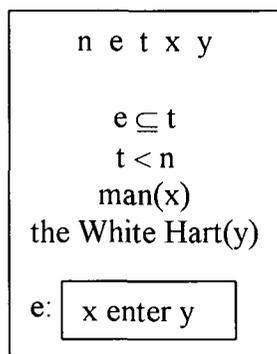
Concentremo-nos, a partir de agora, nas representações que envolvem seqüência de sentenças. A relação temporal de sentenças na língua inglesa, assim como em outras línguas, é expressa freqüentemente através da anáfora temporal: as sentenças são interpretadas como sendo temporalmente relacionadas com as sentenças que as precedem. Para que a DRS possa localizar temporalmente as sentenças de uma série é preciso que, a partir da segunda sentença da seqüência, o algoritmo possa fazer uso da localização temporal indicada normalmente pelo último evento e introduzido na seqüência do discurso.

Apresentaremos abaixo, à guisa de ilustração, uma seqüência de sentenças (cf. (18)), para em seguida passarmos à representação de cada uma das sentenças, nos moldes da DRS, começando, é claro, pela primeira sentença da seqüência (cf. (19)).

(18) A man entered the White Hart. He was wearing a black jacket. Bill served him a beer. (p. 521)

Um homem entrou no White Hart. Ele estava usando uma jaqueta preta. Bill serviu uma cerveja pra ele

(19)



Quando fazemos a representação da primeira sentença de uma seqüência, não há necessidade, nem possibilidade, de se considerar a relação da sentença em questão com uma outra que a anteceda, uma vez que a mesma não existe para o contexto da DRS.

A partir da segunda sentença de um discurso no passado, que é o caso de (18), faz-se necessária a representação de uma nova condição, que não se apresenta quando uma sentença é a primeira sentença do discurso: a relação da eventualidade expressa pela sentença atual - representada na DRS (20) por s , por se tratar de um estado - com uma outra eventualidade, representada por e , já presente na DRS anterior (cf. (19)). Esta relação é particularmente importante nos casos em que a sentença não-inicial não apresentar um advérbio de tempo. Nestes casos, a nova eventualidade só poderá ser localizada com relação ao contexto que a precede.

Quando a eventualidade da sentença não-inicial, for um estado s , a relação quase sempre será de inclusão do contexto anterior e neste estado ($e \subseteq s$); quando a eventualidade da sentença não-inicial for um evento e' , a relação geralmente será de seqüência ($e < e'$). A segunda sentença de (18) expressa um estado - conforme dito anteriormente, as sentenças no progressivo sempre descrevem estados - , logo a relação entre e (o evento da sentença anterior) e s (o estado expresso pela sentença atual) deve ser de inclusão ($e \subseteq s$).

A interpretação de uma sentença não-inicial, no tempo passado, requer uma regra de processamento especial que ligue a eventualidade descrita a algum elemento anterior apresentado no discurso. Esta dimensão anafórica dos tempos gramaticais no discurso natural, como vimos, foi percebida primeiramente por Reichenbach (1947) que introduziu o conceito de ponto de referência. Lembremos que, segundo Reichenbach, o significado do tempo gramatical de um verbo envolve duas relações temporais: a relação entre o tempo de referência e o momento da fala, e a relação entre a eventualidade e o tempo de referência. Quando a sentença é parte de uma seqüência do discurso, o tempo de referência é freqüentemente indicado pela sentença que imediatamente a precede.

Conforme veremos na seção (3.3), onde nos ocupamos de refinar a distinção que Kamp & Reyle estabelecem entre *s* e *e*, para Kamp & Reyle, somente os eventos estabelecem um tempo de referência para a interpretação temporal da sentença subsequente, por isso movem o tempo da narrativa. Os estados, por outro lado, não estabelecem um novo ponto de referência para a interpretação temporal da sentença subsequente, por isso não movem a narrativa.⁴

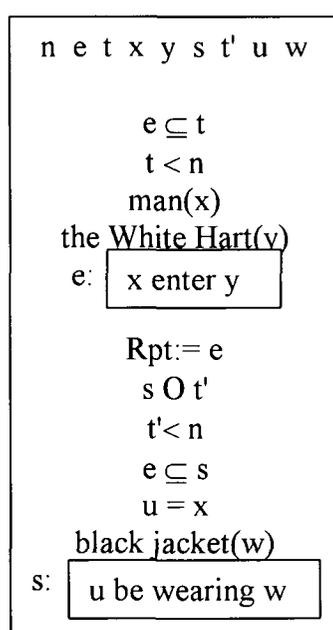
Para se explicitar a noção proposta por Reichenbach, deve-se introduzir na DRS uma nova condição, da forma ' $Rpt := \alpha$ ', onde ' α ' é algum referente do discurso que representa um tempo *t* ou um evento já introduzido anteriormente, e já presente no universo da DRS. Sendo assim, o primeiro passo para se interpretar a segunda sentença de (18) será adicionar a condição ' $Rpt := e$ ', indicando que *e*, o evento da primeira sentença, deve agir como ponto de referência para a interpretação da segunda sentença. A segunda sentença de (18), por ser um estado, deve incluir o ponto de referência estabelecido pela primeira sentença. Isto parece estar intuitivamente correto. A DRS (19), após a inclusão da segunda sentença de (18), ficaria conforme (20).

Além de todos os referentes e condições apresentadas em (19), a DRS (20) apresenta ainda as seguintes condições: (i) $Rpt := e$, indicando que o ponto de referência é o evento anterior: a partir da segunda sentença de uma série o algoritmo deve, sempre que necessário, buscar o tempo de referência para a interpretação da sentença em questão, na sentença que a precede; (ii) $s \text{ O } t$, para indicar a relação de sobreposição

⁴ Veremos no cap iv que, ao menos em português, um estado *s* pode ser restringido *e*, conseqüentemente, pode empurrar o tempo da narrativa para frente.

(*overlap*) do estado expresso pela segunda sentença com seu tempo de referência (um estado, por definição, sempre manterá uma relação de sobreposição com seu tempo de referência); (iii) $t' < n$, indicando que o ponto de referência da segunda sentença antecede o momento da fala, i.e. está no passado; (iv) $e \subseteq s$, para indicar que o evento da primeira sentença está contido no estado expresso pela segunda sentença; (v) $u = x$, indicando a relação anafórica de x com seu antecedente, que é referente de 'homem'; (vi) $\text{black jacket}(w)$, para identificar o referente w com a NP 'black jacket'; e finalmente (vii) o estado de o homem estar usando uma jaqueta preta⁵, representado por s , fora da caixa onde o verbo se encontra.

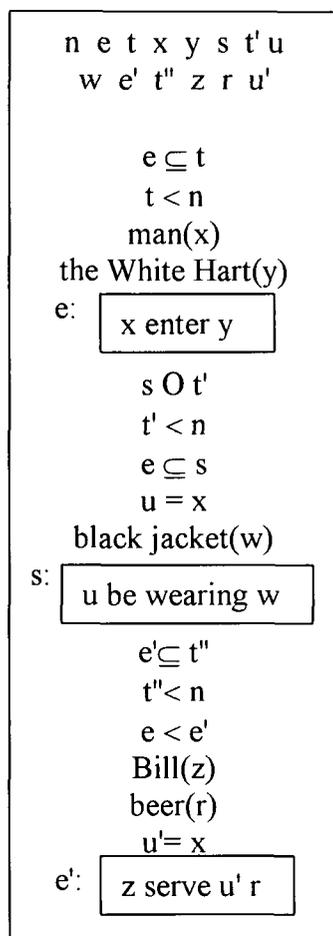
(20)



A DRS (20) servirá como contexto para a interpretação da terceira sentença de (18). Não obstante, a cada nova sentença incluída na DRS, o ponto de referência deve ser estabelecido novamente. Deste modo, a DRS resultante da interpretação da primeira e segunda sentença de (18) ficaria igual à (20), exceto pelo fato de não apresentar Rpt: este seria eliminado após o término do processamento da segunda sentença, para dar lugar ao Rpt da próxima sentença. No caso de (18), a segunda sentença é um estado. Logo o Rpt será reajustado para o mesmo valor, i.e. o Rpt do primeiro evento, pois um estado não estabelece um novo ponto de referência.

⁵ As sentenças com formas progressivas serão sempre consideradas estados.

(21)



A DRS acima representa a seqüência (18), após o processamento da terceira sentença.

Para a análise da terceira sentença de (18) fez-se necessário o acréscimo das seguintes condições: (i) $e' \subseteq t'$, para indicar que o evento expresso pela terceira sentença está contido no seu tempo de referência; (ii) $t'' < n$, para localizar o tempo de referência no passado, antes do momento da fala; (iii) $e < e'$, para indicar que o segundo evento e' , expresso pela terceira sentença, é posterior ao primeiro evento e , expresso pela primeira sentença; (iv) $\text{Bill}(z)$, para identificar o referente z com a NP 'Bill'; (v) $\text{beer}(r)$, para identificar o referente r com a NP 'beer' (cerveja); (vi) $u' = x$, para relacionar o referente x ao seu antecedente u' ; e, finalmente (vii) o referente e' , que introduz o evento de Bill ter servido uma cerveja ao homem.

Dissemos anteriormente que as sentenças que expressam eventos descrevem eventualidades que seguem (são posteriores a) o ponto de referência dado pelo contexto; e que os estados incluem o ponto de referência provido pelo contexto. Estes princípios não são absolutos, conforme ilustram os exemplos (22) e (23), onde e' , o evento da

segunda sentença de (22), é simultâneo ao evento *e*, da primeira sentença (em se tratando de evento, a relação deveria ser de seqüência); e o estado *s* da segunda sentença de (23) é posterior ao evento *e* da primeira (quando um estado deveria manter uma relação de inclusão). Não obstante, por razões de simplificação e na falta de uma teoria consistente que possibilite o tratamento formal de tais casos, a proposta de Kamp & Reyle generaliza a noção de que (i) o evento sempre segue seu ponto de referência e (ii) o estado sempre o inclui.⁶

(22) He drank the beer. Some of it ran down his chin.

Ele bebeu a cerveja. Um pouco dela escorreu queixo abaixo

(23) He drank the beer. It tasted awful

Ele bebeu a cerveja. O gosto dela estava horrível

Quando uma sentença não-inicial apresentar advérbio de tempo, como o segundo estado *s'* representado pela terceira sentença de (24), o ponto de referência será estabelecido pelo advérbio, e não pelo contexto.⁷

(24) Fred arrived on the first of January. It was raining continuously. But the next day the sun was shining.

Fred chegou primeiro de janeiro. Estava chovendo intermitentemente. Mas no dia seguinte o sol estava brilhando

O advérbio da terceira sentença anula o princípio contextual segundo o qual o estado descrito por esta sentença teria que incluir o evento da sentença anterior, i.e. a chegada de Fred.

A principal diferença entre o tempo passado e o presente é que o tempo presente, em seu uso mais comum, é governado pelo princípio segundo o qual seu tempo de localização é sempre o momento da fala *n*. Ou, mais precisamente, a eventualidade descrita por uma sentença no presente deve incluir o tempo da fala *n*. As sentenças no

⁶ Uma outra simplificação adotada neste trabalho na construção do algoritmo do discurso é que a interpretação de uma sentença inicial, sem advérbio, nunca requer a escolha de um ponto de referência.

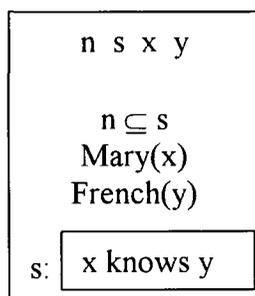
⁷ A sentença inicial que apresentar advérbio também estabelecerá tempo de referência.

presente apresentam, por isso, estatus de estado e não de evento; uma vez que o evento deve estar totalmente incluído em seu tempo de localização, não podendo se estender para além dele. O exemplo abaixo (25) resultaria na seguinte DRS (26).

(25) Mary knows French.

Maria sabe francês

(26)



Em alguns casos muito específicos, que citamos apenas à guisa de ilustração, o tempo presente pode ser usado em sentenças que expressam tanto um estado como um evento. É o caso do uso do tempo presente para horários. A sentença (27) pode se referir tanto a um trem em particular, quanto a um horário específico (diário) da entrada do trem na estação. Existem ainda o uso genérico (28); o discurso de comentário (*reportive speech*) (29); e o presente histórico, onde o tempo presente é usado para se referir a fatos passados, dando mais vivacidade ao fato narrado. Apesar de existirem casos em que o tempo presente pode ser usado para descrever eventos, a construção do algoritmo desenvolvida no trabalho de Kamp & Reyle considerará apenas o uso 'standard' do tempo presente.

(27) The train for Saloniki leaves at 11.35 p.m.

O trem para Saloniki parte às 11.35 da tarde

(28) John drinks tea at breakfast

João bebe chá no café da manhã

(29) Hoddles passes the ball to Smith. Smith lunges forward, passes Bickerton. He shoots. He scores!

Hoddes passa a bola para Smith. Smith dá uma arrancada, passa Bickerton. Ele arremessa. Ele marca um ponto!

3.3. Aspecto

Vimos na seção anterior que, além de expressar a relação temporal entre a eventualidade e o momento da fala, o tempo gramatical estabelece uma relação anafórica entre a eventualidade e algum tempo ou evento mencionado anteriormente no discurso. Não obstante, esta relação anafórica não depende apenas do tempo gramatical, mas também do fato da eventualidade descrita ser um estado ou um evento. Nesta parte do trabalho nos concentraremos em estabelecer a diferença entre as classes de tempo gramatical e aspecto, bem como a importância de cada uma dessas classes para o processamento do discurso temporal.

No trabalho de Kamp & Reyle, os termos tempo gramatical - visto anteriormente - e aspecto - que passaremos a considerar a partir de agora - serão usados como modos de classificar propriedades: algumas propriedades encontrar-se-ão dentro do domínio do tempo gramatical e outras dentro do domínio do aspecto. Estas propriedades das expressões da língua natural aplicam-se, ainda que não exclusivamente, a sentenças finitas. As propriedades temporais serão definidas com relação à sentença. O domínio das propriedades aspectuais, por outro lado, será mais abrangente: poderá incluir, além de sentenças completas, categorias sintáticas menores, como verbos e locuções verbais.

No caso do tempo gramatical, essas propriedades diriam respeito, por exemplo, à localização do tempo de referência com relação ao momento da fala, podendo localizar aquele como sendo anterior, concomitante ou posterior a este. O tempo gramatical (e também o aspecto) pode ser definido como um conjunto de traços (features), que por sua vez são conjuntos de propriedades.

Vimos na seção anterior que as sentenças finitas podem ser analisadas como descrições de eventualidades. Até aqui, temos feito distinção entre eventualidades que constituem eventos e aquelas que constituem estados. Não obstante, uma análise mais apurada, que atente para os diferentes tipos de verbos - mais precisamente, para as diferentes combinações entre verbos e argumentos que constituem as eventualidades - deixa evidente que a distinção 'evento-estado' pode ser refinada.

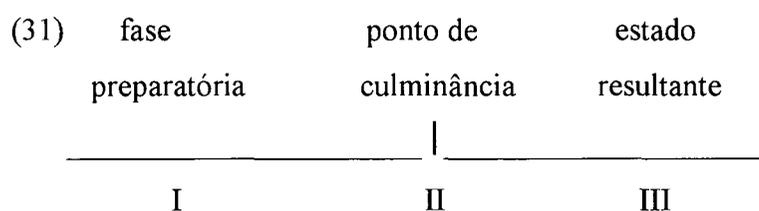
A partir de agora, faremos uma classificação mais minuciosa destas eventualidades, trazendo à baila as classes aspectuais propostas por Vendler (1967), e relacionando-as com um esquema estrutural relativamente simples que parece desempenhar um papel central na conceptualização de estados e eventos proposta por Kamp & Reyle.

Começemos por considerar o esquema estrutural proposto por Kamp & Reyle para a análise dos verbos *accomplishment* (vendleriano). A análise desenvolvida aqui está baseada numa estrutura constituída de três partes: uma 'fase preparatória', um 'ponto de culminância' e um 'estado resultante', um justaposto ao outro. O modo como um verbo de *accomplishment* é apresentado indicará qual parte, ou quais partes, do esquema a sentença se refere. Observemos a sentença que segue:

(30) Mary wrote the letter.

Maria escreveu a carta

Sabemos que um verbo (SV) *accomplishment* possui um ponto natural intrínseco para o término da ação descrita pelo verbo. Do modo como a sentença (30) acima foi apresentada, conclui-se que a ação denotada pelo verbo alcançou seu fim: o momento em que Mary acabou de escrever a carta. Este ponto é definido por Kamp & Reyle como 'ponto de culminância', e corresponde à fase II do esquema (31). Este ponto é precedido por um período onde se pode afirmar que 'Mary estava escrevendo a carta'. Este primeiro período, anterior ao ponto de culminância, é chamado de 'fase preparatória', e é representado, no esquema (31), pela fase I. Assim, a eventualidade descrita pelo verbo *accomplishment* que constitui a sentença (30), do modo como foi apresentado, ocuparia as partes I e II do esquema abaixo, o que caracteriza a sentença (30) como um evento e.



A sentença correspondente à (30) no progressivo, como em (32), ocuparia apenas a fase preparatória I, o período de tempo em que a carta estava sendo escrita. Apesar de envolver um verbo de *accomplishment*, a sentença (32), devido à forma como é apresentada, não denota um momento no qual a carta é concluída. Envolve uma eventualidade que ocupa um período de tempo que antecede (fase preparatória) o 'ponto de culminância, mas não o alcança. Quando a sentença ocupa apenas a parte I do esquema (31), ela deve ser classificada como um estado s.

(32) Mary was writing the letter.

Maria estava escrevendo a carta

Para Kamp & Reyle, as diferenças aspectuais envolvendo um verbo *accomplishment* podem ser representadas segundo a(s) fase(s) do esquema (31) que a sentença ocupa. Conforme vimos acima, uma sentença envolvendo um verbo de *accomplishment* poderá ocupar as partes I e II, somente a parte I ou somente a parte III, quando for apresentada no *present perfect*⁸. (p. 558)

As propriedades aspectuais descritas acima (a referência a determinada(s) parte(s) do esquema) podem ser agrupadas em um traço binário: [± STAT]. Uma sentença apresentará o traço [+ STAT] quando ocupar a parte I ou a parte III da estrutura (31), devendo ser classificada como um estado s. Quando a sentença ocupar a parte I+II ou II (no caso dos *achievements*, que veremos a seguir), ela apresentará o traço [- STAT] e deverá ser classificada como um evento e.

O esquema (31) servirá também para a análise dos verbos *achievements* (cf. (33) e (34)). Como sabemos, os *achievements* diferem dos *accomplishments* porque apresentam apenas o ponto de culminância, sem uma fase preparatória. Quando apresentadas no *simple past*, as sentenças com verbos *achievements* ocupam a parte II da estrutura (31), o ponto de culminância, devendo ser classificadas como um evento e.

(33) Mary won the marathon.

Maria venceu a maratona

⁸ Não nos ocuparemos de sentenças no *present perfect*.

(34) Mary died.

Maria morreu

Conforme vimos acima, a forma progressiva de um *accomplishment* no passado (cf. (32)) refere-se apenas a uma parte do esquema aspectual da sentença correspondente na forma simples (cf. (30)): parte I e parte I+II, respectivamente. No caso dos *achievements*, não obstante, as formas progressivas (cf. (35) e (36)) referem-se a episódios que não estão incluídos naqueles descritos pelo passado simples dos respectivos verbos (cf. (33) e (34)). Um verbo *achievement*, quando apresentado na progressiva, passa a ocupar a parte I do esquema (31), mas denota uma eventualidade cuja natureza não corresponde àquela denotada pelo *achievement* quando apresentado na forma simples no passado. Assim, dizer que alguém 'venceu a maratona' ou 'morreu' não implica na existência de uma fase preparatória na qual a pessoa 'estava vencendo a maratona' ou 'estava morrendo'.

(35) Mary was winning the marathon

Maria estava vencendo a maratona

(36) Mary was dying

Maria estava morrendo

Diferenças à parte, tanto um verbo *accomplishment* quanto um verbo *achievement* apresenta ponto de culminância intrínseco⁹, e quando este ponto é alcançado, o evento chega à sua conclusão. No esquema de Kamp & Reyle, *accomplishments* e *achievements* apresentados no *simple past* denotam eventos e, porque ocupam a parte II do esquema (31).

Os estados e as atividades (cf. (37) e (38)), por outro lado, não apresentam ponto de culminância quando apresentados no passado simples.

(37) Mary trusted John.

Maria confiou em João

⁹ No caso do *achievement*, só o que existe é o 'ponto de culminância', o que pode tornar o termo meio estranho.

(38) Mary walked.

Maria caminhou

Não havendo ponto de culminância, não há separação intrínseca entre dois períodos distintos. Sendo assim, devemos reformular o esquema de representação apresentado em (31) para podermos representar os estados:

(39) estado

Para Kamp & Reyle, a forma progressiva seleciona um período (fase) que conduz ao ponto de culminância (mas não o inclui). Assim, somente aqueles verbos cujo esquema aspectual apresenta um ponto de culminância podem ser apresentados na forma progressiva. Os verbos (*accomplishment* e *achievements*) que se interpretam segundo o esquema (31) podem ser apresentados na forma progressiva, enquanto que os verbos (estados) que se interpretam segundo o esquema (39) não podem.¹⁰

Os verbos de atividade se assemelham aos verbos estativos por não apresentarem um ponto de culminância (término) natural para as eventualidades que descrevem; mas, por outro lado, ao contrário dos estados, permitem a forma progressiva. Os verbos de atividade não somente podem ser usados na forma progressiva, como, muitas vezes, a exigem. A sentença (40), segundo Kamp & Reyle (p. 563), deixa claro que, muitas vezes, a forma progressiva é exigida pelo verbo de ação.¹¹

(40) i. *Yesterday morning at 10 Mary walked

Ontem de manhã, às 10 horas, Mary andou.

ii. Yesterday morning at 10 Mary was walking

Ontem de manhã, às 10 horas, Mary estava andando.

¹⁰ Esta classificação é problemática pois existem verbos de estado, como 'being' que podem ser usados no progressivo. Voltaremos a este ponto mais adiante.

¹¹ Parece haver contextos em que (40.i.) é aceitável. Considere-se o contexto em que Mary recomeça a andar, depois de muito tempo acamada. A interpretação incoativa, neste caso, parece pertinente.

O verbo de atividade não é capaz de introduzir um novo evento no discurso, mas pode ser usado para redescrever um evento, uma vez que este já tenha sido introduzido no discurso. O verbo de atividade não é capaz de introduzir um ponto final (*culmination point*) por si só. Por isso, (41) só é aceitável em contextos específicos.

(41) Yesterday Mary walked.

Ontem Mary andou

(41') Most days Mary got a lift from Fred in order to go to work. But yesterday was different. Yesterday she walked

Na maioria dos dias Mary conseguiu uma carona de Fred para ir para o trabalho. Mas ontem foi diferente. Ontem ela caminhou

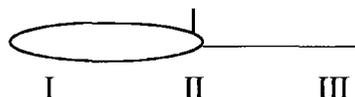
No contexto (41'), um evento *e*, i.e. Mary ir para o trabalho, já havia sido introduzido pelo contexto. O verbo de ação 'walk' (caminhar) não introduz um novo evento: apenas apresenta uma nova descrição de um evento já citado.

Para Kamp & Reyle, os verbos de atividade, no passado simples, conduzem a um ponto de término do episódio; não obstante, são incapazes de prover este ponto, que deve ser introduzido por um outro constituinte da sentença ou pelo contexto. Neste sentido, os verbos de atividade diferem dos verbos de estado. Esta análise, segundo Kamp & Reyle, sugere que usemos o esquema (31), dos *accomplishments* e *achievements* na interpretação dos verbos de atividade. As atividades, assim como os *accomplishments*, ocupam partes I e II. Não obstante, uma vez que não são capazes de prover a parte II por si próprios, esta parte tem que ser suprida externamente. Caso contrário, o uso da forma simples não é feliz. Assim, dependendo dos constituintes presentes na sentença e do tempo gramatical utilizado, um verbo de atividade poderá ser classificado como um evento *e* ou como um estado *s*.

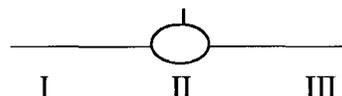
A diferença entre *accomplishments*, *achievements* e atividades pode ser reduzida à resposta que cada classe dá às seguintes perguntas: (i) os episódios descritos pelas sentenças no passado simples incluem a parte I ? (a resposta será sim, para os *accomplishments* e as atividades, e não, para os *achievements*); (ii) a parte II é provida pelo verbo ou tem que ser suprida de outra forma ? (a parte II é suprida pelos *accomplishments* e *achievements*, e não é suprida pelas atividades).

Kamp & Reyle fazem uso do esquema (42) para indicar qual parte, ou partes, do esquema (31) é ocupada por cada classe de verbo no *simple past*. Note-se que as atividades não apresentam o círculo, indicando que, a menos que algum ponto de culminância seja provido de alguma outra forma, o uso na forma simples não é feliz.

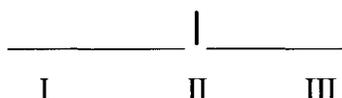
(42) (i) Verbos *accomplishment*



(ii) Verbos *achievement*



(iii) Verbos de atividade



Geralmente, as classes de verbos, como as quatro classes descritas por Vendler, são conhecidas como *Aktionsarten*. De acordo com o tratamento dispensado às classes verbais neste trabalho, o *Aktionsarten* é um conjunto de propriedades aspectuais que diz respeito a (i) o esquema aspectual básico para a classe, i.e. a quais partes do esquema a classe faz referência; (ii) se o verbo apresenta um ponto de culminância ou não, e (iii) se, nos casos em que o verbo apresenta um ponto de culminância, os episódios descritos por sentenças no *simple past* incluem um período que conduz ao ponto de culminância. Se o esquema for o de verbos estativos, as distinções (ii) e (iii) não são pertinentes; se o esquema for de um verbo não estativo, apenas três das quatro combinações possíveis dos valores dos traços (ii) e (iii) são possíveis.

Esquemas como o (31), (39) e (42 i-iii), além de nos mostrar algo sobre a estrutura das eventualidades descritas por certas ocorrências 'básicas' dos verbos, nos informam o que acontece quando o verbo é posto no progressivo. Kamp & Reyle definem o efeito semântico do progressivo conforme segue:

(43) As eventualidades descritas pelas formas progressivas de um verbo ν são do tipo que é representado pela parte do esquema correspondente ao *Aktionsarten* de ν que termina em, mas não inclui, o ponto de culminância. (p.566)

Quando aplicado ao esquema (42), (43) retorna, para cada caso, um tipo de eventualidade definido como sendo a parte I do esquema. No caso do esquema (39), que representa um estado, a aplicação não é possível por não haver ponto de culminância. Daí a impossibilidade de verbos estativos aceitarem formas progressivas.

O *aktionsarten* foi apresentado anteriormente como sendo um modo de classificação do verbo. Isto deve ser modificado, uma vez que outros elementos da sentença podem transformar o aspecto verbal. Parece que devemos estender esta classificação a unidades sintáticas maiores, como a locução verbal (verbal phrase) ou até mesmo à sentença como um todo. O problema maior para a teoria do aspecto será determinar como as características aspectuais de sentenças complexas são determinadas pelas características de suas partes.

Existe no inglês dois operadores aspectuais: o progressivo e o perfeito. As sentenças que são apresentadas no tempo perfeito, como 'Mary has met the president', são analisadas na DRT como um estado s , resultado da ocorrência de um evento e , do tipo descrito pela VP. Ou seja, o estado de 'Mary ter conhecido o presidente' é resultado de um evento ocorrido no qual 'Mary conheceu o presidente'. Neste tipo de análise o s começa exatamente no momento em que e termina. Esta relação é representada na DRS como ' $e \supset c s$ '.

Ocupar-no-emos, no presente trabalho, apenas do modificador aspectual progressivo, formalizado na DRT através do operador PROG¹². Não nos ocuparemos das sentenças no tempo perfeito, tampouco de sua representação. A pequena exposição que fizemos acima foi apenas à guisa de introdução da relação ($e \supset c s$) à qual retornaremos daqui a pouco.

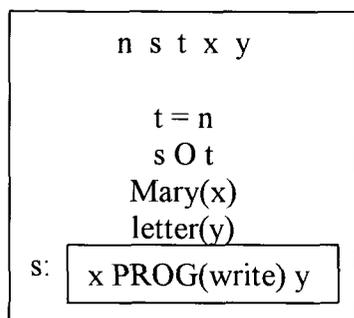
O progressivo é formalizado na DRS através do operador PROG: a aplicação deste operador ao SV simples resulta em sua forma progressiva correspondente. Assim, a DRS de (44) ficaria conforme (45).

(44) Mary is writing a letter.

Mary está escrevendo uma carta

¹² Kamp & Reyle não apresenta uma análise semântica deste operador. (cf. p. 576)

(45)



Note-se que a condição **x PROG(write) y** usada para caracterizar o estado **s**, simplesmente estabelece que **x** e **y** se encontram numa determinada relação obtida quando se aplica o operador **PROG** à **write**. Não há nada que esclareça a conexão entre a relação **write** e **PROG(write)**.

Por último, a DRS acima introduz um referente do discurso **y**, representando a SN 'a letter', e a condição 'letter(y)' para identificar o referente **y**, fora do escopo do operador **PROG**, deixando que **PROG** opere somente sobre o verbo.

3.4. Perspectiva temporal

A noção de 'tempo de referência', introduzida por Reichenbach (1947), foi uma grande contribuição para a semântica do tempo gramatical e aspecto. Segundo esta perspectiva, tempos gramaticais como o 'past perfect' podem ser analisados como pares de relações temporais: uma entre o momento da fala e o tempo de referência - tempo intermediário entre a eventualidade e o momento da fala e que é relevante para o discurso -, e uma outra entre o tempo de referência e a eventualidade descrita. A teoria de Reichenbach, não obstante o valor que lhe é devido, é muitas vezes chamada de bi-dimencional porque pretende tratar todos os tempos gramaticais como sendo a expressão de um par de relações temporais. Conforme vimos (cf. 2.2; 2.3), este tipo de análise é problemática porque carece de mais 'tempos de referência'.

Reichenbach partiu, a princípio, da análise de seqüência de sentenças, relacionando o tempo de referência ao momento da fala, para em seguida relacionar o mesmo tempo de referência à eventualidade descrita. Em (46), uma sentença no pretérito perfeito é precedida por uma sentença no passado simples. A função do pretérito perfeito, em casos como esse, é, segundo Reichenbach, indicar que o evento ou estado descrito se situa no passado de algum outro ponto que, por sua vez, se situa antes do momento da

fala. Reichenbach se refere a este tempo (ponto) intermediário - indicado no caso de (46) pelo advérbio 'at 10' - situado entre o momento da fala e a eventualidade descrita, como 'tempo de referência'.

(46) Fred arrived at 10. He had set off at 6.

Fred chegou às 10. Ele tinha partido às 6

Kamp & Reyle seguem a proposta de Reichenbach, mas não sem ressalva. A análise, por exemplo, de *flashbacks* estendidos (*extended flashbacks*), como em (47), não é passível de interpretação lançando-se mão de um sistema que apresenta apenas um ponto de referência, como o de Reichenbach. É certo que, no caso de (47), a primeira sentença deve estabelecer o tempo de referência para a interpretação das demais sentenças. Não obstante, ignorara-se a seqüência (progressão) da narrativa, onde cada sentença estabelece um tempo de referência para a sentença que a segue. A eventualidade descrita pela sentença consecutiva deve seguir ou se sobrepor a este tempo. Faz-se necessária a presença de dois tempos (pontos) de referência: um ponto fixo, para a interpretação do tempo gramatical, e um outro ponto que muda (não necessariamente) de uma sentença para outra ao longo da narrativa.

(47) Fred arrived at 10. He had got up at 5; and he had left the house at 6.

Fred chegou às 10. Ele tinha acordado às 5; e ele tinha saído de casa às 6

Dissemos acima (cf. p. 141) que a noção de ponto de referência introduzida por Reichenbach, necessária à interpretação de sentenças como (18) *A man entered the White Hart. He was wearing a black jacket. Bill served him a beer.* (p. 140), deveria ser representada na DRS pela condição " $Rpt : = \alpha$ " (cf. (20)). Não obstante, na representação de Kamp & Reyle, faz-se necessária a introdução de duas noções de 'ponto de referência': um ponto de referência para a interpretação temporal da sentença, e um outro para determinar a progressão da narrativa.

É mister que se faça distinção entre os dois conceitos de ponto de referência citados acima e que sejam estabelecidas nomenclaturas distintas para cada um deles. A partir daqui, Kamp & Reyle fazem uso do termo TPpt (*Temporal Perspective point*) para se referir ao tempo de referência consoante a análise bi-dimensional do *past perfect*

proposta por Reichenbach: o ponto de onde a eventualidade descrita no pretérito perfeito é vista como passado; e Rpt (*Reference point*) para se referir ao tempo que estabelece a progressão da narrativa. Este ponto deve ser estabelecido novamente a cada nova sentença introduzida na DRS, exceto nos casos em que a sentença descreve um estado. Ambas as condições, "TPpt := α " e "Rpt := α ", são necessárias à interpretação da sentença, não obstante, devem ser eliminadas após o processamento total da sentença à qual se referem. A escolha do TPpt e do Rpt constitui o primeiro passo para o processamento de uma sentença.

Seguindo a teoria bi-dimensional de Reichenbach, para interpretar a sentença temporalmente vamos precisar de duas representações temporais, que expressem as seguintes relações: (i) a relação entre o TPpt e o momento da fala, (ii) a relação entre a localização da eventualidade descrita e o TPpt. A relação (i) pode ter dois valores: +PAST, se localizar o TPpt antes do momento da fala; e -PAST, se TPpt e o momento do enunciado coincidirem.¹³ A relação (ii) localiza a eventualidade em relação ao TPpt, não informando nada sobre a localização da eventualidade com relação ao momento do enunciado. Estas duas relações juntas constituirão o tempo gramatical da sentença.

A DRS apresentada até aqui deve sofrer algumas modificações em sua representação do tempo gramatical. A partir de agora, a escolha de um TPpt adequado - com o qual o tempo de localização se relacionará, estabelecendo o tempo gramatical, deverá fazer parte do processamento de cada sentença.

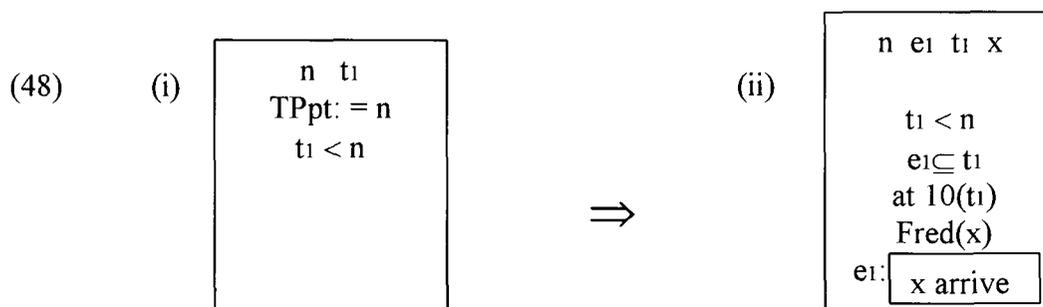
A única diferença entre as estruturas que apresentaremos a seguir e as anteriores consiste na introdução do traço TP (*Temporal Perspective*) no conjunto associado à sentença. Este traço corresponde à noção de tempo de referência introduzida por Reichenbach. Conforme vimos acima, o primeiro passo para a construção das DRSs envolve a escolha de um TPpt adequado. No caso da primeira sentença de (47), a escolha é trivial: uma vez que o verbo da mesma apresenta o valor -PAST para o traço TP, TPpt deve ser identificado com **n**, o momento da fala.¹⁴ A diferença formal entre a análise de agora e a anterior reside no fato de primeiro se relacionar o tempo de localização t_1 com o TPpt escolhido, e não diretamente com o momento da fala,

¹³ Para Kamp & Reyle, não há evidência o suficiente para suportar a existência de TPpts no futuro. Nem mesmo para o futuro perfeito. (cf. p.600)

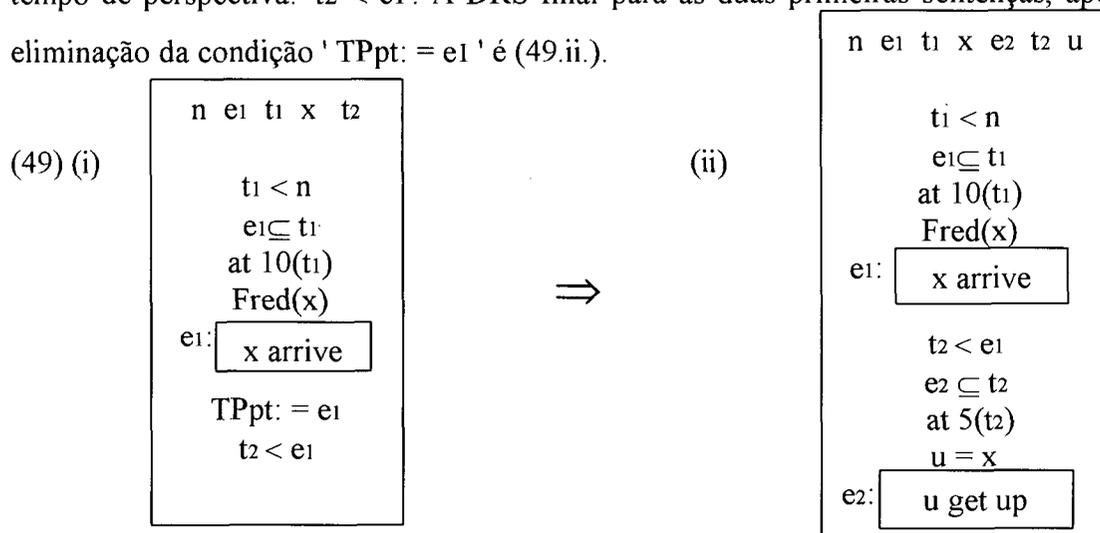
¹⁴ Em Reichenbach (1966, 290), o tempo de referência **R** para o *simple past* (*simple* e *extended*) localiza-se no passado com relação ao momento da fala **S**.

conforme fazíamos anteriormente. Não obstante, o resultado final é o mesmo (cf. (48.i)).

Conforme dissemos acima, condições do tipo 'TPpt: = α ' são como condições 'Rpt: = α ': são necessárias à interpretação da sentença, mas devem ser eliminadas assim que a sentença tenha sido interpretada por completo. Sendo assim, a DRS final para a sentença 'Fred arrived at 10', após a eliminação do TPpt, ficaria conforme (48.ii). O restante do processo é idêntico ao processo de construção que temos visto até aqui.

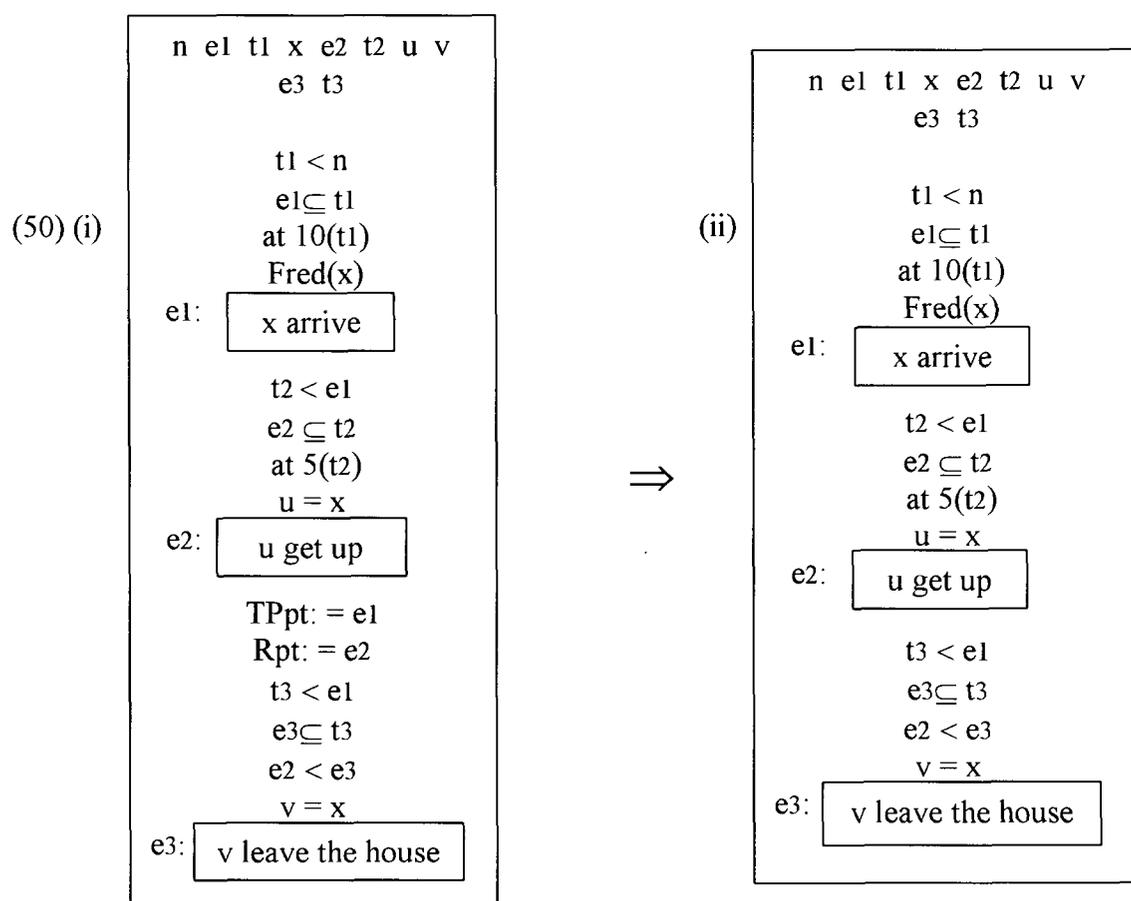


A interpretação da segunda sentença de (47) *He had got up at 5* é mais instrutiva, uma vez que implica na escolha de um TPpt diferente de n (cf. (49.i)). Vimos que, no caso do *past perfect*, a localização da eventualidade descrita é anterior a um ponto cuja localização, por sua vez, é anterior ao momento da fala: é um passado no passado. Este ponto que se encontra entre a eventualidade e o momento da fala é, nos termos de Reichenbach, o ponto de referência e , na terminologia de Kamp & Reyle, é formalizado como TPpt (ponto de perspectiva temporal). No nosso caso, este ponto será o mesmo em que o evento expresso pela primeira sentença de (47) acontece: 'TPpt: = e_1 '. Em seguida relacionamos o tempo t_2 , tempo ocupado pelo segundo evento, com esse tempo de perspectiva: ' $t_2 < e_1$ '. A DRS final para as duas primeiras sentenças, após a eliminação da condição 'TPpt: = e_1 ' é (49.ii).



Uma vez que a terceira sentença faz parte do mesmo *flashback* no qual a segunda sentença está envolvida, o TPpt adequado para sua interpretação será o mesmo da segunda sentença: ' TPpt: = e1 ' (cf.(42 i.)).¹⁵ O evento da terceira sentença, e3, se localiza no passado em relação ao TPpt: e3 < e1. Outrossim, desta vez existe a possibilidade de escolhermos um Rpt do contexto, o referente do discurso representado por e2. Este representante do discurso, formalizado como ' Rpt: = e2 ', indicará a seqüência no tempo da narrativa. É preciso que explicitemos estas duas condições na construção da próxima DRS.

A DRS (50i.) é o resultado final da interpretação das três primeiras sentenças de (47), exceto pela presença das condições 'TPpt: = e1 ' e ' Rpt: = e2 ', necessárias à interpretação da terceira sentença da seqüência (47), e que devem ser eliminadas posteriormente. A DRS final para as três primeiras sentenças de (47), após a eliminação dessas condições, é apresentada em (50 ii.).



¹⁵ Caso a terceira sentença constituísse um segundo *flashback*, seu TPpt teria sido o evento introduzido pela segunda sentença.

CAPÍTULO IV

UMA PROPOSTA PARA A ANÁLISE DO PORTUGUÊS

4.1. Introdução

Até agora, temos tratado das formas progressivas da língua inglesa. Nenhum paralelo foi traçado no que tange às semelhanças e diferenças dos significados entre o inglês e o português. Entretanto, devido às peculiaridades presentes na estrutura e funcionamento de cada língua natural, não é possível transportarmos as estruturas de representação do discurso (DRSs) do inglês para o português sem que ajustes sejam feitos. Não nos é possível - dada a limitação de tempo e espaço, bem como a complexidade do assunto - investigar todas as diferenças, que resultariam nos ajustes desejados. Pretendemos, todavia, prestar nossa contribuição analisando uma particularidade da língua portuguesa que não encontra paralelo na língua inglesa. Esta particularidade diz respeito às duas possibilidades de construção das formas progressivas no tempo passado no português (cf. (01) e (02)).

(01) João estava viajando.

(02) João esteve viajando.

As duas sentenças acima apresentam o mesmo tempo: ambas estão no passado. Ainda, ambas apresentam forma progressiva. Não obstante, o significado da sentença (01) e (02) não são totalmente idênticos. É nosso objetivo, neste capítulo, inquirir sobre a diferença de significado de sentenças como (01) e (02), assim como elaborar DRSs que possam representar essa diferença.

Vimos que, na DRT, as sentenças são classificadas em dois grandes grupos: estados e eventos. Os estados não expressam mudança. Afirmar que um determinado estado se estende por um período i significa afirmar que alguma condição permanece em vigor pela duração do período i . Os eventos, por outro lado, parecem implicar que alguma condição que tem início quando o evento tem início é levada a cabo pelo evento e substituída por uma outra condição oposta a ela. Enquanto os estados envolvem a

continuação de alguma condição, os eventos envolvem o fim de alguma condição para o início de uma outra. Assim, os eventos devem ser mostrados em sua totalidade, enquanto que os estados devem fazer menção à estrutura interna da eventualidade.

Vimos que as classes aspectuais de *accomplishment* e *achievement* implicam em transformação. Quando um *accomplishment*, como escrever uma carta, ou *achievement*, como morrer, se realiza, ele traz um novo estado de coisas à realidade. Por isso, existe um momento em que se pode afirmar que uma carta está pronta, ou que determinada pessoa está realmente morta. Este momento, diferente de todos os outros momentos do mesmo intervalo, deve estar contido no intervalo de tempo (ou momento, no caso do *achievement*) ocupado por um *accomplishment*. Por isso, estas classes são ditas heterogêneas e devem ser apresentadas em sua totalidade para que realmente se cumpram. Elas devem ser apresentados de modo perfectivo.

As atividades e os estados, por outro lado, são constituídos de subintervalos que apresentam a mesma natureza do intervalo inteiro. São classes homogêneas e, por isso, são normalmente apresentadas de modo parcial, ou como 'em andamento', quer dizer, com aspecto imperfectivo.

Não obstante, os verbos do português possuem duas formas para o tempo passado: perfectiva e imperfectiva. Por isso, os estados e atividades podem ser apresentados de uma forma ou de outra, sem que seja necessário o acréscimo de advérbios ou perífrases que restrinjam o intervalo de tempo. Dada essa possibilidade para o português, podemos gramaticalizar a perfectividade de um estado, nos termos de Kamp & Reyle, na flexão do verbo.

Os estados, ao contrário dos eventos, não aceitam, ou aceitam apenas de modo marginal, as construções progressivas. Isso se deve ao fato das formas progressivas servirem exatamente para fazer referência à estrutura interna da eventualidade. Se um estado já apresenta tal característica, i.e. a de mostrar a eventualidade 'do lado de dentro', o uso de da forma progressiva é desnecessário, ou mesmo redundante.

Deve-se ter claro que a classe denotada pelo termo 'estado' é mais abrangente que a classe 'estado' relativa a uma das quatro classes aspectuais de Vendler. A classe estativa de Kamp & Reyle inclui, além de verbos estativos, as formas progressivas e as atividades. Kamp & Reyle lançam mão do conceito de homogeneidade para justificar sua classificação.

Nos termos de Godoy (1992), o aspecto de uma proposição pode ser perfectivo ou imperfectivo, resultado da relação de inclusão entre o tempo do evento (TE) e o tempo de referência (TR). No caso do inglês, a forma progressiva apresentará sempre o aspecto imperfectivo, não podendo ser restringida. No caso do português, a forma progressiva também apresentará normalmente aspecto imperfectivo. Não obstante, é nosso intuito mostrar que o progressivo do português pode ser restringido.

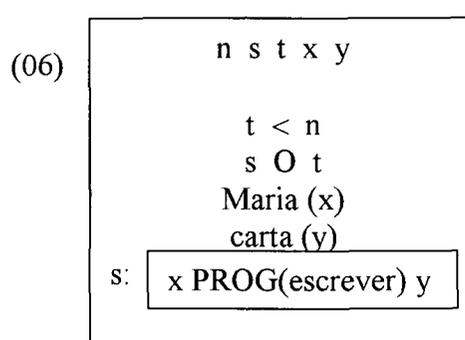
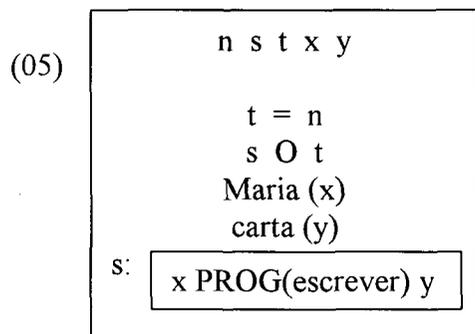
A análise que desenvolveremos está baseada na noção de inclusão proposta por Godoy (1992). Seguindo Godoy - após a simplificação por nós sugerida¹ -, podemos relacionar o tempo de referência com o tempo do enunciado de duas maneiras: o tempo de referência pode (i) conter, ou (ii) pode estar contido no tempo do enunciado. Estas relações resultariam no aspecto perfectivo e imperfectivo, respectivamente. É fazendo uso desta noção que pretendemos estabelecer a diferença de sentenças como (01) e (02). A diferença aspectual entre sentenças como (01) 'João estava viajando' e (02) 'João esteve viajando' é resultado da relação entre o tempo de duração da eventualidade – TE, nos termos de Godoy (representado na DRS por 's' ou 'e'), com o seu respectivo TR (representado na DRS por 't').

4.2. Peculiaridades do português

Conforme vimos no capítulo anterior, as sentenças na forma progressiva são representadas, na DRT, como estados s.

(03) Maria está escrevendo uma carta.

(04) Maria estava escrevendo uma carta.



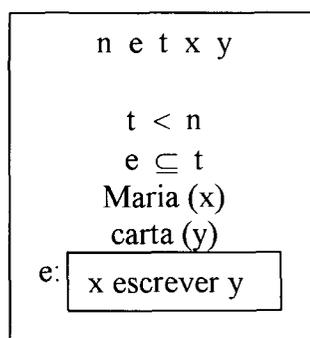
¹ A proposta original de Godoy (1992) apresenta quatro possibilidades de relação do tempo de referência com o tempo do evento (cf. (1.7)); a nossa proposta apresenta duas: \supset (cotém) e \subset (está contido).

Nos casos (03) e (04), as sentenças, por estarem na forma progressiva, são representadas, em (05) e (06), como estados, indicados pelo referente *s*. O tempo de referência de um estado, por definição, se sobrepõe ao espaço de tempo ocupado pela eventualidade². Esta relação de sobreposição (*overlap*) é representada, em (05) e (06) pelo símbolo **O**. A única diferença entre as duas sentenças acima é a relação que cada uma delas estabelece entre *t* e *n*. O tempo gramatical de (03) é o presente, então o tempo de referência é igual ao momento da fala: $t = n$, (cf. (05)). O tempo gramatical de (04) é passado: o tempo de referência é anterior ao momento da fala: $t < n$, (cf. (06)).

Dissemos no início deste capítulo que a língua portuguesa, ao contrário do inglês, apresenta duas possibilidades para a construção de formas progressivas no passado (cf. (01) 'João estava viajando' e (02) 'João esteve viajando'). Esta distinção não se aplica somente às formas progressivas, mas também às formas simples.(cf. (07) e (09)). Aliás, parece se originar delas.

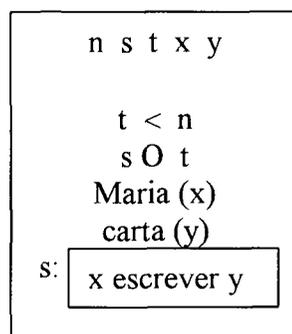
(07) Maria escreveu uma carta.

(08)



(09) Maria escrevia uma carta.

(10)



As formas simples de verbos como 'falei', 'cantei', 'morri', 'estive' denotam situações completas ou acabadas: situações perfectivas. As outras formas simples dos

² Godoy (1992) não classifica as formas progressivas como estado. Ainda, para Godoy, o estado pode apresentar quatro tipos de relação com seu TR. A relação de *overlap*, simplesmente, formalizada na DRS por **O**, parece ser mais vaga, e despreza a possibilidade de um estado *s* fazer parte de uma seqüência.

mesmos verbos, 'falava', 'cantava', 'morria', 'estava', por outro lado, apresentam a situação como incompleta, ou em andamento, quer dizer, de modo imperfectivo.

A existência de duas formas simples para os verbos do português no tempo passado - uma perfectiva e outra imperfectiva - nos possibilita a elaboração de sentenças como (07), que denota uma ação acabada, perfectiva, e (09), onde a situação é vista como inacabada ou 'em andamento', i.e. imperfectiva.

A sentença (07) denota um evento. Um evento deve sempre estar contido em seu tempode referência. Esta relação será representada na DRS por ' $e \subseteq t$ ' (cf. (08)). A sentença (09), por sua vez, expressa uma ação inacabada, incompleta, e por isso não pode pertencer à classe dos eventos. Ela deve ser representada pelo referente 's', que denota um estado. Conforme vimos, a relação do estado com seu tempo de referência é de sobreposição, e deve ser representada na DRS por ' $s \text{ O } t$ ' (cf. (10))

Quando elaboramos sentenças progressivas em língua portuguesa no tempo passado, temos a possibilidade de construir a perífrase progressiva 'estar verbo+ndo' com uma forma auxiliar imperfectiva, 'estava verbo+ndo', ou com uma forma auxiliar perfectiva: 'esteve verbo+ndo'. No primeiro caso, a sentença progressiva recebe a interpretação que mais se assemelha àquela da língua inglesa: uma eventualidade incompleta, ou em andamento, que deve ser representada por 's'. A sentença faz referência a um intervalo contido em um intervalo maior e indeterminado. No segundo caso, é nosso objetivo argumentar que a sentença também faz referência a um intervalo de tempo, não obstante, esse intervalo de tempo é determinado, i.e. restringido pelo auxiliar perfectivo 'esteve'. Neste caso, a sentença também será representada como um estado s, todavia, conforme veremos adiante, a relação entre a eventualidade e seu tempo de referência não será a mesma.

A DRT, apesar de poder ser aplicada a outras línguas, a princípio foi utilizada por Kamp & Reyle (1993) para a representação do inglês. Uma vez que não existe duas formas (simples ou progressivas) - perfectiva e imperfectiva - para verbos no tempo passado em inglês, a diferença entre as formas do português não podem ser representadas na DRS sem que alguma alteração seja feita,. Nosso objetivo neste capítulo é acomodar sentenças como (09) na representação da DRS. Para isso, precisaremos reformular a representação dos estados na DRS - até então representados por ' $s \text{ O } t$ ' - para possibilitar a representação de sentenças como (02) e (11). É nossa

esperança apresentar uma proposta razoável para a representação destas sentenças do português.

(02) João esteve viajando.

(11) Maria esteve escrevendo uma carta.

Alguns verbos (ou sintagmas verbais) apresentam a propriedade de tenderem a um fim natural, enquanto que outros verbos não. Esta propriedade pode se prestar à distinção entre estados e eventos (cf. Chafe, 1970). Quando um verbo tende a um fim natural, como 'escrever uma carta', 'morrer', 'caminhar até o mercado', diz-se que o verbo apresenta a propriedade da telicidade. Para nós a noção de 'tender a um fim', além de muito vaga, induz ao paradoxo do imperfectivo, por isso abandonamos a noção de telicidade.

Manteremos a noção de 'propriedade-EP' (End-Points). Esta propriedade é inerente aos *accomplishments* e *achievements*, ou seja, aos eventos, nos termos de Kamp & Reyle. Estas classes aspectuais devem necessariamente apresentar pontas, i.e. a 'propriedade EP'. Os estados e atividades, por outro lado, não acarretam a existência dos EPs, mas, ao mesmo tempo, também não acarretam a ausência obrigatória desses EPs: são flexíveis a esse respeito. Portanto, não existe uma classe aspectual que implique [-EP] (cf. Godoy 1992, 239). Assim, ao menos no que diz respeito ao português, uma sentença na forma progressiva, classificada por Kamp & Reyle como um estado e representada na DRS por um estado *s*, pode ser restringida, passando a apresentar aspecto perfectivo.

A sentença (07) 'Maria escreveu uma carta' tem pontas (EPs), ao passo que (09) 'Maria escrevia uma carta' não as tem. Ambas apresentam formas verbais simples. Não obstante, dada a possibilidade de gramaticalização do aspecto na flexão do verbo em português, elas diferem quanto ao aspecto: (07) é perfectiva e (09) é imperfectiva.

No caso de (11) 'Maria esteve escrevendo uma carta', ao contrário de (04) 'Maria estava escrevendo uma carta', a forma progressiva é apresentada de modo restringido, com pontas. A forma progressiva está dentro do escopo do auxiliar 'esteve'. Este auxiliar apresenta um caráter perfectivo cujo escopo abrange todo o argumento do verbo. O resultado, apesar da forma progressiva, é um aspecto perfectivo. Se trocarmos 'esteve'

por 'estava' (cf. (04) 'Maria estava escrevendo uma carta.') a imperfectividade se mantém.

Quando os estados e atividades apresentam EPs, eles podem aparecer na seqüência do discurso, da mesma maneira que os *accomplishments* e *achievements*. (cf. Godoy 1992, 200) No caso da forma progressiva do português, no passado, o auxiliar 'estive' atribui pontas à proposição progressiva, a princípio imperfectiva, possibilitando que ela mova o tempo da narrativa para frente.

Quando atentamos para sentenças como (12) e (13), percebemos que em (12), no momento da minha chegada, havia um indivíduo chamado Maria que estava trabalhando; enquanto que em (13) Maria já tinha trabalhado, e não estava mais presente no momento da minha chegada. Isso se dá porque em (12) a sentença 'Maria estava trabalhando' é imperfectiva, incluindo, assim, o momento da minha chegada. A interpretação da segunda parte da sentença (13), por outro lado, não inclui o momento da minha chegada. Neste caso, eu cheguei, vamos dizer, no escritório e percebi, dado o estado das coisas, que Maria já havia trabalhado e, provavelmente, saído antes do momento da minha chegada. Ainda, eu poderia ter chegado em casa e percebido, pelo estado físico abatido e cansado de Maria, que ela 'estive trabalhando'. Devido à coerção exercida por 'estive', o estado expresso pela segunda sentença de (13) não pode incluir o evento expresso pela primeira sentença.

(12) Quando cheguei, percebi que Maria *estava* trabalhando.

(13) Quando cheguei, percebi que Maria *estive* trabalhando.

O fato da segunda parte da sentença (12) não apresentar 'pontas' faz com que seu TE inclua o evento expresso pela primeira parte da sentença. Isto é, o intervalo de tempo pelo qual 'Maria estava trabalhando' inclui o momento da minha chegada. A situação expressa pela forma progressiva na segunda sentença (S2) inclui o TR da primeira sentença (S1). No caso de (13), devido à coerção de 'estive', a segunda sentença estabelece um TR posterior ao da primeira sentença.

Em sentenças como (14) e (15), observa-se que, enquanto (14) parece fazer referência a uma única eventualidade, (15) parece fazer referência a várias eventualidades. Na sentença (14) as 'várias pessoas' estão presentes num único tempo e

espaço. Em (15), por outro lado, a interpretação mais intuitiva parece ser aquela segundo a qual João esteve conversando com os indivíduos que constituem o conjunto das 'várias pessoas' individualmente, ou com a presença parcial de seus membros.

(14) João estava conversando com várias pessoas.

(15) João esteve conversando com várias pessoas.

Se analisarmos as formas 'estava/estive' isoladamente, em construções como (16) e (17), percebemos que, no caso de (16), o TE da primeira oração, dado seu caráter imperfectivo, inclui o TR da segunda oração. No caso de (17), o TR da primeira sentença é interpretado como sendo posterior ao TR da segunda sentença: só depois que meu filho nasceu, eu o visitei na maternidade. O fato de 'estive' apresentar aspecto perfectivo restringe o TE da sentença, dando seqüência ao discurso.

(16) Eu estava na maternidade quando meu filho nasceu.

(17) Eu estive na maternidade quando meu filho nasceu.

Corroboramos nossa argumentação o fato de (17) poder ser substituída por uma sentença com aspecto perfectivo, como (18), sem que haja mudança de significado, ao menos neste contexto. Em (18), a seqüência do discurso é evidente: só depois que meu filho nasceu, eu fui à maternidade. Não parece que podemos fazer a mesma substituição com a sentença (16). Ainda que (18) não tenha exatamente o mesmo significado que (17), podemos afirmar que estas duas sentenças são intersubstituíveis em muitos contextos.

(18) Eu fui à maternidade quando meu filho nasceu.

4.3. Godoy e a DRT

Resguardadas as diferenças, parece possível fazer uma aproximação entre a proposta de Godoy (1992) e a teoria da representação do discurso (DRT), apresentada por Kamp & Reyle (1993), no sentido de formalizarmos uma representação para cada

uma das possibilidades de apresentação (perfectivo/imperfectivo) do progressivo em português.

Godoy argumenta que os eventos, i.e. *accomplishments* e *achievements*, devem ser apresentados em sua totalidade, de modo completo, por isso estarão sempre contidos em seus TRs. Quando inseridos numa seqüência do discurso, os eventos empurrarão o tempo da narrativa para a frente.

Os estados e atividades, por sua vez, geralmente contêm seus TRs, não aparecendo na seqüência do discurso. Não obstante, continua Godoy, pode haver casos em que um estado ou atividade adquira pontas, denotando aspecto perfectivo (cf. (19) e (20)).

(19) Ontem eu estava indisposto, só melhorei no final da tarde, depois de um comprimido.

(20) Ele estava correndo quando caiu.

Conforme vimos, as sentenças progressivas do português, no tempo passado, podem ser construídas com a forma auxiliar 'estava' ou 'esteve', que, juntamente com o gerúndio, constituirão o aspecto da sentença: imperfectivo (podendo ser restringido) e perfectivo, respectivamente.

As sentenças que apresentam situações de modo incompleto, parcial, são ditas imperfectivas. A situação expressa por sentenças desse tipo não apresenta pontas (EPs), e por isso não aparece na seqüência do discurso: seu tempo de referência (TR) está contido num intervalo de tempo maior pelo qual a eventualidade, (TE), se estende. Em (21) e (22) não há seqüência no discurso porque a segunda sentença apresenta aspecto imperfectivo³.

Consideramos que, ao menos neste caso⁴, o significado da sentença (21), na forma simples, e de (22), na forma progressiva, se equivalem.

(21) Quando ele chegou Maria fazia a janta.

(22) Quando ele chegou Maria estava fazendo a janta.

³ Vimos que a imperfectividade, em português, pode ser expressa por formas verbais simples.

⁴ Novas comparações serão feitas entre o uso da forma simples e da progressiva.

As sentenças que apresentam as situações em sua totalidade são classificadas como perfectivas. Sentenças deste tipo denotam uma situação com pontas. O intervalo de tempo pelo qual o evento se estende, e é concluído, está contido no intervalo que serve de tempo de referência para a interpretação da sentença, o que lhe garante um lugar na seqüência do discurso, na linha do tempo. (cf. (23) e (24))

(23) Quando João chegou, Maria esquentou o jantar.

(24) Quando João chegou, Maria assistiu televisão.

Se nossa análise para o português procede, então as sentenças progressivas formadas com o auxiliar 'estava' não devem aparecer na seqüência do discurso, uma vez que apresentam aspecto imperfectivo. Por outro lado, as sentenças formadas com o auxiliar 'esteve' devem empurrar o tempo da narrativa para a frente, dando seqüência ao discurso, porque apresentam aspecto perfectivo. Este estado de coisas parece se confirmar nas sentenças (25) e (26).

(25) João encontrou Maria e percebeu que ela estava fumando.

(26) João encontrou Maria e percebeu que ela esteve fumando.

No caso de (25), João provavelmente olhou para a mão de Maria e percebeu que ela segurava um cigarro aceso: ele estava fumando no momento em que João a encontrou. Já em (26), talvez seja o cheiro de cigarro na boca de Maria, ou o fato dela carregar um maço de cigarros no bolso, ou ainda, a mancha de nicotina em seus dedos, que denuncia a ação de Maria. No momento em que João a encontrou ela já tinha fumado o cigarro. Neste caso, a ação é apresentada em sua totalidade, de modo perfectivo, dando seqüência ao discurso.

Em nossa representação, tanto as sentenças constituídas por uma perífrase progressiva com o auxiliar 'estava' quanto aquelas formadas com 'esteve' serão classificadas como estados *s*, no sentido de Kamp & Reyle (1993), porque ambas as formas expressam situações homogêneas. Corrobora nosso ponto de vista a possibilidade de coocorrência dessas estruturas com advérbios do tipo 'durante', que se combinam bem com classes homogêneas, e a impossibilidade de coocorrência das

mesmas com advérbios do tipo 'em', que se combinam bem com classes heterogêneas, mas não com classes homogêneas. As sentenças (27)-(30) parecem nos dar suporte neste sentido.

(27) João estava trabalhando durante duas horas.

(28) João esteve trabalhando durante duas horas

(29) *João estava trabalhando em duas horas.

(30) *João esteve trabalhando em duas horas.

Conforme vimos, Reichenbach (1966) apresenta uma relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade entre o tempo do evento e o tempo de referência. A proposta de Godoy (1992), ao contrário da proposta de Reichenbach, apresenta uma relação de inclusão entre o tempo do evento (TE) e o tempo de referência (TR), podendo esta relação resultar em um aspecto perfectivo ou imperfectivo.

As línguas que gramaticalizam a distinção 'pretérito perfeito', 'pretérito imperfeito', como o português, apresentam obrigatoriamente a escolha entre 'conter seu TR' ou 'ser contido em seu TR'. O pretérito perfeito do português apresenta a situação como um evento, enquanto que as sentenças no pretérito imperfeito são obrigatoriamente atividades ou estados (que podem ser restringidos).

Os estados e atividades que adquirem EPs podem aparecer na seqüência do discurso, e empurrar a seqüência da narrativa para a frente. Para Dowty (1986, p.53), as atividades (assim como os estados) são normalmente interpretados como se estendendo para além de seus tempos de referência, se justapondo uns aos outros e aos *accomplishments* e *achievements*. Contudo, mesmo que, por definição, as atividades e os estados possam se estender para além de seu tempo de referência, a mesma definição não exige que seja obrigatoriamente assim. As sentenças (31) e (32) constituem casos em que essa interpretação, chamada por Dowty de inferência pragmática, é cancelada. A forma imperfectiva do estado é restringida pelo advérbio, adquirindo EP e, conseqüentemente, movendo a narrativa:

(31) O bebê estava tomando banho de sol, quando uma nuvem encobriu o sol.

(32) João estava assistindo televisão, quando a luz foi embora.

Para Godoy (1992), os estados e atividades podem ter quatro tipos de relações entre seu TRs e TEs. Como já observamos (cf. p. 160, nota 1), para atender aos propósitos do presente trabalho, i.e. estabelecer a diferença semântica do SV progressivo 'estive/estava verbo+ndo' e apurar o uso da forma imperfeita do passado simples, como cantava, falava, etc, simplificaremos as relações, mantendo, das quatro, apenas duas delas: TR contido em TE, e TE contido em TR.

Se nossa análise procede, então devemos classificar (33) e (34) como estados, dada sua homogeneidade: conforme demonstrado acima, ambas as sentenças se combinam bem com o advérbio 'durante'. Não obstante, (33) apresenta aspecto imperfectivo, como é comum à maioria dos estados; enquanto (34) apresenta aspecto perfectivo devido à restrição exercida pela forma auxiliar 'estive'. Assim, (33), ao contrário de (34), não deve aparecer na seqüência do discurso.(cf. (35) e (36))

(33) Ele estava em casa ontem.

(34) Ele esteve em casa ontem.

(35) *Ele estava em casa, no escritório e na igreja ontem.

(36) Eu estive em casa, no escritório e na igreja ontem.

Como em (35) não há seqüência do discurso, a interpretação da sentença fica prejudicada, uma vez que não é possível alguém estar em vários lugares ao mesmo tempo. Já em (36), temos uma seqüência de estados, propiciada pela restrição imposta pelo auxiliar 'estive'.

Assim, diferentemente do que afirma Godoy (1992, 191), as implicações seriam as seguintes:

(37) Eu estive em casa ontem → ~ Eu estou em casa hoje.

(38) Eu estava em casa ontem ~ → ~ Eu estou em casa hoje.

Nos termos de Hatav (1989), a diferença na inferência lógica pode ser representada por (39), onde E é um *accomplishment* ou *achievement* e S é um estado ou atividade:

- (39) $E \rightarrow EP$
 $S \sim \rightarrow \sim EP$

Hatav também admite a possibilidade de um estado apresentar a propriedade EP, diante à restrição do intervalo de tempo pelo qual um estado ou atividade se estende; um evento contudo *deve* necessariamente está contido em seu TR, i.e. *deve* apresentar a propriedade EP.

Estas duas formas verbais, 'estava' e 'esteve', quando integram uma construção progressiva mantêm as mesmas características aspectuais. Assim, é nosso propósito mostrar que (40), devido à forma progressiva e o aspecto imperfectivo da forma auxiliar 'estava', deve ser analisado do modo como um estado normalmente é analisado: com aspecto imperfectivo. A sentença (41), por sua vez, apesar de também apresentar forma progressiva, é restringida pelo auxiliar 'estive'. Devido a essa coerção, a sentença (41) apresenta aspecto final perfectivo. O aspecto perfectivo de 'estive' estabelece limites para a forma progressiva: atribui pontas à forma progressiva.

(40) Eu estava conversando com Pedro.

(41) Eu estive conversando com Pedro.

Em nossa análise, as sentenças do tipo (40), estados 's', devem conter seu TR e normalmente não aparecer na seqüência do discurso; enquanto que sentenças como (41) apresentam pontas, por isso não devem admitir inclusão do TR de uma outra sentença adjacente. (cf. (42) e (43)).

(42) Eu estava escrevendo uma carta, quando a caneta falhou.

(43) *Eu estive escrevendo uma carta, quando a caneta falhou.

Corroborando a nossa posição, a de analisar (41) como perfectiva, o fato da sentença em questão se combinar bem com uma outra sentença introduzida por 'quando' ou 'depois que', indicando o início de uma nova condição, e portanto o final da condição anterior (cf. (44) e (45)).

(44) Ele esteve conversando com Pedro quando (depois que) Pedro chegou.

(45) *Ele estava conversando com Pedro quando Pedro chegou.

No caso de (45), só é possível uma interpretação coerente se presumirmos que o interlocutor de Pedro chegou junto com Pedro. Neste caso, a ação já tinha começado antes de Pedro chegar.

No caso do português, vimos que existem duas possibilidades para a formação de sentenças progressivas no passado: 'estava verbo +ndo' ou 'esteve verbo+ndo'. A primeira possibilidade corresponderá àquela do inglês: '*was verb+ing*'. Sendo assim, as formas progressivas constituídas por 'estava' serão analisadas como as formas progressivas da língua inglesa foram analisadas: um estado com aspecto imperfectivo. As formas progressivas constituídas por 'esteve', por outro lado, apesar de também serem analisadas como estado, apresentarão aspecto perfectivo. A DRT apresentada por Kamp & Reyle não tem como representar esta distinção.

As sentenças estativas normalmente fazem referência a um ponto de um intervalo que não é o ponto inicial nem o ponto final do respectivo estado. Por isso esse ponto de referência está normalmente incluído num intervalo de tempo pelo qual o estado se estende. Essa relação de inclusão do tempo de referência no estado ao qual ele pertence deve ser indicado na DRS. Na notação da DRS, faz-se uso da notação '*s O t*', para representar a sobreposição (*overlap*) do estado com seu tempo de referência.

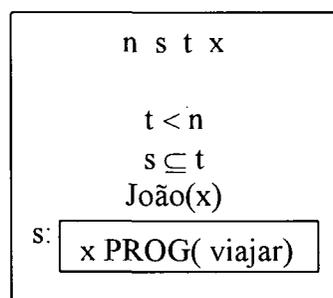
Nas formas progressivas do português constituídas por 'esteve' a notação deve indicar a restrição na duração do estado, que, apesar da forma progressiva, é apresentado em sua totalidade, com aspecto perfectivo. Note-se que a situação, apesar de restringida, continua sendo homogênea, conforme demonstrou o teste com os advérbios (cf. p. 167). Uma vez que o critério de classificação de Kamp & Reyle para os estados parece estar baseado no conceito de homogeneidade, temos motivos para manter o referente '*s*' para denotar uma sentença formada por 'esteve verbo+ndo', e introduziremos a notação ' $s \subseteq t$ ', para indicar que o estado está contido em seu tempo de referência, apresentando, por isso, aspecto perfectivo.

Dissemos acima que nosso objetivo final era construir DRSs que pudessem representar sentenças como (02) 'João esteve viajando' e (11) 'Maria esteve escrevendo uma carta'. Sentenças deste tipo constituem o que chamamos de 'Paradoxo do

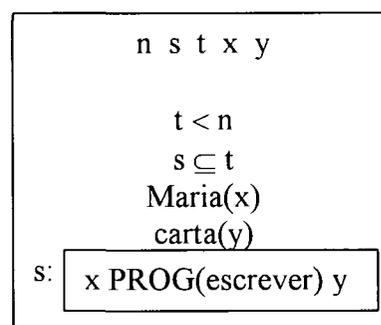
Progressivo Perfectivo', isto é, a possibilidade que se tem em português de apresentar uma proposição na forma progressiva, não obstante, de maneira completa, perfectiva.

Apresentaremos abaixo as DRSs que correspondem às sentenças (02) e (11). Note-se que se trocássemos 'estive' por 'estava', em ambas as sentenças, teríamos as mesmas DRSs (02') e (11'), exceto pela condição ' $s \subseteq t$ ' que seria, em ambos os casos, substituída pela condição ' $s \supseteq t$ ', para indicar a sobreposição do estado com seu tempo de referência. Vimos que nas construções progressivas com 'estive' o intervalo de tempo é restringido, portanto o estado é apresentado de modo perfectivo. Inspirados pela proposta de Godoy, cuja relação do tempo de referência com o tempo da eventualidade, ao contrário de Reichenbach, é de inclusão, sugerimos a formalização destas construções na DRS como ' $s \subseteq t$ '. O referente s para indicar que se trata de uma classe homogênea, o referente ' t ' para representar o tempo de referência, e a relação ' \subseteq ' para indicar que o estado está contido em (ou pode, no máximo, ter a mesma duração de) seu tempo de referência. O estado é apresentado de modo restringido, isto é, de modo perfectivo.

(02')



(11')



4.4. Habitualidade

A língua portuguesa apresenta uma outra peculiaridade, no que tange à aspectualidade dos verbos no passado simples, que o inglês não apresenta. No português, é possível indicar habitualidade sem lançar mão de termos adicionais ao verbo: como '*used to*', no inglês. O caráter habitual, portanto imperfectivo, das sentenças (46) e (47), por exemplo, é expresso na flexão do verbo.

(46) Maria dormia, quando sua mãe saía.

(47) Ele escrevia, quando a professora ditava.

Uma outra forma de expressar habitualidade no português é construir sentenças com formas progressivas imperfectivas (cf. (48) e (49)). Visto que as formas progressivas do português podem ser apresentadas de modo perfectivo, 'esteve verbo+ing', ou imperfectivo, 'estava verbo+ing', podemos usar a perífrase imperfectiva para expressar habitualidade.

(48) Ele estava tendo aulas de (estudando) inglês duas vezes por semana.

(49) Maria estava trabalhando à noite. (naquela época)

As duas formas de expressar habitualidade (simples e progressiva) apresentadas acima parecem ser intersubstituíveis nos casos (48) e (49), mas não em (46) e (47). Ainda, se atentarmos para outras ocorrências destas formas, percebemos que, ao menos quando usadas para indicar habitualidade, elas não são equivalentes em qualquer contexto. Quando tentamos inseri-las numa seqüência de orações, por exemplo, percebemos que as duas formas se comportam de maneiras distintas (cf. (50) e (51))

(50) Quando eu era criança, eu brincava no parque.

(51) # Quando eu era criança, eu estava brincando no parque.

A forma simples de (50) permite mais facilmente a leitura iterativa, enquanto que a forma progressiva, ao menos no caso de (51), não permite. A sentença em questão, 'eu estava brincando no parque', parece referir-se a uma única eventualidade que, é claro, não pode durar por todo 'quando eu era criança'. Se houvesse um outro evento inserido no intervalo de tempo expresso em (51), a sentença seria gramatical. Neste caso, estaríamos nos referindo a um ponto que está incluído no intervalo de tempo expresso pela forma progressiva. (cf. (52))

(52) Quando eu era criança, eu estava brincando no parque e rasguei a calça.

Do mesmo modo, quando comparamos a seqüência (53) à (54), percebemos que em (53) o discurso avança, a eventualidade descrita pela segunda sentença acontece

sempre depois da primeira: quando Maria já estava aborrecida, ela pintava um quadro, talvez para aliviar a tensão. No caso de (54), Maria se torna aborrecida durante o processo de pintar o quadro, podendo até mesmo ser este o motivo de seu aborrecimento.

(53) Sempre que Maria se aborrecia, ela pintava um quadro.

(54) Sempre que Maria se aborrecia, ela estava pintando um quadro.

Na segunda sentença da seqüência (53), a forma simples dá seqüência ao discurso, ou seja, primeiro Maria se aborrecia e só então ela pintava um quadro; enquanto que em (54) a perífrase progressiva denota um estado que inclui o estado denotado pela primeira sentença. Uma vez que o progressivo não pode se referir ao primeiro subintervalo de um intervalo, a segunda sentença de (54) deve englobar a primeira.

Se fosse possível comparar as duas formas em grau de imperfectividade, dir-se-ia que a forma simples é menos imperfectiva que a progressiva. Quando a sentença se refere a um único evento, as formas parecem ser intersubstituíveis, como em (55) e (57), onde o TR da segunda sentença está contido no TE da primeira. Contudo, quando a interpretação exige trazer à baila uma série de eventualidades, ou uma série da mesma eventualidade, como em (56) e (58), as duas formas obtêm interpretações distintas, no que tange à seqüência temporal dos fatos. Em (56), cada vez que o vigia chegava, ele já estava dormindo, enquanto que em (58) ele só dormia depois que o vigia chegava. É como se a forma simples apresentasse um operador 'começar a'. A forma simples, ao menos neste contexto, apresenta EP, é um incoativo: cada vez que o vigia chega, ele começa a dormir.

(55) Ele estava dormindo, quando o vigia chegou.

(56) Ele estava dormindo, quando o vigia chegava.

(57) Ele dormia, quando o vigia chegou.

(58) Ele dormia, quando o vigia chegava.

Para Dowty, uma sentença com significado incoativa deve ser analisada como um evento (Godoy 1992, 196). Por questões de simplificação, nós representaremos as

duas formas da mesma maneira, ignorando a diferença exposta acima. Ambas as formas serão representadas como estados imperfectivos: 's O t'.

Mas não é necessário que o verbo seja incoativo para que a diferença entre a relação estabelecida em (56) - inclusão do segundo evento no estado denotado pela primeira sentença da seqüência - e a relação estabelecida em (58) - anterioridade do evento descrito pela segunda sentença em relação à primeira - se apresente. Em (53), por exemplo, mesmo o verbo não sendo um incoativo, ele apresenta EP. O evento denotado pela segunda sentença, 'Maria pintar um quadro', sempre acontecia depois de Maria se aborrecer. Por outro lado, e conforme o que temos dito até aqui, em (54) a perífrase progressiva parece denotar um intervalo de tempo que abrange o intervalo de tempo denotado pela segunda sentença. Em outras palavras, em (54), Maria se aborrecia depois que estava pintando o quadro.

Apesar de só poder ocorrer em contextos mais restritos, vimos que as formas progressivas (e as simples) podem ser usadas para indicar habitualidade. Todavia, trouxemos a habitualidade à baila porque a mesma pode fazer parte do significado que uma proposição progressiva apresenta. Não obstante, o estudo do caráter habitual da expressão progressiva não parece lançar nenhuma luz sobre a diferença que nos propomos a tratar: aquela entre 'estava verbo+ndo' e 'esteve verbo+ndo'. Assim, não pretendemos nos prolongar mais nesta investigação.

Partindo da constatação de que o progressivo do português apresentava duas possibilidades para construção da perífrase progressiva no passado, 'estava verbo+ndo' e 'esteve verbo+ndo', apresentamos, no decorrer deste capítulo, uma proposta para a formalização da diferença aspectual (para nós a diferença deve ser tratada como aspectual) entre proposições que contenham essas estruturas. Sugerimos ainda uma reformulação das DRSs, construídas por Kamp & Reyle para a língua inglesa, para que pudéssemos representar as duas estruturas do português.

Uma vez que a classificação aspectual de Kamp & Reyle parece estar calcada no conceito de homogeneidade, achamos por bem representar ambas as estruturas por um estado s. Demonstramos, através do teste de coocorrência com determinados advérbios, que ambas as formas denotam situações homogêneas que se estendem por um intervalo de tempo (in)determinado. E, finalmente, inspirados em Godoy (1992) optamos por representar a constituição aspectual de sentenças cuja forma progressiva é construída com 'esteve' por 's \subseteq t'.

Concluimos este capítulo na esperança de termos dispensado um tratamento coerente para as duas perífrases progressivas do português, no passado. De certo que nossa análise não é exaustiva, tampouco conclusiva. Não obstante, acreditamos na pertinência dos argumentos aqui apresentados, bem como na validade de nossa proposta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final deste trabalho com a convicção de que o aspecto de uma sentença não se restringe aos limites de seu SV, mas extrapola os limites deste, e mesmo os limites da própria sentença. Por isso devemos fazer distinção entre classe aspectual e aspecto. Aquela diz respeito às classes de Vendler (ou alguma outra classificação que as tome como base). O aspecto da sentença, por sua vez, envolve a noção de classe aspectual, mas não se identifica com ela. O aspecto da sentença será resultado da interação entre a classe aspectual do SV e os outros componentes da sentença, como SNs e advérbios, assim como a forma (simples ou progressiva) em que a sentença é apresentada. Um mesmo SV pode ser apresentado de modo perfectivo ou imperfectivo, dependendo do contexto em que aparece.

Neste trabalho, investigamos, e representamos formalmente, a diferença semântica entre sentenças progressivas imperfectivas e perfectivas, como 'Maria estava fumando' e 'Maria esteve fumando'. Seguimos a classificação de Kamp & Reyle, segundo a qual sentenças progressivas devem ser representadas por estados *s*. Deste modo, ambas as sentenças devem pertencer à mesma classe aspectual, ainda que não se igualem em significado. Para indicarmos a diferença entre as duas sentenças acima, acrescentamos uma nova relação à DRS que possibilita a representação de estados *s* apresentados de modo perfectivo.

Vimos que Kamp & Reyle fazem distinção entre duas classes aspectuais. Para Kamp, um estado deve ser apresentado necessariamente de modo imperfectivo; um evento, por outro lado, deve ser apresentado de modo perfectivo. Nos afastamos de Kamp & Reyle à medida que, apesar de considerarmos que um evento (*acc.* e *achiev.*) deve necessariamente ser apresentado de modo perfectivo, acreditamos que os estados, ao menos no caso do português, podem ser apresentados de ambas as formas: perfectiva ou imperfectiva.

Assim, para representarmos os estados imperfectivos, mantivemos a condição de Kamp & Reyle ($s \text{ O } t$); não obstante, para representarmos um estado apresentado (com forma simples ou progressiva) de modo perfectivo, como em 'João esteve aqui' ou 'João esteve trabalhando', introduzimos, inspirados em Godoy (1992), uma nova condição: ' $s \subseteq t$ '.

No que tange à habitualidade, concluímos que esta pode ser expressa em português por sentenças com forma simples ou progressiva, como em 'João trabalhava no mercado' ou 'João estava estudando à noite', desde que sejam apresentadas de modo imperfectivo. Observamos ainda que as formas progressivas parecem 'mais imperfectivas' que as formas simples à medida que não movem o tempo da narrativa em seqüências como 'Quando eu chegava, ele estava trabalhando' (ao contrário de 'Quando eu chegava, ele trabalhava', onde a segunda eventualidade acontece depois da primeira).

Por último, vimos que, para o tratamento temporal das sentenças na seqüência do discurso, a DRT estabelece duas noções de tempo de referência: um tempo de referência (TPpt.) para interpretar o tempo gramatical da sentença (que corresponde ao ponto que Reichenbach aponta como essencial para a interpretação de sentenças no *past perfect*), e um outro tempo (Rpt) para indicar a progressão da narrativa.

Consideramos este trabalho particularmente relevante para o estudo do aspecto do português porque a análise apresentada aqui não encontra precedentes, e parece intuitivamente correta. Outrossim, o fato de termos usado a DRT para a representação formal do discurso garante o caráter inédito e atual deste trabalho. Ainda, temos razões para acreditar que a análise de outras línguas que gramaticalizam a (im)perfectividade na flexão do verbo pode ser conduzida da mesma maneira: o que pode vir a constituir objeto de novos estudos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACH, E. 1981. On Time, Tense and Aspect: An Essay in English Metaphysics. In: P. Cole (ed.) *Radical Pragmatics*. Academic Press, New York, 61-82.
- BENNETT and B. Partee. 1972. *Towards the Logic of Tense and Aspect in English*. Bloomington, Indiana University Linguistic Club.
- CANN, R. 1993. Time, tense and aspect. *Formal Semantics*, 233-262. Cambridge University Press.
- CHAFE, W. L. 1970. Meaning and the structure of language, 95-104. Chicago. University of Chicago Press.
- COMRIE, B. 1976. *Aspect*. Cambridge, England. Cambridge University Press.
- _____. 1985. *Tense*. Cambridge, England. Cambridge University Press.
- DAHL, Ó. 1985. *Tense and Aspect Systems*. Oxford.
- DAVIDISON, D. 1980. *Essay on actions and events*. Oxford: Clarendon Press.
- DECLERCK, R. 1979. On the progressive and the imperfective paradox. *Linguistics and Philosophy*, 3, 267-272.
- _____. 1986. From Reichenbach (1947) to Comrie (1985) and beyond. *Lingua*, 70, 305-364. North-Holland.
- DOWTY, D. 1977. Toward a semantic analysis of verb aspect and the English 'imperfective' progressive. *Linguistics and Philosophy*, 1, 45-77.
- _____. 1979. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht, Holland.

Reidel Publishing Company, vol 7.

_____. 1986. The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics? *Linguistics and Philosophy*, 9, 37-61.

DRY, H. 1981. Sentence Aspect and the movement of narrative line. *Text* 1 (3), 233-240

GODOY, E. 1992. Aspectos do Aspecto. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp.

GRICE, H. P. 1975. 'Logic and Conversation'. In D. Davidson and Gilbert Harman (eds), *The Logic of Grammar*, Dickenson Publishing Co. , Encino, CA, 64 -74.

DAVIDSON, D and G. Harman. (eds) 1975., *The Logic of Grammar*, Dickenson Publishing Co. , Encino, CA.

HATAV, G. 1989. Aspects, Aktionsarten, and the Time line. *Linguistics* 27, 487-516.

HINRICHS, E. 1986. Temporal Anaphora in Discourse of English. *Linguistics and Philosophy* 9, 63 -82.

ILARI, R. e I. Mantoanelli. 1983. As formas progressivas do português. *Caderno de Estudos Lingüísticos* 5, 27 -60. São Paulo. Unicamp.

KENNY, A. 1963. *Action Emotion and Will*. London.

KAMP, H & U. Reyle. 1993. *From Discourse to Logic*. Netherlands. Kluwer Academic Publishers.

LYONS, J. 1977. *Semantics II*. Cambridge. Cambridge University Press.

MATEUS, M.1983. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra. Almedina.

- McCoard, Robert W. 1978. *The English Perfect: Tense Choice and Pragmatic Inferences* (North-Holland Linguistic Series 38), North-Holland Publishing Company, Amsterdam.
- MOENS, M. & Mark Steedman. 1988. Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics*, vol. 14. Número 2. University of Edinburgh, Scotland.
- PARTEE, B. 1984. Nominal and Temporal Anaphora. *Linguistics and Philosophy* 7, 243-286.
- PRINCE, E. 1973. 'Futurate Be-ing or why yesterday morning, I was leaving on the Midnight Special is OK'. Unpublished paper, read at the 1973 Summer Meeting of the Linguistic Society of America.
- PRIOR, A. 1967. *Past, Present and Future*. Oxford, Oxford University Press.
- REICHENBACH, H. 1966. *Elements of symbolic logic*, VII, 51. New York, The Macmillan Co, pp 287-298.
- REINHART, T. 1986. States, events and reference time. Handout of a lecture given at MIT.
- RYLE, G. 1949. *The Concept of Mind*. London, Barnes and Noble.
- SMITH, C.S. 1978. The syntax and interpretation of temporal expressions in english. *Linguistics and Philosophy* II, 43-72.
- STEEDMAN, M. 1988 *The Production of Time*. Unpublished.
- TRAVAGLIA, L.C. 1985. O aspecto verbal no português. Uberlândia. UF de Uberlândia.

VENDLER, Z. 1967. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York. Cornell University Press.

VERKUYL, H. J. 1972. *On the Compositional Nature of the Aspects*. Doct. Diss. , Dordrecht.

_____. 1993. *A Theory of Aspectuality*. Cambridge. Cambridge University Press.

VETTER, D. L. 1973. 'Someone Solves this Problem Tomorrow. *Linguistic Inquire* 4.1, 104 -108.

WRIGHT, G. von. 1968. *An Essay in Deontic Logic and the General Theory of Aktion* (*Acta Philosophica Fennica*).